



LEMONY SNICKET

Quem poderia ser
a uma hora dessas?

2
SÓ PERGUNTAS
ERRADAS
1



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



O selo jovem da Companhia das Letras

Caro leitor,

Foi pensando em você, que sabe o que procura nas estantes e está sempre ligado nas novidades, que a Companhia das Letras criou a **Seguinte**, selo voltado ao que há de melhor em aventura, romance e literatura pop, feito para jovens exigentes em busca de grandes histórias, narrativas inteligentes e muita diversão.

Com o mesmo cuidado na escolha e edição dos livros que você conhece da Cia. das Letras, o novo selo jovem da Companhia vai continuar publicando autores importantes do catálogo da editora — como Lemony Snicket, John Boyne e Cornelia Funke —, aliados a lançamentos diversos, imprevisíveis e vibrantes como a literatura deve ser.

Saiba mais em:

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte



Quem poderia ser
a uma hora dessas?



**LEMONY
SNICKET**

Ilustrações: Seth
Tradução: André Czarnobai

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

PARA: Walleye

DE: LS

ARQUIVAR EM: Manchado-pelo-mar,
relatórios sobre; roubo, investigações sobre; Tiro Furado; boças; tinta;
traições; et cetera.

1/4

cc: VFDh9



**Quem poderia ser
a uma hora dessas?**







1

Havia um vilarejo, uma garota e também um roubo. Eu estava no vilarejo, fora contratado para investigar o roubo, e achava que a garota não tinha nada a ver com aquilo. Eu tinha quase treze anos e estava errado. Sobre tudo. Eu devia ter feito a pergunta: “Por que alguém diria que roubaram uma coisa que nunca foi sua, pra começar?”. Em vez disso, fiz a pergunta errada — quatro perguntas erradas, mais ou menos. Esta é a história da primeira delas.

A Casa de Chá e Papelaria Cicuta é o tipo de lugar onde o chão parece estar sempre sujo, mesmo quando está limpo. E não estava limpo nesse dia em questão. A comida no Cicuta é ruim demais para se comer, em especial os ovos, que provavelmente são os piores ovos da cidade, incluindo aqueles que estão expostos no Museu do Mau Café da Manhã, onde os visitantes aprendem até que ponto podem arruinar seus ovos. O Cicuta vende canetas e papéis danificados e inúteis, mas o chá até que é bebível, e sua localização bem em frente à estação de trem faz dele um bom lugar para a gente sentar com nossos pais antes de embarcar num trem rumo a uma nova vida. Eu estava usando o terno que ganhei de presente de formatura. Tinha ficado pendurado no meu armário por semanas, como se fosse uma pessoa oca. Eu estava de mau humor e com sede. Quando o chá chegou, por um momento só pude ver o vapor. Eu havia dito adeus a uma pessoa muito rápido, e agora queria que tivesse

demorado mais. Disse a mim mesmo que aquilo não importava e que, certamente, não era hora pra ficar emburrado. “Você tem trabalho a fazer, Snicket”, disse a mim mesmo. “Não há tempo para ficar triste.”

“De qualquer forma, você vai encontrá-la em breve”, pensei, equivocadamente.

Então o vapor se dissipou e eu olhei para as pessoas que estavam comigo. É interessante olhar para a família de alguém e imaginar como ela pareceria a um estranho. Eu via um homem de ombros largos enfiado em um terno marrom e felpudo, que parecia deixá-lo desconfortável, e uma mulher tamborilando a mesa com as unhas, sem parar, o som parecendo o galopar de um cavalo pequeno. Ela tinha uma flor no cabelo. Os dois estavam sorrindo, especialmente o homem.

— Você ainda tem muito tempo antes do seu trem partir, filho — ele disse.

— Você gostaria de pedir alguma coisa pra comer? Ovos?

— Não, obrigado — eu disse.

— Estamos tão orgulhosos do nosso garotinho — disse a mulher, que talvez pudesse parecer nervosa a alguém que a estivesse observando com cuidado. Ou talvez não. Ela parou de tamborilar os dedos na mesa e os passou pelo meu cabelo. Em breve, precisarei de um corte. — Você deve estar tinindo de entusiasmo.

— Acho que sim — eu disse, mas não estava tinindo. E não estava sentindo absolutamente nada.

— Ponha o guardanapo no colo — ela me disse.

— Já pus.

— Bem, então beba seu chá — ela disse, e outra mulher entrou no Cicuta. Não olhou para mim ou minha família, nem para qualquer outro lugar. Passou raspando na minha mesa, muito alta e com uma grande cabeleira selvagem. Seus sapatos faziam barulho quando ela caminhava. Ela parou numa gôndola de envelopes e pegou o primeiro que viu. Depois jogou uma moeda para a

mulher atrás do balcão, que a pegou quase sem olhar, e então saiu pela porta. Com todo aquele chá sobre as mesas, parecia que um dos seus bolsos estava fumegando. Fui o único que a notou. Ela não olhou para trás.

Existem dois bons motivos para se pôr um guardanapo no colo. Um é que a comida pode cair, e é melhor que manche o guardanapo do que a roupa. O outro é que pode servir como um esconderijo perfeito. Praticamente ninguém seria intrometido a ponto de tirar o guardanapo do colo de alguém para ver o que está escondido embaixo. Dei um longo suspiro e olhei para o meu colo, como se estivesse perdido em meus pensamentos, e então, rápida e silenciosamente, desdobrei e li o bilhete que a mulher havia deixado ali.

SAIA PELA JANELA NO BANHEIRO
E ME ENCONTRE NO BECO ATRÁS DESTA LOJA.
ESTAREI ESPERANDO NO ESPORTIVO VERDE.
VOCÊ TEM CINCO MINUTOS. — S

“Esportivo”, eu sabia, era uma maneira afetada de dizer “carro”, e eu não conseguia parar de imaginar que tipo de pessoa perderia seu tempo escrevendo “esportivo” quando bastava usar “carro”. Também não conseguia parar de imaginar que tipo de pessoa assinaria um bilhete secreto, ainda que fosse apenas com a letra S. Um bilhete secreto é secreto. Não há motivo para assiná-lo.

— Tudo bem, filho?

— Com licença — eu disse, levantando. Coloquei o guardanapo sobre a mesa e fiquei segurando o bilhete amassado na mão.

— Beba seu chá.

— Mãe — eu disse.

— Deixe-o, querida — disse o homem de terno marrom. — Ele tem quase treze anos. É uma idade difícil.

Levantei e caminhei até os fundos do Cicuta. Provavelmente, já tinha passado um minuto. A mulher atrás do balcão ficou me observando enquanto eu olhava para os lados. Nos restaurantes, eles sempre nos obrigam a perguntar onde fica o banheiro, mesmo quando é a única coisa que poderíamos estar procurando. Disse a mim mesmo que não devia ficar envergonhado.

— Se eu fosse um banheiro — perguntei à mulher —, onde eu ficaria?

Ela apontou para um corredorzinho. Notei que a moeda ainda estava em sua mão. Entrei rapidamente no corredor, sem olhar para trás. Eu não veria a Casa de Chá e Papelaria Cicuta outra vez por muitos e muitos anos.

Caminhei até o banheiro e vi que não estava só. Consegui pensar em apenas duas coisas para fazer no banheiro enquanto aguardava ficar só. Fiz uma delas, que era ir até a pia e jogar água gelada no rosto. Aproveitei a oportunidade para enrolar o bilhete numa toalha de papel e enfiar embaixo da água para destruí-lo. Joguei tudo fora. É provável que ninguém procure por ele.

Um homem saiu do reservado. Nossos olhares se cruzaram no espelho.

— Você está bem? — ele perguntou. Eu devia estar parecendo nervoso.

— Eu comi aqueles ovos — disse. Ele lavou as mãos e saiu. Fechei a torneira e olhei para a única janela. Era pequena, quadrada e tinha uma tranca muito simples. Até uma criança poderia abri-la, o que era bom, já que eu era uma criança. O problema é que ficava a uns três metros de altura, numa quina do banheiro. Mesmo na ponta dos pés eu não conseguia nem chegar perto da tranca. Qualquer idade seria difícil para alguém que precisasse sair por aquela janela.

Entre no reservado. Atrás do vaso havia um grande embrulho feito com papel pardo e barbante, mas meio frouxo, como se ninguém se importasse se poderia ou não ser aberto. Encostado na parede daquele jeito, não chamava muito a atenção. Dava a impressão de ser alguma coisa de que o Cicuta poderia precisar, ou uma ferramenta esquecida pelo encanador. Não parecia ser da minha conta. Eu o puxei para o meio do reservado e fechei a porta enquanto

rasgava o papel. Não a tranquei. Um homem com ombros fortes seria capaz de abrir uma porta dessas à força mesmo que estivesse trancada.

Era uma escada dobrável. Sabia que estava ali. Eu mesmo a havia colocado.

Devo ter levado um minuto até encontrar o bilhete, mais um para ir até o banheiro, mais um esperando que o homem saísse, e outros dois para armar a escada, destrancar a janela e dar um meio salto, meio escorregão pela janela e cair sobre uma poça de água no beco. No total, cinco minutos. Limpei a água enlameada das minhas calças. O esportivo era pequeno e verde, parecia ter sido um carro de corrida algum dia, mas agora havia só rachaduras e rangidos em toda sua carroceria arredondada. Aquele esportivo fora negligenciado. Ninguém tinha cuidado dele, e agora era tarde demais. Quando entrei, a mulher estava séria, sentada no banco do motorista. Sua cabeleira havia sido domada por um pequeno capacete de couro. As janelas estavam abertas, e a atmosfera chuvosa combinava com o clima dentro do carro.

— Eu sou S. Theodora Markson — ela disse.

— Eu sou Lemony Snicket — respondi e entreguei-lhe um envelope que trazia no bolso. Dentro havia o que poderíamos chamar de carta de apresentação, alguns parágrafos me descrevendo como excelente leitor, bom cozinheiro, músico medíocre e péssimo lutador. Tinha recebido instruções para não ler minha carta de apresentação, e acabei perdendo um tempo abrindo e depois fechando o envelope novamente.

— Sei quem você é — ela disse, jogando o envelope no banco traseiro. Ela olhava pelo para-brisa como se já estivéssemos em movimento. — Houve uma mudança nos planos. Estamos com muita pressa. A situação é mais complicada do que você imagina ou do que poderia explicar diante da atual circunstância.

— Diante da atual circunstância — repeti. — Você quer dizer “agora”?

— Claro que é isso que eu quero dizer.

— Se estamos com pressa, por que você não diz simplesmente “agora”?

Ela se inclinou na minha direção e abriu a porta.

— Saia — ela disse.

— O quê?

— Ninguém fala comigo desse jeito. Seu antecessor, o jovem que trabalhou para mim antes de você, nunca falou comigo desse jeito. Nunca! Saia!

— Desculpe — eu disse.

— Saia.

— Desculpe — eu disse.

— Você quer trabalhar pra mim, Snicket? Você quer que eu seja sua tutora?

— Sim — respondi, olhando para o beco.

— Então preste atenção. Não sou sua amiga. Não sou sua professora. Não sou sua mãe ou uma guardiã ou alguém que vá tomar conta de você. Sou sua tutora, e você é meu aprendiz, palavra que significa “pessoa que trabalha para mim e que faz absolutamente tudo que eu mando fazer”.

— Estou contrito — eu disse —, palavra que significa...

— Você já pediu desculpas — disse S. Theodora Markson. — Não se repita. Isso não é apenas repetitivo, é redundante, e as pessoas já ouviram isso antes. Não é adequado. Não é inteligente. Eu sou S. Theodora Markson. Você pode me chamar de Theodora ou de Markson. Você é o meu aprendiz. Você trabalha para mim, e você vai fazer tudo que eu mandar. Vou te chamar de Snicket. Não existe jeito fácil de treinar um aprendiz. Minhas ferramentas são o exemplo e a cobrança. Vou mostrar a você o que eu faço, e depois vou mandar você fazer outras coisas. Entendeu?

— O que o S quer dizer?

— Sempre fazendo as perguntas erradas — ela retrucou, e então ligou o motor. — Você deve achar que sabe tudo, Snicket. Você deve estar muito orgulhoso por ter se formado e por ter conseguido escapar pela janela de um banheiro em cinco minutos e meio. Mas você não sabe de nada.

S. Theodora Markson tirou uma de suas mãos do volante e esticou o braço sobre o painel do esportivo. Ela usava luvas. Foi só então que vi a xícara de chá,

ainda fumegante. Na sua lateral estava escrito CICUTA.

— Você nem deve ter notado que eu peguei o seu chá, Snicket — ela disse, inclinando-se sobre mim e arremessando o chá pela minha janela. O chá ficou fumegando no chão e, por alguns segundos, vimos uma nuvem estranha se formar naquele beco. O cheiro era doce e inadequado, como o de uma flor perigosa.

— Láudano — ela disse. — É um opiáceo. Um medicamento. Um sonífero. — Ela se virou e me olhou pela primeira vez. Pareceu-me simpática, eu diria, mas não a ela. Parecia ser uma mulher que tinha muito o que fazer, que era exatamente o que eu imaginava. — Três goles dessa coisa e você ficaria incoerente, palavra que quer dizer que você balbuciará, não falará coisa com coisa e ficaria quase desacordado. Você jamais teria embarcado naquele trem, Snicket. Seus pais o levariam correndo daquele lugar para outro lugar, lugar em que, posso garantir, você não gostaria de estar.

A nuvem desapareceu, mas eu continuei olhando em sua direção. Eu me senti completamente sozinho naquele beco. Se tivesse tomado meu chá, nunca estaria naquele esportivo, e se nunca tivesse estado naquele esportivo, eu nunca terminaria caindo dentro da árvore errada, ou entrando no porão errado, ou destruindo a biblioteca errada, ou encontrando todas aquelas respostas erradas para as perguntas erradas que eu estava fazendo. S. Theodora Markson tinha razão. Eu não tinha ninguém para cuidar de mim. Eu estava com fome. Bati a porta do carro e olhei nos seus olhos.

— Aqueles não eram meus pais — eu disse, e então nós partimos.



2

Se você pedir à bibliotecária certa, e conseguir o mapa certo, poderá encontrar o minúsculo vilarejo de Manchado-pelo-mar, que fica a meio dia de distância viajando de carro. O vilarejo não fica nada perto do mar, mas no final de uma longa e acidentada estrada sem nome e que não pode ser encontrada em nenhum mapa. Sei disso porque foi em Manchado-pelo-mar que passei pelo meu aprendizado, e não na cidade grande, onde supus que seria. Eu não sabia disso até que S. Theodora Markson passou pela estação de trem sem sequer diminuir a velocidade.

— Não vamos pegar o trem? — perguntei.

— Outra pergunta errada — ela disse. — Avisei que houve uma mudança nos planos. O mapa não é o território. Essa expressão significa que o mundo não corresponde à imagem que temos em nossas cabeças.

— Pensei que trabalharíamos na cidade.

— Foi exatamente o que eu disse, Snicket. Você *pensou* que iríamos trabalhar na cidade, mas nós não vamos.

Meu estômago bateu no piso do carro, que tremeu todo quando fizemos uma curva fechada próxima a um canteiro de obras. Uma equipe de operários estava escavando para dar início à construção da Fonte da Finança Vitoriosa. Amanhã, se fosse possível para um aprendiz dar uma escapadinha na hora do

almoço, eu deveria me encontrar com alguém bem ali, na esperança de medir a profundidade do buraco que eles estavam cavando. Eu tinha conseguido uma nova trena justamente para esse propósito, uma que alcançava grande distância e voltava rapidinho para dentro do suporte com apenas um clique. O suporte tinha o formato de um morcego, e a fita era vermelha, dando a impressão de que o morcego tinha uma língua enorme. Eu me dei conta de que nunca mais voltaria a vê-la.

— Meu casaco — eu disse — ficou na estação de trem.

— Comprei algumas roupas pra você — disse Theodora, inclinando a cabeça protegida pelo capacete na direção do banco traseiro, onde avistei uma mala pequena, toda danificada. — Me passaram as suas medidas, elas devem servir. Se não servirem, você vai ter de ou perder ou ganhar peso ou altura. São roupas bem simples. A ideia é não chamar atenção.

Pensei que se eu usasse roupas muito grandes ou muito pequenas chamaria atenção das pessoas, e lembrei-me da pilha de livros que eu tinha escondido perto do morcego. Um deles era muito importante. Era sobre a história do sistema de esgotos da cidade. Eu tinha planejado tomar notas sobre o capítulo cinco do livro enquanto o trem atravessasse a cidade. Quando desembarcasse na estação Bellamy, eu amassaria as notas até formar uma bolinha e a arremessaria para a minha aliada sem ser visto. Ela estaria perto da prateleira de revistas da Livraria Bellamy. Tudo já havia sido mapeado, mas agora o território era diferente. Ela deve ter lido revistas por horas antes de pegar seu próprio trem para o seu próprio aprendizado, mas, e depois, o que ela faria? O que eu faria? Franzi a testa olhando pela janela, enquanto me fazia essas e outras perguntas inúteis.

— Não gosto de sua reticência — disse Theodora, quebrando meu silêncio amargo. — Reticência é uma palavra que quer dizer que você não está falando o suficiente. Diga alguma coisa, Snicket.

— Já chegamos? — perguntei, esperançoso, muito embora todos saibam que essa é uma pergunta que não se deve fazer ao motorista de um carro. Então tentei um “para onde estamos indo?”, mas Theodora não respondeu imediatamente. Ela mordia os lábios, como se também estivesse decepcionada com alguma coisa, então tentei outra pergunta que achei que ela pudesse gostar mais. — O que o S quer dizer?

— Só Deus sabe — ela respondeu, e era verdade. Em pouco tempo havíamos deixado para trás a vizinhança, o bairro e a cidade, e agora seguíamos por uma estrada cheia de curvas, que me fez agradecer por ter comido pouco. O ar tinha um cheiro tão estranho que tivemos de fechar as janelas do esportivo, e parecia chover. Fiquei olhando pela janela, vendo o dia entardecer. Havia poucos carros na estrada, mas todos estavam em melhor estado que o de Theodora. Quase caí no sono duas vezes, pensando nos lugares e pessoas daquela cidade que eram muito importantes para mim, e na distância entre nós que ia aumentando cada vez mais, até ficar tão grande que mesmo o morcego mais linguarudo do mundo não poderia encostar de novo a língua na vida que eu estava deixando para trás.

Um novo barulho me despertou de meus pensamentos. A estrada tinha se tornado irregular e quebradiça. Theodora dirigia por uma colina tão inclinada que eu nem conseguia ver o seu fim pelas janelas sujas do esportivo.

— Estamos andando sobre conchas — disse minha tutora. — Esta última parte da estrada é toda de conchas e pedras.

— Quem faria uma estrada assim?

— Pergunta errada, Snicket — ela respondeu. — Ninguém fez nada, isso não é exatamente uma estrada. Todo este vale ficava embaixo da água. Ele foi drenado há alguns anos. Entende agora por que seria impossível pegarmos o trem?

Imediatamente soou um apito. Decidi não falar nada. Theodora olhou pra mim do mesmo jeito, e depois voltou-se para a janela. Não muito distante de

nós corria um apressado e delgado trem, equilibrando-se bem no alto do vale acidentado por onde seguíamos. Os trilhos passavam sobre uma ponte enorme e muito alta, que fazia curva para fora da costa e chegava a uma ilha, que então não passava de uma montanha de pedras erguendo-se do vale ressecado. Theodora dirigiu o esportivo rumo à ilha e, à medida que nos aproximávamos, comecei a ver um conjunto de prédios — prédios de tijolos desbotados, cercados por um muro de tijolos desbotados. Uma escola, talvez, ou a propriedade de alguma família burra. Os prédios tinham sido elegantes algum dia, mas agora a maioria das janelas estava quebrada, e não havia sinal de vida. Fiquei surpreso ao ouvir, quando o esportivo passou debaixo da ponte, o som grave e profundo de um sino, vindo de uma torre alta, de tijolos, que parecia abandonada e triste sobre uma pilha de pedras.

Theodora limpou a garganta.

— Deve ter duas máscaras atrás de você.

— Máscaras? — perguntei.

— Não repita o que eu disse, Snicket. Você é um aprendiz, não um papagaio. Tem duas máscaras no banco traseiro. Nós precisamos delas.

Virei-me e encontrei os itens em questão, mas precisei dar uma boa olhada neles até criar coragem para pegá-los. As duas máscaras, uma para adulto e outra para criança, eram feitas de um metal prateado brilhante, com um emaranhado de cabos de borracha e filtros na parte de trás. Na frente havia pequenas aberturas para os olhos e uma pequena dobra para o nariz. Não havia nada no lugar da boca, de modo que as máscaras me encaravam de forma silenciosa e assustadora, como se soubessem que toda essa jornada era uma má ideia.

— Concordo totalmente — eu disse a elas.

Theodora franziu a testa.

— Aquele sino significa que devemos vestir essas máscaras. A palavra “vestir” significa que devemos “pôr em nossas cabeças”. Se não, a pressão nessa

profundidade vai dificultar a nossa respiração.

— Pressão?

— Pressão da água, Snicket. Ela está em toda parte ao nosso redor. Com ou sem máscara, você precisa usar a sua cabeça.

Minha cabeça me disse que não entendeu como poderia haver pressão da água ao nosso redor. Não havia nenhuma água ali. Eu me perguntava pra onde a água teria ido quando drenaram aquela parte do mar, e devia mesmo ter perguntado. Mas achei que era a pergunta errada e perguntei algo diferente no lugar:

— Por que fizeram isso? Por que drenaram a água do mar?

S. Theodora Markson pegou uma das máscaras das minhas mãos e a colocou em sua cabeça, sobre o capacete.

— Para salvar o vilarejo — ela disse, com a voz abafada. — Ponha sua máscara, Snicket.

Fiz o que Theodora mandou. A máscara era escura por dentro e tinha o cheiro levemente parecido com o de uma caverna ou de um armário que não foi aberto por um tempo. Alguns tubos se amontoavam na frente da minha boca, como minhocas diante de um peixe. Eu pisquei para Theodora através da abertura, e ela piscou de volta.

— A máscara está funcionando? — ela perguntou.

— Como é que eu sei se ela está?

— Se você consegue respirar, ela está funcionando.

Eu não disse a ela que já estava respirando antes. Algo mais interessante havia chamado minha atenção. Pela janela do esportivo, vi uma fileira de barris, grandes, velhos, redondos e destampados, posicionados próximos a umas máquinas enormes e muito estranhas. Elas lembravam grandes agulhas hipodérmicas, como se um médico estivesse planejando dar várias injeções em um gigante. Havia pessoas, aqui e ali — era impossível dizer se eram homens ou mulheres, pois usavam máscaras —, verificando as agulhas para se

assegurarem de que estavam funcionando corretamente. E estavam. Com o movimento de dobradiças e o giro de engrenagens, as agulhas mergulhavam fundo em buracos feitos no chão coberto de conchas e depois voltavam cheias de um líquido negro. As agulhas depositavam o líquido dentro dos barris, num jorro negro silencioso, e voltavam a mergulhar nos buracos. Elas faziam isso sem parar, e eu observava tudo através das aberturas de minha máscara.

— Petróleo — arrisquei.

— Tinta — Theodora me corrigiu. — O nome do vilarejo é Manchado-pelo-mar. Claro que não é mais pelo mar, já que ele foi drenado. Mas o vilarejo ainda produz uma tinta que já foi famosa por fazer as manchas mais escuras e permanentes de que se tem notícia.

— E a tinta está naqueles buracos?

— Aqueles buracos são cavernas longas e estreitas — disse Theodora —, como poços. E elas estão cheias de polvos. É deles que vem a tinta.

Pensei numa amiga que também havia acabado de se formar, uma garota que sabia tudo sobre a vida marinha.

— Pensei que os polvos só produzissem tinta quando estão assustados.

— Aquelas máquinas devem ser bem assustadoras para um polvo — disse Theodora, conduzindo o esportivo por um caminho estreito e inclinado, que subia em direção ao alto de uma colina íngreme e escarpada. Lá de cima pude ver uma luz fraquinha e pulsante em meio ao acinzentado da tarde. Levei um minuto para perceber que era um farol, construído no penhasco para que se pudesse observar o que um dia foram ondas e águas e agora era apenas uma paisagem assustadora. O esportivo seguia escalando a colina quando olhei pela janela de Theodora e notei que, do lado oposto aos poços de tinta, a visão era ainda mais estranha.

— É a Floresta Aglomerada — disse Theodora, antes que eu pudesse perguntar. — Quando drenaram o mar, todos acharam que as algas iam definhar e morrer. Mas sei que, por alguma razão misteriosa, as algas

aprenderam a crescer na terra seca, e agora há uma floresta enorme delas, que se estende por quilômetros e quilômetros. Nunca entre ali, Snicket. É um lugar selvagem e sem leis, impróprio tanto para homens quanto para feras.

Ela não precisava ter me dito para não entrar na Floresta Aglomerada. Já era assustador o bastante apenas olhar pra ela. Não parecia bem uma floresta, mas uma massa infinita de arbustos, com as folhas brilhosas das algas retorcendo-se por todos os lados, como se as plantas ainda estivessem debaixo da água. Mesmo com as janelas fechadas, eu sentia o cheiro da floresta, um aroma salgado de peixe e terra, e ouvia o farfalhar de milhares de feixes de algas que tinham, de alguma forma, sobrevivido à drenagem do mar.

O sino tocou mais uma vez quando o esportivo finalmente chegou ao topo da colina, indicando que o perigo havia passado. Tiramos nossas máscaras, e Theodora guiou até uma estrada pavimentada de verdade, que passava pelo farol piscante e descia por um caminho cheio de árvores. Passamos por um pequeno chalé branco e acabamos parando na entrada de uma mansão tão grande que parecia que diversas mansões tinham se amontoado no mesmo lugar. Algumas partes lembravam um castelo, com torres compridas se estendendo para o céu. Outras, com uma lona grossa e cinzenta esticada sobre um jardim ornamentado com fontes e estátuas, pareciam mais um acampamento. E havia partes que lembravam mais um museu, com uma imponente porta de entrada e enormes fileiras de janelas. A vista daquelas janelas deve ter sido bonita um dia, as ondas quebrando embaixo dos penhascos. Mas agora não era mais. Olhei para baixo e vi a Floresta Aglomerada tremulando lentamente, como roupas estranhas penduradas num varal. Ao longe, a visão das agulhas esguichando tinta dentro dos barris.

Theodora parou o carro, saiu, alongou-se e tirou as luvas e o capacete de couro. Finalmente pude dar uma boa olhada naquela cabeleira densa e comprida, que era uma visão quase tão estranha quanto tudo que eu tinha visto no caminho. Eu precisava cortar o cabelo, mas S. Theodora Markson fazia com

que eu parecesse careca. Seu cabelo se expandia em todas as direções em longas fileiras cacheadas, como uma cachoeira de lã emaranhada. Era muito difícil ouvi-la com tantos fios na minha frente.

— Ouça, Snicket — disse minha tutora. — Você está em período de experiência. Sua tendência de fazer muitas perguntas e se portar de modo rude está me deixando relutante em contratá-lo. “Tendência” é uma palavra que, neste contexto, quer dizer hábito.

— Eu sei o que tendência quer dizer — respondi.

— É exatamente disso que estou falando — disse Theodora, de forma severa, passando a mão nos seus cabelos na tentativa de domá-los. Mas era impossível domá-los. Eram como sanguessugas. — Nosso primeiro cliente mora aqui, e esta é a primeira vez que vamos encontrá-lo. Você deve falar o mínimo possível e me deixar fazer todo o serviço. Sou excelente no meu trabalho, e você poderá aprender muito desde que fique quieto e lembre-se de que é apenas um mero aprendiz. Entendeu?

Entendi. Logo depois da formatura recebi uma lista de pessoas das quais eu poderia ser aprendiz, organizada de acordo com o sucesso delas em suas empreitadas. Havia cinquenta e dois tutores na lista. S. Theodora Markson era a número cinquenta e dois. Ela estava errada. Ela não era excelente no seu trabalho, e era por isso que eu queria ser seu aprendiz. O mapa não é o território. Eu tinha imaginado trabalhar como aprendiz na cidade grande, onde eu poderia executar alguma tarefa importante, com alguém em quem eu poderia confiar inteiramente. Mas o mundo não batia com a imagem na minha cabeça, então, em vez disso, eu estava com essa pessoa esquisita e despenteada, diante de um mar sem água e uma floresta sem árvores.

Acompanhei Theodora por uma longa escadaria de tijolos até a porta da frente, onde ela tocou a campainha seis vezes seguidas. Ali, parados na porta errada do lugar errado, aquilo parecia a coisa errada a se fazer. Mas fizemos mesmo assim. Saber que uma coisa está errada e mesmo assim fazê-la é algo

que acontece com bastante frequência na vida, e duvido que algum dia eu saiba o porquê.



3

Depois do sexto toque da campainha, pude ouvir passos se aproximando da porta, mas meus pensamentos tinham me levado a outro lugar. Em vez de estar diante da porta de uma mansão num lugar estranho e longínquo, eu me imaginava de volta à cidade, ao lado de um buraco, com a minha trena e a minha fiel escudeira. Eu me imaginava em posse de todas as coisas que havia colocado na minha mala. Fingia que não precisava de uma máscara estranha e brilhosa. E, o mais importante, na visão que fazia de mim mesmo eu não estava com tanta fome. Eu tinha planejado comer alguma coisa no trem, mas em vez disso viajara uma grande distância no esportivo de Theodora sem comer sequer um mísero biscoito. Embora em minha mente eu estivesse bastante satisfeito após uma excelente refeição, em Manchado-pelo-mar meu estômago roncava de forma bastante horrorosa.

Por causa disso, não prestei muita atenção no mordomo que nos deixou entrar, nem no corredor pelo qual ele nos levou antes de abrir uma porta dupla e nos pedir para esperar na biblioteca. Eu devia estar mais atento. Um aprendiz deve prestar muita atenção aos detalhes de um novo lugar, especialmente se os móveis parecem não combinar com a sala, ou se a biblioteca possui apenas meia dúzia de livros. Mas sequer olhei para trás quando o mordomo fechou a porta. Em vez disso, percorri com os olhos a sala grande e mal iluminada até

encontrar uma mesinha clara, onde havia uma bandeja contendo um prato com uma dúzia de biscoitos. Fui até lá para ver mais de perto. Eram biscoitos de amêndoas, mas se fossem de espinafre e sola de sapato eu não me importaria. Comi onze, um atrás do outro. É falta de educação pegar o último.

Theodora estava sentada em um sofá pequeno e me encarava, aborrecida.

— Isso não foi adequado, Snicket — ela disse, sacudindo a cabeça. — Não foi mesmo.

— Guardei um pra você — eu disse.

— Sente aqui do meu lado e pare de falar — disse Theodora, batendo no sofá com uma das luvas. — O mordomo nos disse para esperar, e é isso que vamos fazer.

E foi isso que fizemos. Esperamos tanto que fui procurar alguma coisa para ler. Os poucos livros que estavam nas estantes pareciam ser do tipo que se larga na metade e nunca mais se volta a ler. Li cinco capítulos de um livro sobre um garoto chamado Johnny. Ele vivia nos Estados Unidos quando os Estados Unidos ainda pertenciam à Inglaterra. Um dia ele queimou a mão e não pôde mais trabalhar fundindo prata, que parecia ser um ramo muito desgraçado mesmo, então acabou se interessando pela política local. Lamentei pelo cara, mas tinha outras coisas na cabeça e coloquei o livro de volta na estante, bem no momento em que a porta dupla se abriu e uma velhinha entrou na biblioteca mancando, apoiada numa bengala negra.

— Obrigada por esperar — ela disse, numa voz ainda mais chiada do que eu esperava. — Sou a senhora Murphy Sallis.

— S. Theodora Markson — disse S. Theodora Markson, levantando-se rapidamente e me puxando junto. — Eu havia sido informada que o meu cliente era um homem.

— Eu não sou um homem — disse a mulher, fechando o rosto.

— Estou vendo — disse Theodora.

— É um prazer conhecê-la — eu disse. Theodora me censurou com o olhar, mas a sra. Murphy Sallis abriu um breve sorriso e me estendeu sua mão, suave e mole como uma alface velha.

— Que menino encantador — ela disse, e depois voltou a fechar a cara para Theodora. — O que o S quer dizer?

— Saiba que este é o meu aprendiz — disse Theodora, entregando um envelope à velhinha.

A sra. Sallis o abriu e se acomodou na maior cadeira para ler a carta que havia dentro, sem nos oferecer mais biscoitos. Mesmo na sala mal iluminada eu conseguia ver uma insígnia no papel, igual à que havia na minha carta de apresentação. Mas não dei muita bola. A velhinha parecia tão interessada na carta quanto eu estava na história de Johnny, o ferreiro.

— Isso é o suficiente — ela disse, colocando a carta na bandeja e dando uma rápida olhada no prato coberto de migalhas. Então, depois de soltar um profundo suspiro, como se estivesse se preparando para uma performance importante, a sra. Sallis olhou para Theodora e começou a falar.

— Preciso desesperadamente da sua ajuda — disse. — Um objeto inestimável foi roubado de minha casa, e preciso reavê-lo.

— Antes — disse Theodora —, precisamos saber que objeto é este.

— Sei disso — ela disse, irritada. — Eu já ia dizer. É uma estatueta pequena, quase do tamanho de uma garrafa de leite. É feita de uma espécie extremamente rara de madeira, muito negra e reluzente. Essa estatueta está na minha família há várias gerações e vale uma grande quantia em dinheiro.

— Uma grande quantia em dinheiro — repetiu Theodora, pensativa. — Quando ela foi roubada?

— Isso eu não sei — disse a sra. Sallis. — Faz algum tempo que não venho a esta sala, e normalmente a estatueta ficava aqui, na biblioteca, naquela prateleira.

Olhamos para a prateleira. Realmente não havia nada ali.

— Dois dias atrás entrei aqui para procurar alguma coisa e notei que ela não estava lá. Ando muito chateada desde então.

— Hum — disse Theodora, caminhando rapidamente até as janelas, que estavam cobertas por cortinas pesadas. Ela as afastou e tentou abrir as janelas, primeiro uma e depois a outra. — Elas estão trancadas.

— Elas estão sempre trancadas — respondeu a sra. Sallis.

— Hum — Theodora foi lentamente até a prateleira e inclinou a cabeça para poder vê-la mais de perto. Mais uma vez constatou que não havia nada lá. Ela deu dois passos longos e lentos para trás e então olhou para o teto. — O que tem em cima desta sala?

— Uma pequena sala de estar, acredito — disse a velhinha.

— O ladrão pode ter entrado por essa sala — disse Theodora. — Ele ou ela teria de fazer um buraco no teto, é claro, mas depois a gravidade faria o resto, deixando-o bem na frente da prateleira.

Todos na biblioteca olharam para o teto, que era vermelho e inexpressivo como a superfície de uma maçã.

— Cola — disse Theodora. — Cola e gesso podem ter encoberto tudo.

— Eu sei quem a roubou — disse a velhinha, pondo a mão na testa.

Theodora tossiu:

— Bom, isso não quer dizer necessariamente que eles não teriam entrado pelo teto.

— Quem a roubou? — perguntei.

A velhinha levantou-se e foi mancando até uma das janelas. Ela apontou para o farol pelo qual passamos no caminho.

— A família Mallahan — ela disse. — Eles têm sido inimigos da minha família há muito tempo. Sempre ameaçaram roubar a estatueta, e agora, finalmente, conseguiram.

— Por que a senhora não chamou a polícia? — perguntei.

A sra. Murphy Sallis pareceu surpresa e desorientada por alguns segundos até que Theodora interferiu.

— Porque ela *nos* chamou — disse. — Pode ficar tranquila, senhora Sallis. Nós vamos encontrar sua estatueta e entregar os ladrões nas mãos da Justiça.

— Só quero que a estatueta volte para o seu legítimo dono — disse rapidamente a velhinha. — Não quero que ninguém saiba que vocês estão trabalhando para mim, e não quero que façam nada contra os Mallahan. Eles são boa gente.

Não é comum ouvir alguém se referir a antigos inimigos de família como “boa gente”, mas Theodora balançou a cabeça e disse:

— Entendi.

— Você entendeu mesmo? — a velhinha quis saber. — Promete trazer a estatueta de volta ao seu legítimo dono e promete ser discreta com relação à minha identidade?

— Sim, sim, é claro — disse minha tutora, fazendo um gesto rápido com a mão, como se um inseto tivesse passado perto do seu rosto.

— E quanto a você, juvenzinho? Promete? — disse a sra. Sallis olhando para mim.

Olhei pra ela também. Pra mim, uma promessa não é um inseto voando perto do meu rosto. É uma promessa.

— Sim — eu disse. — Prometo trazer a estatueta de volta ao seu legítimo dono, e prometo ser discreto com relação à identidade de quem nos contratou.

— A senhora Sallis *me* contratou — disse Theodora, muito séria. — Você é apenas meu aprendiz. Bem, senhora Sallis, acho que terminamos a nossa conversa.

— Talvez a senhora Sallis pudesse nos dizer com o que a estatueta se parece — eu disse.

— Perdão — disse Theodora à sra. Sallis. — Meu aprendiz aparentemente não estava ouvindo. Mas eu estava. É do tamanho de uma garrafa de leite e

feita de uma madeira negra e reluzente.

— Mas o que era a estatueta?

A sra. Murphy Sallis aproximou-se mancando e nos lançou um olhar longo e sombrio.

— A Fera Ressoante — ela disse. — É uma criatura mítica que lembra um pouco um cavalo-marinho. Sua cabeça é assim.

Ela tirou uma das mãos da bengala, revelando a cabeça de uma criatura esculpida em sua extremidade. Lembrava um cavalo-marinho tanto quanto um gavião lembra uma galinha. Os olhos eram pequenos e ferozes, e os lábios se abriam num rosnado que revelava fileiras e mais fileiras de dentes minúsculos e afiados. Mesmo na ponta de uma bengala, parecia o tipo da coisa que ninguém ia gostar de ver. Mas muita gente coloca coisas esquisitas em suas prateleiras.

— Obrigada — disse Theodora, num tom jovial. — Daremos notícias, senhora Sallis. Estamos indo embora.

— Obrigada — disse a velhinha, soltando mais um longo suspiro, enquanto caminhávamos pelo corredor até deixar a mansão. O mordomo estava no gramado, de costas para nós, com uma tigela cheia de sementes que ele jogava para alguns pássaros barulhentos. Eles assobiavam para ele e ele assobiava de volta, imitando perfeitamente aquele canto. Teria sido bom ficar observando a cena por mais alguns minutos, e era o que eu queria ter feito. Mas, em vez disso, Theodora ligou o motor do esportivo, colocou seu capacete e, antes mesmo que eu pudesse fechar a porta, já estávamos em movimento.

— Esse caso vai ser fácil! — ela comemorou alegremente. — Não é toda hora que um cliente nos dá o nome do criminoso. Você está me dando sorte, Snicket.

— Se a senhora Sallis sabia quem era o ladrão — perguntei —, por que ela não chamou a polícia?

— Isso não importa — disse Theodora. — O que precisamos descobrir é como os Mallahan entraram pelo teto.

— Nós não sabemos se eles entraram pelo teto — eu disse.

— As janelas estavam trancadas — disse Theodora. — Não havia outro jeito de entrar na biblioteca.

— Nós entramos por uma porta dupla — eu disse, mas Theodora sacudiu a cabeça e seguiu dirigindo. Passamos novamente pelo chalé branco e acabamos parando na frente do farol, que precisava de pintura e parecia estar meio inclinado.

— Escuta, Snicket — ela disse, tirando novamente o capacete. — Não podemos simplesmente bater na porta de uma casa de ladrões e dizer que estamos procurando as mercadorias roubadas. Precisamos de uma artimanha, palavra que significa pequena armação. E não venha me dizer que você já sabia o que significava. Na verdade, não diga nada. Você me ouviu, Snicket?

Eu a ouvi e, portanto, não disse nada. Ela marchou até a porta do farol e tocou a campainha seis vezes.

— Por que você sempre...

— Eu falei pra *não dizer nada* — sussurrou Theodora, bem quando a porta se abriu. Era um homem com roupão de banho e chinelos. Ele deu um enorme bocejo. Parecia pretender ficar vestido daquele jeito por um bom tempo.

— Sim? — ele disse, quando terminou de bocejar.

— Senhor Mallahan? — perguntou Theodora.

— Sou eu.

— O senhor não me conhece — ela disse, forçando um tom amigável. — Eu e meu marido estamos aqui em lua de mel, e somos loucos por faróis. Será que poderíamos entrar e conversar por alguns minutos?

Mallahan coçou a cabeça. Pensei em esconder as mãos nas costas porque não estava usando uma aliança, mas me ocorreu que havia muitos outros motivos para alguém não acreditar que um garoto de quase treze anos se casara com uma mulher da idade de Theodora, então acabei deixando as mãos onde estavam.

— Acho que sim — disse o homem, nos convidando a entrar numa pequena sala com uma grande escada em caracol. Não havia dúvidas de que a escada levava ao topo do farol, mas para chegar lá seria preciso passar por cima da garota sentada nos degraus com uma máquina de escrever. Ela parecia ter a minha idade, muito embora a máquina de escrever parecesse bem mais velha. Ela datilografou algumas linhas e parou para olhar e sorrir pra mim. Seu sorriso era bonito, bem como o chapéu que ela usava, marrom e arredondado como uma letra *a* minúscula. Ela ficou me olhando por trás da máquina, e eu percebi que seus olhos estavam cheios de perguntas. — Eu estava tentando achar o café — disse Mallahan, gesticulando na direção de uma porta aberta através da qual eu podia ver uma pequena cozinha repleta de pratos. — Você quer?

— Não — disse Theodora —, mas podemos conversar aí enquanto as crianças brincam.

Mallahan deu de ombros e entrou na cozinha, enquanto Theodora fez alguns gestos como se estivesse me enxotando. É sempre terrível quando nos dizem para brincar com alguém que a gente não conhece, mas subi as escadas até ficar de frente para a garota com a máquina de escrever.

— Sou Lemony Snicket — eu disse.

Ela parou de datilografar, tirou um cartãozinho de dentro da faixa do seu chapéu e me deu para ler.

MOXIE MALLAHAN. AS NOVAS.

— As novas — repeti. — Quais são as novas, Moxie?

— É o que estou tentando descobrir — ela respondeu, e datilografou mais algumas palavras. — Quem é aquela mulher que tocou a campainha? Como ela poderia ser casada com você? De onde vocês vieram? Por que vocês são loucos por faróis? Por que ela o enxotou? E *Snicket* se escreve como se fala?

— Sim — eu disse, respondendo primeiro à última pergunta. — Você é repórter?

— Eu sou a última repórter que sobrou em Manchado-pelo-mar — Moxie respondeu. — Está no meu sangue. Meu pai e minha mãe eram repórteres quando este lugar não era apenas um farol, mas também um jornal. *O Farol Manchado*. Talvez você já tenha ouvido falar.

— Nunca ouvi falar — eu disse —, mas não sou daqui.

— Bom, o jornal faliu — disse Moxie —, mas ainda tento descobrir tudo que acontece nesta cidade. E aí?

— E aí o quê?

— E aí, o que está acontecendo, Snicket? Me conte o que está rolando.

Ela colocou os dedos nas teclas, preparada para escrever o que eu dissesse. Seus dedos pareciam prontos para o serviço.

— Você sempre sabe tudo que acontece nesta cidade? — perguntei.

— Mas é claro — ela disse.

— Mesmo, Moxie?

— Mesmo, Snicket. Me conte o que está rolando e talvez eu possa ajudá-lo.

Parei de olhar para a máquina e me concentrei em seus olhos. A cor era muito interessante também, um cinza escuro, como se já tivessem sido negros, mas alguém os tivesse lavado ou talvez a feito chorar por muito tempo.

— Posso contar sem você anotar? — perguntei.

— Em *off*, você quer dizer?

— Isso, em *off*.

Ela enfiou a mão embaixo da máquina, apertou alguma coisa e o troço todo se dobrou até virar um quadrado com uma alça, parecido com uma maleta preta de metal. Foi um truque muito legal. “O que será isso?”

— Estou tentando resolver um mistério que diz respeito à Fera Ressonante — eu disse, olhando para a escada, a fim de me assegurar que mais ninguém estava ouvindo.

— A criatura mítica?

— Não, uma estatueta.

— Aquela quinquilharia? — ela disse, entre risos. — Vem comigo.

Ela levantou e subiu correndo a escada em espiral. Os sapatos faziam o tipo de barulho que deixaria sua mãe com dor de cabeça, se você tivesse uma mãe desse tipo. Eu a segui por alguns lances até uma grande sala com o pé-direito alto e pilhas de velharias quase tão altas quanto. Havia algumas máquinas grandes e empoeiradas, com manivelas cobertas de teias de aranha e botões que não eram tocados há anos. Havia mesas com cadeiras empilhadas sobre elas, e pilhas de papéis enfiadas debaixo de escrivaninhas. Dava pra dizer que, um dia, aquele foi um lugar muito agitado, mas, agora, Moxie e eu éramos as únicas pessoas ali, e toda aquela agitação não passava de um fantasma.

— Esta é a redação — ela disse. — *O Farol Manchado* ficava aqui, à beira-mar, produzindo notícias dia e noite; este era o centro de toda a operação. A gente revelava fotografias no porão, e os repórteres escreviam suas matérias na sala da lanterna. Imprimíamos o jornal com a tinta produzida no mesmo dia, e pendurávamos as folhas para secar na longa boça que sai pela janela.

— Boça? — eu disse, e ela correu para abrir a janela. Do lado de fora, pendendo sobre as árvores, dava pra ver um cabo grosso e comprido que descia pela colina até as janelas cintilantes da mansão que havíamos acabado de visitar.

— Parece que vai direto até a casa da senhora Sallis — eu disse.

— Os Mallahan e os Sallis são amigos há muitos anos — disse Moxie. — Nós tirávamos água do poço que está na propriedade deles, e nossos repórteres de ciência e jardinagem faziam pesquisas no terreno deles. Nosso editor alugava o chalé de hóspedes deles, e nós costumávamos acender as luzes do farol para iluminar as partidas deles de badminton à meia-noite. Mas claro que tudo isso acabou.

— Por quê?

— Não há tinta suficiente — disse Moxie. — A produção está reduzida aos últimos grupos de polvos. Este vilarejo inteiro está morrendo, Snicket. Temos uma biblioteca, uma delegacia de polícia e algum comércio tímido ainda funcionando, porém mais da metade dos prédios está totalmente abandonada. *O Farol Manchado* teve de suspender sua publicação. A maioria dos que trabalhavam na extração de tinta foi demitida. O trem passa aqui cerca de uma vez por mês. Em breve, Manchado-pelo-mar terá desaparecido para sempre. Minha mãe recebeu uma carta da cidade e partiu para trabalhar em outro jornal.

— Quando você vai se juntar a ela? — perguntei.

Moxie ficou por um momento olhando pela janela em silêncio, me dando uma ideia de quem poderia tê-la feito chorar. — Assim que eu puder — ela respondeu, suspirando, e me dei conta de que aquela tinha sido a coisa errada a se dizer.

— A Fera Ressonante — eu a lembrei.

— Ah, claro — ela disse, e foi até uma mesa coberta por um lençol. — A Fera Ressonante era uma espécie de mascote do jornal. Seu corpo era o F de *Farol*. Reza a lenda que, centenas de anos atrás, lady Mallahan havia assassinado a Fera Ressonante em uma de suas jornadas. Então, minha família sempre teve uma bela coleção de objetos relacionados à Fera, muito embora ninguém desse muita bola pra isso, exceto...

— Snicket! — A voz de Theodora veio lá debaixo. — Hora de ir embora!

— Só um minuto! — gritei de volta.

— Desça imediatamente, Snicket! — respondeu Theodora, mas eu não descí. Fiquei enquanto Moxie puxava o lençol, revelando uma mesa repleta de objetos que ninguém queria. Não importava quantas vezes a visse, a cara de cavalo-marinho da Fera Ressonante continuava horrenda. Havia três Feras Ressonantes de pelúcia, que alguém poderia dar a um bebê se quisesse assustá-lo, e um baralho com Feras Ressonantes impressas na parte de trás das cartas.

Havia canecas e tigelas de cereais da Fera Ressonante cheias de guardanapos da Fera Ressonante sobre jogos americanos da Fera Ressonante. Mas atrás desse equipamento para um café da manhã feroz, ao lado dos cinzeiros da Fera Ressonante e dos castiçais da Fera Ressonante, havia um objeto negro muito reluzente. Moxie o havia chamado de quinquilharia, e a sra. Murphy Sallis tinha dito que era um objeto inestimável. Tinha mais ou menos o tamanho de uma garrafa de leite e valeria uma grande quantia em dinheiro. Era a Fera Ressonante, a estatueta que estávamos procurando, tão empoeirada e esquecida quanto o resto dos objetos naquela sala.



— Snicket! — Theodora chamou mais uma vez, mas eu não respondi. Em vez disso, falei com a estatueta.

— Olá — eu disse. — O que você faz aqui?

Moxie me olhou e sorriu.

— Acho que o seu mistério está resolvido, Snicket — ela disse, mas essa, também, era a coisa errada a se dizer.



4

— Enquanto você perdia seu tempo com aquela garota de pé chato — disse Theodora, dando a partida no esportivo e vestindo seu capacete —, eu estava resolvendo o mistério. Tenho motivos para acreditar que a Fera Ressonante está precisamente naquele farol.

— Está mesmo — eu disse.

— Então estamos de acordo — disse Theodora. — Tive uma boa conversa com aquele senhor Mallahan. Ele me disse que costumava trabalhar no ramo dos jornais, mas ultimamente anda numa maré de má sorte! Aha!

Minha tutora me olhou como se quisesse que eu respondesse com outro *aha!*, mas tudo que eu pude dizer foi um “ah” tímido. Mais tarde eu mandaria o *ha* que ficou faltando. Passamos pela mansão no caminho até o centro do vilarejo. Moxie tinha razão. Era um lugar abandonado. Manchado-pelo-mar parecia ter sido uma cidade normal algum dia, com lojas cheias de coisas, restaurantes cheios de comida e pessoas procurando uma coisa ou outra. Mas agora a cidade toda havia se tornado cinza. Muitos prédios tinham janelas quebradas ou vedadas com tábuas, as calçadas haviam sido deixadas de lado e agora tinham enormes rachaduras, com garrafas e latas vazias rolando ao sabor de uma brisa monótona. Quarteirões inteiros estavam completamente vazios, sem nenhum carro além do nosso, e ninguém caminhando pelas ruas. Um

pouco mais adiante havia um prédio no formato de uma caneta, que se erguia sobre a cidade, como se Manchado-pelo-mar estivesse prestes a ser riscada do mapa. Eu não gostava daquela situação. Parecia que qualquer um poderia se mudar pra lá e fazer o que bem entendesse sem ninguém para impedir. A Floresta Aglomerada quase parecia mais amigável.

— Sem trabalho, sem mulher, um homem nessa situação pode ficar desesperado — Theodora dizia. — Desesperado o suficiente para roubar uma estatueta valiosa de um de seus inimigos. Quando perguntei a ele se havia alguma coisa na casa que valia muito dinheiro, ele me olhou de um jeito estranho e disse alguma coisa sobre sua única filha. Acho que ele deve ter escondido em algum lugar bem longe dali.

— Está lá em cima — eu disse —, numa mesa coberta por um lençol.

— O quê? — Theodora parou no sinal vermelho. Eu não tinha visto outros carros na rua. Só os semáforos estavam ali, dizendo a ninguém além de nós quando parar e quando seguir. — Como foi que você a encontrou?

— A filha dele me mostrou — eu disse. — Os pés dela não são chatos, por sinal. Seus sapatos é que são pesados.

— Não seja bobo — disse Theodora. — Como você fez para que ela mostrasse a estátua a você?

— Eu pedi — respondi.

— Ela deve ter sacado o que estamos fazendo — disse Theodora, franzindo a testa. — É melhor agirmos rápido se quisermos roubá-la de volta.

— E como é que a gente sabe que foi mesmo roubada? — perguntei.

— Não seja cabeça-oca, Snicket. A senhora Sallis nos disse que foi roubada de sua prateleira.

— Moxie disse que a estatueta pertencia à família dela. A fera era o mascote do *Farol Manchado*.

— Aquele farol não está manchado, só precisa de uma demão de tinta.

— Precisamos investigar mais — eu disse.

— Não, não precisamos — disse Theodora, com firmeza. — Não vamos chamar uma distinta senhora de mentirosa e acreditar na palavra de uma garotinha. Especialmente uma com um nome tão ridículo.

— Isso me lembra... — eu disse. — O que o S quer dizer?

— Engraçadinho — ela disse, sacudindo a cabeça enquanto estacionava o carro. Paramos na frente de um prédio com o telhado todo arqueado e a varanda cheia de plantas mortas em vasos quebrados. Em uma placa de madeira, que deve ter sido deslumbrante quando foi pintada, no século passado, lia-se BRAÇOS PERDIDOS.

— Esse vai ser o nosso quartel-general — disse Theodora, tirando o capacete e sacudindo a cabeleira. — Este lugar será nosso alojamento, nosso centro nervoso, nosso escritório e nosso posto de comando. É aqui que vamos ficar. Leve as malas, Snicket.

Ela subiu as escadas saltitando. Saí do esportivo e dei uma boa olhada naquela rua triste. Alguns metros abaixo, tinha um lugar aberto, um restaurante que parecia solitário chamado Faminto's. Para o outro lado, a rua terminava num beco, onde havia um grande edifício com pilares cinzentos esculpidos nos dois lados da entrada. Não havia ninguém por perto, e o único outro carro que vi foi um táxi amarelo meio amassado, estacionado na frente do restaurante. Eu estava faminto de novo, ou talvez ainda estivesse faminto. Alguma coisa dentro de mim com certeza estava vazia, mas quanto mais eu ficava ali parado, menos certeza tinha de que era o meu estômago. Então, eu me inclinei e tirei as duas malas do banco traseiro: a que Theodora disse que era minha e a outra, maior, que devia ser a dela. Foi extremamente difícil subir a escada com elas, e quando entrei no lobby do Braços Perdidos, eu as coloquei no chão por um minuto, para recuperar o fôlego.

O salão tinha um aroma complexo. Era como se muitas pessoas estivessem ali, mas, ao mesmo tempo, havia muito pouca coisa no lugar. Tinha um pequeno sofá ao lado de uma mesa ainda menor, e daquele ângulo era difícil

dizer qual dos dois era o mais encardido. Provavelmente empatavam. Sobre a mesa havia uma pequena tigela de madeira cheia de amendoins que ou eram salgados ou empoeirados. Uma pequena cabine telefônica num canto, dentro da qual um homem alto sem chapéu estava falando ao telefone. Por um instante, olhei tristemente para ela, torcendo para que o homem desligasse e me desse a chance de usá-la. No outro canto ficava o balcão da recepção, onde estava Theodora falando com um sujeito magrinho que esfregava as mãos. E bem no meio do salão havia uma grande estátua de gesso de uma mulher sem roupas e sem braços.

— Acho que você está pior do que eu — eu disse a ela.

— Chega de enrolação, Snicket — disse Theodora. Então me arrastei com as malas até a recepção. O magrinho deu duas chaves à Theodora e ela me entregou uma delas.

— Bem-vindo ao Braços Perdidos — disse o homem, numa voz tão fininha quanto ele. Seus trejeitos me lembraram de uma palavra que eu conhecia mas havia esquecido. Estava na ponta da língua, assim como uma última migalha de biscoito. — Sou Próspero Perdido, dono e gerente deste estabelecimento. Podem me chamar de Próspero, e podem me chamar sempre que tiverem um problema. O telefone fica bem ali.

— Obrigado — eu disse, imaginando que provavelmente viria direto à recepção em vez de ficar esperando pelo telefone.

— Conforme vocês solicitaram — ele continuou —, reservei o quarto mais barato, a Suíte Extremo Oriente, que fica no segundo andar. Acredito que o elevador não esteja funcionando hoje, então infelizmente vocês terão de subir pelas escadas. Posso perguntar quanto tempo vocês planejam ficar?

— Por enquanto — disse minha tutora, e partiu rapidamente em direção à escadaria acarpetada, com um corrimão que parecia frágil demais até para ser tocado. Não precisei que Theodora ou qualquer outra pessoa me explicasse que “por enquanto” era uma expressão que não queria dizer absolutamente nada.

Eu a segui pelas escadas, arrastando as malas, e depois por um corredor estreito até o quarto onde se lia SUÍTE EXTREMO ORIENTE. Theodora fez a chave brigar com a fechadura, mas após alguns minutos a porta se abriu, e entramos em nosso novo lar.

Provavelmente você nunca esteve na Suíte Extremo Oriente do Braços Perdidos em Manchado-pelo-mar, mas decerto você já esteve num quarto de hotel no qual não tinha a menor vontade de ficar, o que é mais ou menos a mesma coisa. A maior parte do quarto era ocupada por uma cama grande e outra pequena, separadas uma da outra por uma cômoda vagabunda que mais parecia uma carranca. Havia uma porta que levava ao banheiro e uma mesinha num canto, com uma chapa de metal ligada na tomada, provavelmente para esquentar comida. Pendurada no teto, a luminária parecia uma estrela cheia de pontas e, nas paredes, a única coisa que havia era um quadro, sobre a cama menor, com uma garotinha segurando um cão com a pata enfaixada. O quarto era meio escuro, e mesmo quando abri a única janela, a Suíte Extremo Oriente não ficou mais clara.

— Vamos dividir o quarto? — perguntei.

— Não seja bobo, Snicket — disse Theodora. — Podemos trocar de roupa no banheiro. Por que você não enfia sua mala embaixo da cama agora e desce até o lobby para brincar ou algo assim? Vou desfazer minha mala e tirar um cochilo. Isso sempre me ajuda a pensar, e eu preciso pensar em como é que vamos botar as mãos naquela estatueta.

— Tem uma boça — eu disse — que vai do farol até a mansão dos Sallis.

— Boça?

— É um tipo de cabo — eu disse.

— Eu já sabia.

— Sabia mesmo? — não consegui deixar de perguntar. — Precisei que uma garotinha me ensinasse o que era.

Theodora deu um longo suspiro e sentou na cama grande passando as mãos em sua cabeleira.

— Me deixe descansar, Snicket — ela disse. — Volte na hora do jantar. Acho que jantaremos mais tarde esta noite.

— Mais tarde do que quando?

— Mais tarde do que o normal.

— Mas nós nunca jantamos juntos.

— Você não está me ajudando a descansar, Snicket.

Eu também não estava conseguindo descansar, então enfiei minha mala embaixo da cama e deixei o quarto, fechando a porta ao sair. Em um minuto eu estava de volta à calçada, observando a rua vazia com as mãos cheias de amendoins que eu havia pegado no lobby. Eu tinha mais privacidade fora do Braços Perdidos do que dentro da Suíte Extremo Oriente. Era bom ter privacidade, mas ainda não sabia o que fazer para me ocupar até a hora do jantar. Então, caminhei até o prédio com os pilares, que parecia a melhor aposta para encontrar alguma coisa interessante.

Eu era aquele jovem, com quase treze anos, caminhando sozinho por uma rua vazia numa cidade meio desbotada. Eu era aquela pessoa, comendo amendoim rançoso e pensando num objeto estranho e empoeirado, que havia sido roubado ou esquecido, e que pertencia a uma família ou à outra ou aos seus inimigos ou seus amigos. Antes, fui uma criança que recebeu uma educação incomum e, antes disso, fui um bebê que, segundo me contaram, gostava de se olhar no espelho e enfiar os dedos do pé na boca. Eu era aquele rapaz, e aquela criança, e aquele bebê, e o prédio que estava à minha frente era a prefeitura. À minha frente havia minha vida de adulto, e depois um esqueleto, e depois mais nada, exceto, talvez, uns poucos livros na estante.

Mas agora o que havia diante de mim era um gramado maltratado, e uma grande estátua de metal, tão desgastada pela chuva e pelo tempo que eu nem conseguia entender o que era, mesmo chegando perto o suficiente para tocá-la.

As sombras dos pilares eram sinuosas, e o prédio parecia ter sido estapeado várias vezes por um gigante que perdera a paciência. Os pilares sustentavam um arco com as palavras MANCHADO-PELO-MAR escritas em letras que já tinham sido mais escuras. Na parede estava gravada a palavra PREFEITURA, muito embora fosse difícil lê-la, já que haviam colocado outras duas placas em cima dela. Na placa acima de PREFEITURA dava pra ler DELEGACIA, e acima de TURA se lia BIBLIOTECA. Subi a escada e fiz a escolha mais sensata.

A biblioteca era um salão enorme, com longas estantes de metal e aquele silêncio perfeito que as bibliotecas oferecem a quem procura respostas. Um mistério se resolve com uma história, e a história começa com uma pista. O problema é que geralmente você não tem ideia do que seja a pista, mesmo achando que sabe. A minha pista era a Fera Ressonante, escondida debaixo de um lençol numa sala esquecida do farol, e fiquei pensando no que faria para descobrir mais sobre aquilo. Percorri o salão procurando pelo bibliotecário, e logo o encontrei atrás de um balcão, espantando algumas traças com um lenço xadrez. As traças estavam voando sobre uma pequena placa que dizia DASHIELL QWERTY, SUB-BIBLIOTECÁRIO. Ele era mais jovem do que eu imaginava que um bibliotecário seria, mais jovem do que o pai de qualquer um que eu conhecia, e tinha o cabelo igual ao de alguém que tivesse sido atacado por um maníaco com tesouras e sobrevivido para contar a história. Usava uma jaqueta de couro com vários pingentes metálicos pendurados nas mangas que chacoalhavam quando ele espantava as traças.

— Com licença — eu disse —, você é o bibliotecário?

Qwerty agitou seu lenço contra as traças uma última vez, e desistiu.

— Sub-bibliotecário — ele disse, com a voz tão profunda que, por um instante, pensei estarmos no fundo de um poço. — Manchado-pelo-mar não pode bancar um bibliotecário em tempo integral, por isso estou aqui.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Desde que substituí o outro cara — ele disse. — Como posso ajudá-lo?

— Estou procurando informações sobre lendas locais — respondi.

— Acho que a Dama Sally Murphy é a atriz mais famosa de Manchado-pelo-mar — sugeriu Qwerty. — Deve haver um livro sobre a sua carreira na seção de teatro.

— Não é esse tipo de lenda — eu disse. — Estou falando de histórias antigas sobre criaturas estranhas.

Qwerty saiu detrás do balcão.

— Permita-me levá-lo à seção de mitologia — ele disse, e sem hesitar me levou até uma fileira de estantes bem no meio do salão. — Também temos uma boa seção de Zoologia e Oceanografia, se você estiver interessado em animais de verdade.

— Hoje não, muito obrigado.

— Nunca se sabe. Dizem que em toda biblioteca existe um livro capaz de responder uma questão que queima como fogo em sua mente.

— Pode ser, mas hoje não.

— Muito bem. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa, ou você gostaria de explorar a biblioteca por sua conta?

— Explorar por minha conta, por favor — eu disse.

Qwerty assentiu com a cabeça e se afastou sem dizer mais nenhuma palavra. A seção de Mitologia tinha vários livros que pareciam interessantes e um que parecia ser útil. Infelizmente, não era um dos que pareciam interessantes. Encontrei uma mesa num canto distante, na qual eu poderia ler sem ser perturbado, e abri *Mitos de Manchado*.

De acordo com o capítulo sete, a Fera Ressonante era uma criatura mitológica metade cavalo, metade tubarão — muito embora alguns relatos a descrevessem como metade crocodilo e metade urso —, que ficava à espreita nas águas que banham Manchado-pelo-mar. Tinha grande apetite por carne humana e, quando caçava, fazia um terrível som ressonante — tive de levantar da mesa e pegar um dicionário para descobrir que “ressonar” é uma palavra que

quer dizer “propagar um som”. Eu tinha ficado com a impressão de que Moxie era uma garota meio estranha, mas não uma mentirosa, e de fato havia uma história sobre como lady Mallahan havia matado a Fera Ressonante centenas de anos atrás, muito embora o autor afirmasse que, provavelmente, lady Mallahan encontrara apenas um leão-marinho morto na praia ao pé do penhasco do farol, e os comentários das pessoas teriam deixado a história cada vez mais interessante. Outros relatos falavam sobre como as pessoas podiam domar a Fera Ressonante se imitassem seu rosnado assustador, e havia ainda o caso de um mago que teve a besta sob o seu comando apenas mantendo o terrível monstro alimentado. Nos tempos antigos, um gongo era tocado na praça central para alertar sobre a presença da fera em noites sem luar. Já não tinha gongo há muito tempo, mas a lenda persistia. Mães ainda diziam aos filhos e maridos que a Fera Ressonante os pegaria caso não comessem a verdura, e as pessoas ainda se vestiam de Fera Ressonante no Dia das Bruxas e no feriado judaico de Purim, com máscaras que não eram muito diferentes da que eu tive de usar no esportivo, pelo menos de acordo com as ilustrações do livro. Supostamente, marinheiros ainda avistavam a Fera Ressonante nadando por aí, com seu corpo sinuoso como uma interrogação submerso, muito embora, com o mar drenado, eu não conseguia imaginar que isso pudesse ser verdade, pelo menos não mais.

O livro não dizia nada sobre a estatueta, valiosa ou não, então parei de ler sobre a Fera Ressonante e me interessei pelo capítulo que falava sobre as bruxas de Manchado, que tinham tinta correndo em suas veias em vez de sangue. Fiquei me perguntando o que elas colocavam nas canetas.

Li por mais algum tempo até ser distraído por um barulho que parecia o de uma pedra arremessada contra a parede, bem acima da minha cabeça. Olhei a tempo de ver um pequeno objeto cair sobre a mesa. Era uma pedra, que havia mesmo sido arremessada contra a parede, bem acima da minha cabeça. Seria

bom pensar em alguma coisa inteligente pra dizer quando algo assim acontece, mas acabo dizendo sempre a mesma coisa.

— Ei — eu disse.

— Ei — repetiu uma voz, em tom de chacota, e um garoto mais ou menos da minha idade esticou o pescoço atrás de uma das estantes. Ele parecia resultado do cruzamento entre um humano e um tronco, com o pescoço muito grosso e um corte de cabelo que parecia uma tigela ao contrário. Ele tinha um estilingue no bolso e me encarava de um jeito muito desagradável.

— Você quase me acertou — eu disse.

— Estou tentando melhorar — ele respondeu, aproximando-se. Ele quis crescer pra cima de mim, mas não era alto o suficiente. — Não posso querer atingir meu alvo toda vez.

— Essa é a sua diversão? — perguntei. — Atirar pedras nas pessoas que estão na biblioteca?

— Eu preferiria atirar nuns pássaros — ele disse —, mas não tem mais muitos por aqui.

— Não consigo imaginar por que eles não iriam querer se divertir com um cara tão legal quanto você — eu disse.

— Fica parado — ele disse, puxando o estilingue. — Deixa eu ver se consigo acertar esse seu sorrisinho idiota lá do outro lado da sala.

Qwerty apareceu do nada.

— Stew — ele disse, palavra que soou ainda mais assustadora naquela voz profunda. — Saia imediatamente daqui!

— Mas tenho o direito de estar aqui — disse Stew, encarando o bibliotecário. — Esta biblioteca é pública.

— E você é uma perturbação da ordem pública — retrucou Qwerty, pegando Stew pelo braço e o arrastando até a porta. — Fora.

— Vejo você em breve — disse Stew, olhando pra mim de forma ainda mais desagradável. Ele saiu sem proferir nenhum outro insulto, e Qwerty voltou

para examinar a parede.

— Peço desculpas por isso — ele disse, observando o local da pedrada e o esfregando com o dedo. — Stew Mitchum é como um resto de lixo que ficou preso no fundo da lata. Nós tentamos nos livrar dele, mas ele continua vindo aqui, e vai ficando cada vez mais velho. Você encontrou o que estava procurando?

— Mais ou menos — eu disse. — Posso retirar livros não morando aqui?

— Lamentavelmente, não — disse Qwerty. — Mas a biblioteca abre bem cedo todos os dias, e você é bem-vindo para ler o que quiser. Não é sempre que encontramos alguém interessado em teatro.

Não me preocupei em lembrá-lo de que aquela famosa atriz não era o tipo de lenda que eu estava pesquisando.

— Obrigado — eu disse. — Acho que preciso ir.

— Mas — ele disse — se você tiver um cartão de biblioteca, vai poder pedir livros da biblioteca mais próxima da sua casa.

— Quer dizer que a biblioteca da minha cidade pode mandar pra cá livros que eu vou poder retirar?

— Não — disse Qwerty —, mas você pode preencher a papelada aqui, e o livro estará esperando por você na sua cidade.

— Não sei quando vou voltar pra lá — eu disse. A cidade e as pessoas de quem eu mais gostava pareciam ainda mais distantes.

Qwerty tirou um cartão em branco de um bolso de sua jaqueta.

— Funciona assim: você escreve o seu nome e o título do livro, e a pessoa que estiver trabalhando no balcão vai saber qual é o livro que você está pedindo.

Pensei rápido:

— Então, a pessoa que fica no balcão vai saber o título do livro que eu quero?

— Sim.

— Ou o seu assistente?

— Acho que sim — disse Qwerty. — Você mudou de ideia?

— Sim — eu disse. — Gostaria de pedir um livro da filial de Fourier.

— Fourier? — repetiu Qwerty, tirando o lápis que estava na orelha. — Não é perto daquele lugar onde estão construindo a estátua nova?

— Não tenho certeza — eu disse, com muita certeza.

— E qual o seu nome? — ele perguntou.

Disse a ele, e disse que se escrevia como se falava. Ele anotou tudo em cuidadosas letras de forma, e então fez uma pausa, segurando o lápis no ar.

— E qual o nome do autor do livro que você procura?

— Desculpe — eu disse, depois de hesitar por alguns instantes.

— Desculpe é o nome do autor?

— Sim — balbuciei. — Acho que é belga.

— Belga — ele disse, olhando pra mim, e então anotou e depois voltou a olhar para mim. — E o título do livro? — ele perguntou, e era uma pergunta perfeitamente razoável. Torci para que minha resposta também soasse razoável.

— *Mas não posso encontrá-la no chafariz.*

Qwerty olhou para mim com o rosto em branco, como uma daquelas páginas no final dos livros que servem para anotações ou segredos.

— Então — ele disse —, o seu pedido completo é “Desculpe, *Mas não posso encontrá-la no chafariz*”.

— Isso mesmo — e Qwerty me olhou por mais um segundo antes de anotar tudo lentamente.



5

Caminhei de volta ao Braços Perdidos me sentindo bem mais leve. A biblioteca havia sido restauradora, palavra que uma aliada minha usava para descrever atividades que limpavam a mente e deixavam o coração alegre. Sorvete misturado com refrigerante é restaurador, assim como conseguir abrir uma porta trancada. Eu tinha esperanças de que essa aliada recebesse logo o meu pedido na filial de Fourier, o que lhe pouparia um incômodo.

Incômodo era o que me esperava na porta do Braços Perdidos, e qualquer um poderia ver isso a um quarteirão de distância, já que havia um carro estacionado bem na frente com uma luz vermelha em cima. Parecia um carro de polícia, mas quando cheguei perto vi que era só uma perua toda arreventada com uma lanterna presa no teto com fita adesiva. Mas havia dois adultos de uniforme em pé na escada do Braços Perdidos, onde Theodora estava sentada. Ela precisava olhar para cima para falar com eles, e seus olhos pareciam sérios e preocupados embaixo daquela cabeleira. Como parte de minha educação, aprendi que nunca se deve ter uma conversa séria numa posição em que uma das pessoas tenha de olhar para cima. Achei essa uma coisa ridícula para se ensinar a uma criança, que costuma ser menor do que qualquer outra pessoa, e eu disse o que pensava. Como castigo por ter falado em sala de aula, me botaram sentado sozinho num canto. A professora parecia ainda mais alta de lá.

— Snicket — disse Theodora quando me viu chegando perto do hotel —, estes são os policiais Mitchum.

Os dois policiais se viraram na minha direção, e eu me vi encarando um homem e uma mulher tão parecidos que poderiam ser gêmeos, ou duas pessoas que eram casadas há muito tempo. Ambos tinham corpos no formato de peras, com pernas curtas e grossas e os braços meio tortos, como se tivessem experimentado cabeças que eram pequenas demais e estivessem prestes a pedir ao balconista para trocarem por cabeças maiores.

— Minha esposa e eu gostaríamos de fazer algumas perguntas — disse o primeiro policial Mitchum, em vez de “olá” ou “prazer em conhecê-lo” ou “achei que você poderia estar com fome, então tomei a liberdade de trazer umas costeletas de cordeiro”.

— Harvey — disse a outra policial, de forma cortante. — Você não deve me chamar de sua esposa quando estamos em serviço.

— Mimi, você é minha esposa, estando ou não em serviço — disse o primeiro policial, suspirando.

— Não precisa me lembrar — respondeu ela. — Meu dia já está ruim o bastante. Era a sua vez de tirar os pratos da lavadora, Harvey, mas você esqueceu, como sempre, e sobrou para mim.

— Mimi, pare de me aborrecer.

— Eu não estou aborrecendo você.

— Sim, você está.

— Harvey, chamar gentilmente a atenção sobre uma coisa não é aborrecer.

— E isso foi gentil? Já vi bandos de lobos mais gentis.

— Quando foi que você já viu um bando de lobos?

— Bem, não eram exatamente lobos, mas já visitei a casa da sua irmã com aqueles filhos todos...

Não imagino que precise dizer a qualquer um que esteja lendo isso que quando um casal de adultos começa uma discussão ela pode se estender por

horas, ou até mesmo dias, e que a única maneira de dar um fim nisso é interrompendo-os:

— Você disse que tinha perguntas pra me fazer? — eu disse.

— Nós é que fazemos as perguntas por aqui — disse Mimi Mitchum. — Somos a lei em Manchado-pelo-mar. Capturamos os bandidos e os colocamos no trem para serem presos na cidade. Dos subúrbios da zona rural até o limite da Floresta Aglomerada, sabemos de cada coisinha que acontece neste vilarejo. Então, quando chegam forasteiros, sentimos que é nosso dever dar-lhes as boas-vindas e perguntar o que exatamente vieram fazer aqui.

— Somos loucos por tinta — tentou Theodora.

— Você disse ao senhor Mallahan que eram loucos por faróis.

— Somos loucos por tudo — disse Theodora, com um sorriso desesperado.

— O que minha tutora quer dizer — eu disse — é que, ainda que estejamos aqui a trabalho, esperamos conhecer alguns lugares fantásticos desta maravilhosa comunidade. Eu estava admirando a sua delegacia de polícia, por exemplo.

— Foi o próprio Harvey quem pendurou aquela placa — disse Mimi, com orgulho.

— É verdade — disse o policial Mitchum masculino —, mas estamos aqui para dizer que um lugar que esperamos que vocês *não* conheçam é o interior da nossa única cela. Não podemos ignorar que, logo após a chegada de dois forasteiros, este vilarejo foi acometido por um crime. Um crime pequeno, diga-se de passagem, mas ainda assim um crime.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Um poste foi vandalizado — disse Harvey Mitchum. — Alguém estilhaçou a lâmpada com uma pedra bem na esquina da biblioteca. Ainda é muito cedo para tirar conclusões, mas eu não ficaria surpreso se esse crime estivesse ligado a vocês. Onde você esteve na última hora, Snicket?

— Na biblioteca — respondi.

— Alguém poderia confirmar isso?

— Dashiell Qwerty, o bibliotecário.

— Aquele pilantra — resmungou Mimi Mitchum. — Não confio em ninguém que não cuida da própria aparência.

— Eu diria que ele cuida e muito — eu disse. — Aquele corte de cabelo parece ter levado horas para ser feito. Ele e eu fomos interrompidos por um garotinho com um estilingue. Qwerty disse que seu nome era Stew.

Os dois policiais Mitchum me lançaram um olhar severo, retorcendo a boca num mesmo rosnado.

— Nosso filho, Stewart — disse a mulher Mitchum —, é um gênio e um cavalheiro. Com certeza não é um criminoso. Aliás, ele implorou para vir conosco só para lhes dar as boas-vindas.

Ela apontou para a perua, e foi só então que vi o rosto grotesco e sarcástico de Stew saindo pela janela. Quando os adultos olharam para ele, Stew tirou um enorme sorriso de algum lugar e estampou na cara.

— Prazer em conhecê-lo, Lemony — ele disse, num tom falsamente amigável. — Adoro conhecer gente legal da minha idade! Tomara que a gente vire melhores amigos!

— Viu só? — disse Harvey Mitchum, enquanto Stew mostrava a língua pra mim sem que ninguém visse. — Um garoto encantador.

— Um *amor* de garoto — disse Mimi Mitchum. — Ultimamente ele anda interessado por pássaros.

— Aposto que vai se tornar um cientista brilhante quando crescer — disse o marido.

— Ou um médico — disse a esposa.

— Um médico *brilhante*.

— Mas é claro, Harvey. Você sabe que eu quis dizer um médico brilhante. Não precisa me envergonhar desse jeito.

— Não quis envergonhá-la.

— Bem, então você só estava perdendo tempo.

— Eu não estava perdendo tempo! Só levou um segundo!

— Então o que é que você estava tentando fazer? Por que você diria uma coisa dessas se não estivesse tentando envergonhar sua esposa?

— Você disse que eu não deveria chamá-la de minha esposa quando estamos em serviço!

— E você disse que eu ainda era sua esposa, estivéssemos ou não em serviço.

— Com licença — eu disse —, mas se vocês não têm mais nenhuma pergunta, eu gostaria de ir para o meu quarto.

Os policiais Mitchum ficaram irritados por eu ter interrompido a discussão.

— Vamos ficar de olho em vocês dois — disse Mimi, apontando um dedo surpreendentemente longo, e, após uma breve discussão sobre quem ia dirigir, a perua saiu rua abaixo fazendo estardalhaço. Theodora levantou-se e olhou para mim.

— Não faz nem um dia que estamos neste vilarejo — ela disse — e você já se meteu numa encrenca com a polícia. Estou desapontada com você, Snicket.

— Eu não vandalizei aquele poste — eu disse.

— Isso não importa — ela disse, balançando a cabeleira. — Precisamos nos mexer esta noite.

— Vamos procurar um lugar com dois quartos separados.

— Não, quis dizer que esta noite teremos de ser usurpadores — ela disse —, palavra que quer dizer que vamos roubar a Fera Ressonante e devolvê-la aos seus legítimos donos.

— Acho que a estatueta já *está* com seus legítimos donos — eu disse, sem acrescentar que já sabia o significado de “usurpadores” desde quando tinha dez anos e li um conto escrito por um britânico com um nome falso muito engraçado. — Pesquisei um pouco na biblioteca, e as lendas locais dizem que a Fera Ressonante tem sido associada à família Mallahan há gerações. E quando

Moxie Mallahan a mostrou para mim, a estatueta estava muito empoeirada, como se ninguém mexesse nela há anos.

— Lendas não passam de histórias inventadas — disse Theodora, com desdém —, e qualquer um pode jogar poeira em cima de alguma coisa para fazê-la parecer mais velha. Uns anos atrás tive um caso em que dois irmãos discutiam por causa de uma coleção de conchas. O mais novo derramou poeira sobre as conchas tentando provar que eram suas, mas eu consegui desmascarar sua fraude barata. De qualquer forma, está tudo acertado. Liguei para a mansão dos Sallis esta tarde e combinei algumas coisas com o mordomo. Vamos pegar a estatueta no farol e sair pela janela, para chegar à mansão usando a boça. O mordomo vai deixar a janela da biblioteca aberta e, como sinal, vai acender uma vela quando a barra estiver limpa. Entregaremos a estatueta a ele e o caso estará encerrado.

Pensei que talvez não fosse pó, mas sal o que havia sobre as conchas, então era bem provável que o irmão mais novo fosse o verdadeiro dono da coleção. Mas também me ocorreu que não era boa hora para dizer isso. Minha tutora inclinou-se, aproximando-se de mim.

— O que você tem que fazer — ela disse — é invadir o farol hoje à noite e me esperar lá dentro. Exatamente à meia-noite você abrirá a porta e me levará até o objeto em questão. Não podemos falhar, Snicket. Estamos sendo observados.

— Você está falando dos policiais Mitchum?

— Eu estou falando de alguém da nossa organização — disse Theodora, sacudindo a cabeça. — Onde quer que um tutor vá, sempre tem alguém de olho no que está acontecendo. Você não sabia, Snicket, mas estou posicionada em décimo numa lista de cinquenta e dois tutores. Se eu resolver este caso, minha posição vai melhorar. Agora vá. Encontro você no farol à meia-noite.

— Mas e o jantar? — perguntei.

— Já jantei, obrigada.

— E quanto ao *meu* jantar?

— Pergunta errada, Snicket. Existem coisas mais importantes do que o jantar. Concentre-se no caso — disse ela me olhando feio, e em seguida subiu a escada.

Eu a vi entrar no Braços Perdidos. É verdade que existem coisas mais importantes do que o jantar, mas é difícil ter essas coisas em mente quando a gente não jantou. Dei um tempo para que Theodora chegasse ao quarto, e então entrei no Braços Perdidos, imaginando quem naquele vilarejo minúsculo e decadente poderia estar nos vigiando. Próspero Perdido estava perto da estátua da mulher sem braços, com um sorriso impaciente no rosto. Agora me lembrei da palavra que estava na ponta da minha língua. Era “obsequioso”, que se refere às pessoas que se comportam como empregados mesmo quando não são. Pode até parecer que isso é agradável, mas na verdade não é.

— Bonita noite, senhor Snicket — ele me disse.

— Mais ou menos — concordei, olhando através do lobby. Theodora disse que ligou para a mansão, o que significava que a cabine telefônica esteve desocupada. Eu esperava que também estivesse agora, mas uma mulher com uma enorme estola de pele a estava ocupando. — Tem algum outro telefone aqui por perto? — perguntei.

— Infelizmente, não — disse Próspero Perdido dando de ombros.

— Será que você poderia me dar carona até um certo lugar?

— Felizmente, sim — disse Próspero —, por uma pequena taxa, é claro.

Talvez exista um vilarejo no qual os fiapos soltos do meu bolso fossem o equivalente a uma pequena taxa, mas eu sabia que Manchado-pelo-mar não era esse lugar. Eu disse a Próspero um “obrigado” que não significava “você me ajudou muito” mas “por favor, vá embora,” e ele se foi. Saí mais uma vez do Braços Perdidos e fiquei parado na rua pensando no que fazer, quando um carro dobrou a esquina e parou bem na minha frente. Era o táxi amarelo meio amassado que eu tinha visto antes. De perto os amassados eram ainda piores,

com uma das portas tão detonada que quase não consegui ler as palavras TÁXI BELEROFONTE impressas na lateral.

— Precisa de táxi, amigo? — perguntou o motorista, e demorei um pouco para perceber que ele era um pouco mais novo do que eu. Tinha um sorriso amigável e uma pequena ferida na bochecha, como se alguém tivesse lhe dado um tremendo cutucão, e usava um chapéu azul grande demais para sua cabeça com as palavras TÁXI BELEROFONTE impressas de forma um pouco mais nítida.

— Infelizmente não tenho dinheiro — eu disse.

— Ah, tudo bem — respondeu o garoto. — Do jeito que as coisas vão nesta cidade, normalmente trabalhamos só pelas gorjetas.

— Eles deixam você dirigir com essa idade? — perguntei.

— Estamos substituindo nosso pai esta noite — ele respondeu. — Ele está doente.

— *Nós?* Como assim, *nós?*

O garoto fez um sinal me convidando a entrar no carro, eu entrei e vi que ele estava sentado numa pilha de livros para alcançar o volante. Logo abaixo, agachado no assoalho do carro, um garoto que parecia pouco mais novo estava com as mãos nos pedais do carro. Seu sorriso era levemente perverso, como se fosse o tipo de pessoa que eventualmente cutuca o irmão com força.

— *Nós* somos meu irmão e eu — ele disse numa voz bem fininha. — Sou Pecuchet Belerofonte e este é o meu irmão, Bouvard.

Disse a eles o meu nome e tentei pronunciar os deles.

— Nada pessoal, mas seus nomes dão um nó na minha língua. Como é que as pessoas costumam chamar vocês?

— Me chamam de Juca — disse o que segurava o volante —, e ele é o Chico.

— Porque controlo os freios — completou Chico.

— É claro — eu disse. — Bem, Juca e Chico, preciso ir até o farol.

— A casa dos Mallahan? — perguntou Juca. — Claro, entra aí.

Dei uma olhada nos livros em que ele estava sentado. Pareciam ser da biblioteca, e alguns eram livros de que eu gostava muito.

— Você tem certeza de que tem idade para dirigir? — perguntei.

— E você, tem idade para ir até a periferia do vilarejo sozinho? — Juca respondeu. — Vamos, entre aí.

Entrei, e Chico empurrou o acelerador. Juca dirigiu habilidosamente pelas ruas destruídas e semidesertas de Manchado-pelo-mar. Vi uma mercearia, vazia mas aberta, e uma loja de departamentos com manequins na vitrine que pareciam querer ir pra casa. O sol estava começando a se pôr atrás do prédio em formato de caneta. Eu tentava me concentrar na estatueta da Fera Ressonante, mas minha mente me levava para outros lugares. Primeiro para as cavernas que eu tinha visto, onde polvos assustados soltavam sua tinta, depois para um buraco maior e mais profundo lá na cidade. Disse a mim mesmo para parar de pensar nessas coisas, já que não podia fazer absolutamente nada a respeito delas, e permaneci olhando pela janela enquanto o táxi passava pela mansão dos Sallis e seguia colina acima.

— O pai de vocês já levou a senhora Sallis a algum lugar? — perguntei.

— Acho que não — disse Juca. — Quando a família Sallis ainda morava aqui, eles tinham seu próprio chofer.

— Eles não moram mais aqui?

— Se moram, ninguém nos avisou — disse Chico, lá de baixo.

Em poucos minutos tínhamos deixado o chalé branco pra trás, e Chico freou o carro com grande habilidade, bem na frente da entrada do farol.

— Você quer que a gente fique por aqui e depois o leve de volta para o vilarejo? — perguntou Juca.

— Não, obrigado — eu disse.

— Bem, espero que você saiba o que está fazendo, vindo até aqui sem ter como voltar — disse Juca, esticando-se para abrir a minha porta. — E quanto à gorjeta? Tem alguma coisa para nós?

— Tenho uma coisa para vocês — eu disse. — É uma dica. Da próxima vez que forem à biblioteca, procurem um livro sobre um campeão mundial.

— Daquele autor com todo aquele chocolate?

— Sim, mas esse é ainda melhor. Tem uns capítulos muito bons nele.

— É uma boa dica — disse Chico. — O Juca costuma ler pra mim entre as corridas.

Bati a porta e me despedi dando um soquinho na janela do táxi. Juca acenou, e o táxi se foi. Esperei o som do motor desaparecer e fiquei parado, por um momento, olhando para o farol. Eu esperava o mesmo que os dois motoristas do Táxi Belerofonte: que soubesse o que estava fazendo. Mas eu duvidava muito. Ouvi o vento soprar, sinistro, por entre as algas da Floresta Aglomerada, bem abaixo. E então, na minha frente, o som ordinário de uma porta se abrindo.

— Lemony Snicket — disse uma voz.

Me virei para olhar a garota que havia falado.

— Quais são as novas, Moxie?

— Você é quem tem que me dizer — ela disse. — Foi você quem apareceu na minha porta.

Olhei para o céu escuro com o canto do olho e pude ver a linha grossa e discreta da boça esticada sobre a minha cabeça, descendo pela colina. “Por que não?”, pensei, e encarei mais uma vez Moxie Mallahan.

— Queria te fazer um convite — eu disse.

— Ah, é? Convite para quê? — ela perguntou dando um sorrisinho.

— Para um furto que vai acontecer esta noite na sua casa — eu disse, entrando pela porta.



6

— **Muito gentil de sua parte, Snicket** — disse Moxie —, mas não sei se conta como furto quando o objeto que vai ser roubado não tem valor para o dono.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Você sabe do que eu estou falando, Snicket. Você veio até aqui para roubar a Fera Ressonante, não é? — ela disse e piscou sob a aba do chapéu.

— Como você sabe?

Moxie foi em direção à máquina de escrever, que estava no lugar de costume, na escada, e com uma folha dentro. Ela examinou o papel, procurando algo que havia escrito antes.

— Um estranho bateu em minha porta — ela disse —, com uma mulher mais velha que fingiu por um momento ser sua esposa. O estranho pediu para ver um objeto em particular e ficou claramente surpreso quando o mostrei a ele. E aqui está você, falando sobre um furto. Que tal?

— Você é mesmo uma excelente jornalista — eu disse.

— Elogios me entediam, Snicket. Você veio roubar a estatueta ou não?

— Sim — resolvi dizer. — Você se importaria muito?

— De forma alguma — ela disse, sorrindo ainda mais e se encostando na porta do farol para fechá-la. Ela ajustou o papel na máquina e então me olhou

bem nos olhos. Não era mais alta do que eu, mas precisei levantar a cabeça para que nossos olhares se cruzassem, exatamente como me disseram para jamais fazer. — Lemony Snicket, acho que é hora de você me dizer exatamente o que está acontecendo.

— Você vai mesmo escrever isso em seu jornal? — perguntei. — Pensei que *O Farol Manchado* tivesse falido.

— É só para manter a prática — ela disse. — Assim, um dia, quando sair deste vilarejo, estarei pronta para trabalhar em um jornal.

— Quando sua mãe a chamar — eu disse.

— Pare de me enrolar, Snicket. O que está acontecendo exatamente?

— Há alguém interessado na estatueta da Fera Ressonante — eu disse, protegendo a identidade do meu cliente, como havia sido orientado a fazer. — Essa pessoa disse que a estatueta é dela e que vale muito dinheiro. Não acho que isso seja verdade. Creio que a estatueta está na sua família há muito tempo, desde a época de lady Mallahan, e acho que se fosse mesmo tão valiosa não estaria debaixo de um lençol junto com um monte de objetos esquecidos e empoeirados. Mas não importa o que eu acho. Então, ficarei aqui até a meia-noite, minha parceira chegará e, juntos, roubaremos a Fera Ressonante e escaparemos descendo a colina pela boça. E então terei cumprido minha tarefa.

Moxie escrevia à máquina num ritmo furioso, mas então parou e passou a olhar para mim.

— Essa pessoa — ela disse —, interessada na Fera Ressonante, ela mora em Manchado-pelo-mar?

— Sim — eu disse, incorretamente. — Por que você pergunta?

Moxie atravessou a sala até uma escrivaninha e, com alguma dificuldade, abriu a gaveta repleta de papéis. Há uma gaveta como aquela em todas as casas do mundo. Ela investigou a papelada com atenção até finalmente encontrar o que procurava.

— Olha isto aqui — ela me disse.

Isto aqui era um telegrama, com data de seis meses antes da minha formatura. Era endereçado ao pai de Moxie e havia sido enviado de uma cidade que eu nunca tinha ouvido falar. Escrita como antigamente, com o final de cada frase marcado pela palavra PONTO, a mensagem ficou ainda mais confusa do que já era.

SAUDAÇÕES SENHOR PONTO

ESTOU MUITO INTERESSADO EM CERTA ESTÁTUA QUE ACREDITO ESTAR EM SUA CASA PONTO ACREDITO QUE SE CHAMA FERA RESSONANTE PONTO SE ESTIVER DISPOSTO A VENDÊ-LA A MIM EU ACREDITO QUE FICARÁ CONTENTE COM O PREÇO QUE ESTOU DISPOSTO A PAGAR PONTO POR FAVOR RESPONDA O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL PONTO FIM DA MENSAGEM

— “Acredito estar em sua casa” — li em voz alta. — “Acredito que se chama Fera Ressonante... Acredito que você ficará contente.” Mas como essa pessoa acredita! E o que o seu pai respondeu?

— Meu pai nunca leu este telegrama — disse Moxie. — Quando ele foi enviado eu já tinha começado a cuidar de sua correspondência.

— Bem, e você respondeu?

— Não tive como. O único serviço de telégrafo de Manchado-pelo-mar fechou suas portas, por falta de tinta, um dia depois que o telegrama chegou.

— Até onde você sabe, essa pessoa deve ter tentado enviar muitos outros telegramas.

— Até onde eu sei, sim.

— E você chegou a investigar?

— Não havia muito o que investigar — disse Moxie, sacudindo a cabeça. — O telegrama não está assinado, e essa cidade fica bem longe daqui. E, francamente, seis meses atrás eu tinha outros assuntos bem mais importantes para tratar do que uma estatueta com a qual ninguém se importa.

Não quis importuná-la perguntando sobre seus assuntos importantes.

— O autor do telegrama e a pessoa que me contratou podem ser a mesma pessoa.

— Quem quer que sejam — disse Moxie —, eles podem ficar com aquela velharia. Ninguém precisa se dar ao trabalho de praticar um furto.

— Não é o que pensa a minha tutora — eu disse.

— Bom, nesse caso, o que vamos fazer até a meia-noite?

Até que enfim uma pergunta que eu podia responder.

— Esperava que a gente pudesse jantar — eu disse. — Não comi praticamente nada o dia todo.

— Acho que não tem quase nada aqui em casa — disse Moxie. — Meu pai falou que iria ao mercado hoje, mas ele passou o dia inteiro de roupão. Acho que tudo que temos aqui é um monte de manjericão murcho.

— Você tem um dente de alho, um limão, uma xícara de nozes, queijo parmesão, algum tipo de massa e uma boa quantidade de azeite de oliva?

— Acho que sim — disse Moxie —, se bem que o queijo talvez seja asiago.

— Melhor ainda — eu disse, e a segui até a pequena cozinha do farol, que estava cheia de pratos sujos e pilhas de páginas datilografadas. Moxie limpou a bagunça, e eu coloquei as nozes no forno para tostar junto com alguns dentes de alho cobertos de azeite de oliva. Pus uma panela de água para ferver, enquanto Moxie procurava algo para beber na geladeira. Torcia para que tivesse uma gengibirra, mas ela só conseguiu encontrar um suco de mirtiloframboesa, que tinha gosto aceitável, mas apenas aceitável. Juntos, separamos as folhinhas dos galhos do manjericão, ralamos o queijo e esprememos os limões, removendo as sementes com um garfo decorado com uma imagem da Fera Ressonante. Pus então a massa na água fervente, misturei os ingredientes restantes, e logo estávamos sentados em uma mesinha de madeira, meio bamba por causa de uma perna lascada, comendo grandes pratos de *orecchiette al pesto*.

Era exatamente do que eu precisava. Terminei, limpei a boca e me inclinei para trás na cadeira, que também era bamba.

— E aí? — disse Moxie ao terminar seu suco.

— Você sabia — perguntei — que *orecchiette*, em italiano, quer dizer “orelhinhas”? Sei que é só o formato da massa, mas algumas pessoas não gostam da ideia de comer um prato de...

— Não era disso que eu estava falando, Snicket, e você sabe. Por que alguém ia querer uma estatueta esquecida por todos?

— Não saberia dizer — eu disse.

Ela foi até a máquina e escreveu mais algumas frases no seu texto.

— Tem alguma coisa acontecendo que a gente não está conseguindo enxergar.

— Geralmente é esse o caso — eu disse. — O mapa não é o território.

— O que isso quer dizer?

— É uma expressão que os adultos têm para a confusão em que estamos metidos.

— Os adultos nunca dizem nada às crianças.

— As crianças também nunca dizem nada aos adultos — eu disse. — As crianças e os adultos deste mundo estão navegando em barcos completamente separados, só se aproximam uns dos outros quando algum de nós precisa de uma carona ou quando algum deles quer que lavemos nossas mãos.

Moxie sorriu e começou a datilografar. Pensei em colocar os pratos sujos na pia, mas estava gostando de ficar sentado vendo-a trabalhar.

— Você gosta disso? — perguntei. — De ficar datilografando tudo que acontece no mundo?

— Sim, gosto — ela disse. — Você gosta do que faz, Lemony Snicket?

Olhei pela janela solitária da cozinha. A lua parecia um olho bem aberto.

— Faço o que eu faço — eu disse — para poder fazer uma outra coisa.

Tinha certeza de que ela ia fazer mais perguntas, mas fomos interrompidos pelo som familiar de um sino tocando. Moxie olhou para um relógio que mais parecia um cavalo-marinho furioso.

— O sino não costuma tocar a essa hora — ela disse.

— Quando é que costuma tocar?

— Depende. Durante um tempo parecia que tocava cada vez menos frequentemente, mas nos últimos tempos voltou com tudo.

— E quem é que toca esse sino?

Moxie subiu na cadeira para alcançar uma prateleira mais alta.

— O sino da torre fica afastado, na Ilha Distante, onde havia um internato metido a besta que todo mundo dizia ser de “alto nível”.

— Sempre achei essa expressão curiosa — eu disse. — Quer dizer, no que a altura tem a ver com a qualidade?

Moxie sorriu, concordando.

— No passado, quem tocava o sino era o orador oficial, mas a Academia de Wade fechou há algum tempo. Agora, quem toca o sino é alguém da Guarda Costeira, eu acho, ou talvez do Conselho dos Polvos — ela pegou duas máscaras na prateleira e me entregou uma delas. — Não se preocupe, Snicket. Temos muitas máscaras aqui. Você não vai ficar com o pulmão salgado.

— Pulmão salgado?

— É pra isso que serve o sino — ela explicou. — Quando o vento sopra, ele traz o sal dos depósitos do fundo do mar, e pode ser perigoso respirar. Essas máscaras filtram o sal que está no ar.

— Ouvi dizer que elas eram para a pressão da água — eu disse.

— Quem te falou uma coisa dessas? — perguntou Moxie, retorcendo o rosto dentro da máscara.

— S. Theodora Markson — eu disse. — Quem te falou sobre o pulmão salgado?

— Alguma associação escreveu isso num panfleto — respondeu, apontando para a escrivaninha lotada de papéis. Vestimos nossas máscaras e nos encaramos. — Não gosto muito de conversar quando estou usando uma dessas — ela disse. — Que tal lermos até ouvir o sinal de que tudo está bem?

Balancei minha cabeça mascarada em sinal de concordância, e ela me levou até uma pequena sala cujas paredes eram cobertas por estantes de livros. Havia uma luminária bem no meio, com uma enorme lâmpada que projetava um círculo brilhante de luz entre os contornos de uma criatura que eu já estava me cansando de ver. Havia duas cadeiras grandes, uma com uma pilha de mais folhas datilografadas, e a outra cercada de livros que pareciam tristes, sobre o declínio da indústria do jornal e sobre como criar uma filha sozinho. No carpete dava pra ver as marcas deixadas por uma terceira cadeira que tinha sido arrastada para fora dali. Moxie sentou em sua cadeira, colocou as anotações sobre o colo e disse para eu ficar à vontade. Peguei um livro que não ajudou a acalmar meus nervos. A história se passava numa grande floresta, onde uma família média, que gostava de fazer coisas, vivia em uma casa pequena. Primeiro, fizeram *syrup*. Depois, manteiga. Depois fizeram queijo, e eu resolvi fechar o livro. Era mais interessante pensar no roubo de uma estatueta e depois na fuga descendo a colina pendurado em uma boça bem longe do chão. “Interessante” é uma palavra que, neste contexto, quer dizer que aquilo me deixava nervoso. Caminhei até a janela e tentei ver se o farol ficava muito longe da mansão dos Sallis, mas fazia tempo que o sol havia se posto, e do lado de fora estava mais escuro do que a própria Fera Ressonante. Não era uma grande vista, mas mesmo assim fiquei olhando por alguns momentos. Logo o sino tocou na torre da ilha, dando o sinal de que tudo estava bem. Tirei minha máscara e percebi que Moxie havia caído no sono dentro da dela. Tirei a máscara de Moxie, procurei um cobertor para cobri-la e voltei a olhar pela janela. Pensei que, talvez, se ficasse olhando por tempo suficiente, eu poderia ver as luzes da cidade que ficara para trás. Isso, é claro, não fazia o menor

sentido, mas não há nada de errado em, de vez em quando, olhar pela janela e ficar pensando coisas que não façam sentido, desde que sejam só para você.

Não demorou muito e o relógio ressoou doze vezes, mas de forma discreta, tanto que não tive problemas para ouvir o esportivo de Theodora chegando lá fora. Como Moxie nem se mexeu, peguei-a pelos ombros e a sacudi gentilmente até seus olhos se abrirem.

— Está na hora? — ela perguntou.

— Está na hora — eu disse —, mas você me faria um grande favor se fosse para a sua cama.

— E perder toda a diversão? — perguntou ela. — Nem pensar, Lemony Snicket.

— Você mesma disse que tem alguma coisa acontecendo que não estamos conseguindo enxergar — eu disse. — Pode ser alguma coisa perigosa.

— Nesse caso, é alguma coisa interessante — disse Moxie —, e eu vou descobrir tudo sobre ela.

— Moxie, não podemos roubar a sua casa se você ficar assistindo. Pelo menos esconda-se.

— Onde? — ela perguntou, se levantando.

— Você foi criada neste farol. Você conhece os melhores lugares para se esconder.

Ela assentiu com a cabeça, pegou a máquina de escrever e saiu da sala. Desliguei as luzes e abri a porta da frente. O esportivo estava estacionado diante do farol, mas eu não via Theodora. Dei alguns passos e chamei o seu nome.

Minha tutora emergiu da noite e veio agachada na minha direção. Ela tinha trocado de roupa e agora usava calça e blusa de gola olímpica pretas, sapatos pretos e uma pequena máscara preta cobrindo os olhos. Na cabeleira havia uma complexa trama de fitas pretas, e seu rosto estava lambuzado com alguma coisa preta para ajudar na camuflagem. Uma vez vi um gato subir correndo uma

chaminé, e logo descer correndo de volta coberto de fuligem para arruinar os móveis da sala. Eu via semelhanças impressionantes entre essa recordação e a mulher que se movia furtivamente em minha direção.

— Havia roupas de ladrão na sua mala — ela sussurrou. — Por que você não está usando? Não queremos chamar atenção.

— Então talvez fosse melhor você ter estacionado em outro lugar — eu disse, apontando o esportivo.

— Fale baixo — ela disse. — Senão vamos acordar alguém.

Uma boa maneira de falar baixo é simplesmente não falar, o que também é uma boa maneira de não arrumar uma discussão. Acenei para Theodora e nos esgueiramos para dentro da casa. Começamos a subir a escada em caracol. Theodora se apoiava nas paredes do farol e girava a cabeça para os dois lados; eu caminhava como uma pessoa normal. Eu a levei até a redação, removi o lençol e apontei para a estatueta da Fera Ressonante. Ela gesticulou indicando que eu deveria pegá-la. Gesticulei de volta, indicando que ela era a tutora e líder daquela armação. Ela gesticulou mais uma vez, indicando que eu não deveria discutir com ela. Gesticulei de volta, indicando que, em primeiro lugar, tinha sido eu quem havia nos colocado naquela casa. Ela gesticulou mais uma vez, indicando que meu antecessor sabia que um aprendiz nunca deveria discutir com o seu tutor ou reclamar, e que eu deveria me comportar como ele. Gesticulei perguntando o que queria dizer o *S* do seu nome, e ela respondeu com um gesto ofensivo, e acabei pegando a estatueta e enfiando dentro do colete. Era mais leve do que eu pensava, e eu não me sentia muito como um ladrão, mas sim como alguém que estava simplesmente levando um objeto de um lugar até o outro.

Abri a janela e estendi uma mão na escuridão até tocar a boça áspera e gelada. Isso fez com que me sentisse mais como um ladrão. Eu a segurei com firmeza para que Theodora pudesse pegá-la com as duas mãos, e depois desci atrás dela. Não consegui alcançar a janela para fechá-la, mas imaginei que

Moxie o faria assim que saísse do seu esconderijo. Fiquei pensando se ela estava nos vendo, enquanto descíamos lentamente até a mansão dos Sallis, no fim da colina. Nossas silhuetas deviam parecer bem estranhas contra a lua branca e redonda. O farfalhar da Floresta Aglomerada ia ficando mais suave conforme íamos nos afastando, e o ar monótono da noite preenchia meus pulmões. Eu não estava tão alto quanto pensei que estaria, e a boça continuava firme enquanto seguíamos em nossa descida. Sob o luar eu conseguia ver as árvores lá embaixo, os galhos finos entrelaçados como cadarços de tênis e as folhas parecendo solitárias e desconfortáveis. Eu conseguia ver o chalé branco, e alguma coisa cintilando através de uma das janelas — algum objeto pequeno que refletia a luz da lua. O que eu não estava vendo era a vela, que Theodora disse que estaria lá, para nos indicar que a barra estava limpa.



— Snicket — disse Theodora —, esse seria um bom momento para você me fazer uma pergunta.

— Por quê? — tentei.

— Porque tenho um pouco de medo de altura — ela disse —, e responder as perguntas do meu aprendiz pode ser uma boa maneira de me distrair.

— OK — disse e fiquei pensando por um instante. — Você acha que foi assim que a estatueta foi roubada?

— Com certeza — disse Theodora. — Os Mallahan devem ter descido pela boça, pegado a estatueta e subido tudo de volta.

— Pensei que você tivesse dito que eles tinham entrado pela sala de estar — eu disse —, fazendo um buraco no teto e deixando a gravidade fazer o resto.

— Essa era uma das minhas primeiras teorias, sim — ela disse —, mas ao menos metade dela estava certa: a gravidade está envolvida. Seria muito mais difícil se tivéssemos de subir essa colina em vez de descê-la.

O que Theodora disse era verdade, teria sido muito mais difícil subir lentamente pelo cabo, mas ela também disse que os ladrões voltaram pelo mesmo caminho de onde vieram. Discutir com a minha tutora, todavia, provavelmente não a distrairia de sua condição. Eu sabia que existia uma palavra para o medo de altura, mas eu não conseguia lembrar. Alguma-coisa-fobia.

— Como você acha que os ladrões entraram na mansão dos Sallis? — perguntei.

— Por uma das janelas da biblioteca, é claro — disse Theodora. — A boça vai até lá.

— A senhora Sallis disse que as janelas ficam sempre trancadas — eu lembrei.

— Bem, elas não estão trancadas agora — disse Theodora. — Veja. O mordomo está nos dando o sinal de que a barra está limpa.

De fato, eu podia ver os contornos lânguidos de uma janela aberta ali onde a boça terminava e, bem no meio, havia uma luz fraca. “Hidrofobia?”, pensei. Não, Snicket. Isso é medo de água. A luz não parecia ser de uma vela. Pelo menos não estava tremulando, e tinha uma cor vermelha bem viva. Uma luz vermelha bem viva me lembrava alguma coisa que ao mesmo tempo eu não conseguia lembrar. “Agorafobia”, pensei. Não, Snicket. Isso é medo de lugares abertos.

— Estamos quase lá — disse Theodora. — Em um minuto a Fera Ressonante será devolvida ao seu legítimo dono, e o caso estará encerrado.

Não respondi, porque de repente tudo veio à minha mente de uma vez, como se uma luz tivesse se acendido. Aquela era a luz vermelha que os policiais Mitchum tinham sobre seu carro. E “acrofobia” é a palavra para medo de altura. Soltei a boça e caí bem em cima das árvores.



7

Estava completamente escuro à minha volta, eu me sentia como se tivesse caído dentro de uma enorme sombra. Eu tinha aprendido como fazer aquilo, numa coisa que você provavelmente chamaria de aula de ginástica, o que não significava que não seria difícil ou apavorante despencar daquele jeito. Foi difícil e apavorante. A queda foi rápida e no escuro, caí de costas sobre uma árvore, seus muitos galhos e folhas me pinicando de maneira desagradável. Como estava sentindo tudo relaxei, como havia sido treinado a fazer, e fiquei deitado na copa da árvore, deixando-a suportar o meu peso. Mas ainda percebia uma enorme sombra projetada em mim. Não era a sombra da boça ou de nenhuma das árvores que estavam por perto. Era um rosto que apareceu ao meu lado, o rosto de uma garota da minha idade. Também via suas mãos, segurando firme o topo de uma escada que ela encostara na árvore. De alguma forma eu soube, quando piscou para mim, do alto da escada, que essa garota já tinha começado a projetar sua enorme sombra sobre a minha vida.

— Foi uma bela façanha — ela disse. — Onde você aprendeu a cair sobre uma árvore desse jeito?

— Tive uma educação incomum — eu disse.

— Eles ensinaram como descer?

— A melhor maneira é esperar por alguém com uma escada.

— Alguém? — ela repetiu. — Quem, exatamente?

— Não sei — eu disse. — Não sei o seu nome.

— Olá — ela disse. — Sou Ellington Feint.

Eu me sentei para enxergá-la melhor. Não estava tão escuro que não pudesse ver suas sobranceiras, estranhas e encurvadas, parecidas com pontos de interrogação. Ela tinha os olhos verdes e o cabelo tão negro que fazia a noite empalidecer. Seus dedos eram compridos, suas unhas igualmente negras, e ela usava uma camiseta negra de mangas longas e macias. Pouco antes de ela começar a descer a escada, vi seu sorriso entre as sombras, à luz do luar. Um sorriso que podia significar qualquer coisa. Ela era um pouco mais velha que eu, ou talvez só fosse um pouco mais alta. Desci atrás dela.

Quando cheguei ao chão, Ellington Feint me olhou de cima abaixo e então tirou algumas folhas da minha gola antes de me oferecer sua mão. Eu sentia o volume da estatueta em meu peito, e minhas mãos estavam um pouco esfoladas por causa da boça. Não conseguia ver Theodora lá em cima. É possível que ela nem soubesse que eu não estava mais atrás dela.

— Você não me disse o seu nome — disse Ellington.

Apertei sua mão e falei.

— Lemony Snicket — ela repetiu. — Bem, venha comigo, senhor Snicket. Moro naquele chalé branco pelo qual você passou. Você pode descansar do seu voo lá.

Ela me guiou pelas árvores até o chalé que eu já tinha visto da estrada e da boça. Curiosamente, parecia ainda menor agora que estávamos perto, com poucas janelas aqui e ali, uma porta, que devia ranger, e uma chaminé de tijolos brancos soltando fumaça cinzenta na noite. Em um pequeno arco sobre a porta estava escrito COLINA DOS LENÇOS em letras apagadas.

— Dizem que uma lavadeira vivia aqui — disse Ellington, quando me viu olhando para a placa. — Ela costumava pendurar lenços para secar no quintal, e foi o que deu nome a esse chalé.

— Quem mora aqui agora? — perguntei.

— Só eu — ela disse, e abriu a porta.

O chalé não era muito mais do que uma pequena salinha, e a maior parte dele parecia estar ocupada pela lareira com chamas coloridas que iluminavam todos os cantos. O crepitar do fogo se misturava à música do ambiente, uma música que eu nunca tinha ouvido, mas já gostava muito. Havia uma pequena cama de armar num canto, coberta por alguns travesseiros e cobertores amarrotados, e uma grande mala listrada aberta no chão, com todo tipo de roupa espalhada por toda parte. Notei que havia um vestido longo, de festa, pesadas botas de caminhada, um avental que talvez um chef pudesse usar, uma peruca vermelha, um tubo verde e comprido com um zíper, que deve ter sido uma bolsa algum dia, e dois chapeuzinhos que já tinha visto na cabeça de franceses em fotografias antigas, ambos sujos, surrados e da mesma cor de uma framboesa. No outro canto havia uma pia e uma pequena mesa de madeira com uma banquetta embaixo. Sobre o peitoril da janela estava um binóculo antigo, e no chão, bem no meio da sala, uma pequena caixa com uma manivela em um dos lados e um funil na parte de cima. Levei alguns segundos para perceber que era uma vitrola antiga, e que a música que eu nunca tinha ouvido saía do funil. A música era interessante e complexa, e eu queria saber o nome da faixa. Não havia livros naquela sala, pelo menos eu não estava vendo. Eu devia ter suspeitado.

— Sente-se — disse Ellington, apontando a banquetta. — Vou fazer café para nós dois. Vai nos ajudar a nos restaurar.

— *Café?* — eu disse, com a voz mais fina e alta do que havia planejado. — Não bebo café.

— E você bebe o quê?

— Água — eu disse. — Chá. Leite, às vezes. Suco de laranja de manhã. Gengibirra, quando consigo encontrar.

— Mas nada de café?

— Gente da nossa idade não costuma beber café — eu disse.

— Nem costumam cair daquele jeito em cima de uma árvore — ela disse.

— Parece que nós dois fomos educados de maneira incomum.

Puxei a banquetta e me sentei. Enquanto isso, Ellington se ocupava com a cafeteira na pia. Primeiro lavou-a, depois encheu de água e então adicionou várias colheradas de café moído que tirava de um saco de papel que tinha a silhueta de um gato preto impressa.

— Café Gato Negro — ela disse. — Fica na esquina da Caravan com a Parfait. É um dos últimos lugares abertos em Manchado-pelo-mar, e uma das poucas razões que fazem eu me aventurar até o vilarejo. — Ela suspirou. — Fico aqui a maior parte do tempo.

— E o que você faz aqui? — perguntei.

— Você primeiro — ela disse, abrindo um sorrisinho tímido. — Por que você estava voando pelos ares no meio da noite?

Tirei a Fera Ressonante do meu colete e coloquei sobre a mesa exagerando um pouco na força, o que provocou um estrondo seco. Ellington a examinou brevemente e depois pegou uma pinça de ferro velha, dessas que se usam para movimentar lenha em brasa dentro de uma lareira. Ela usou a pinça para pegar a cafeteira e colocá-la sobre as chamas antes de olhar de novo para mim.

— O que é isso? — perguntou. — Algum tipo de brinquedo?

Pela primeira vez, dei uma boa olhada de perto na estatueta. A Fera Ressonante ainda se parecia com um cavalo-marinho, se um cavalo-marinho pudesse ser um animal assustador e nojento. Os olhos da estatueta eram, na verdade, pequenos buracos, assim como sua boca, com lábios arreganhados e dentes minúsculos e afiados formando uma linha fina em volta dela. A estatueta era inteiramente oca e, por um momento, fiquei pensando se ela não havia sido feita assim para poder se encaixar sobre uma vela, de modo que o fogo iluminasse através dos olhos e da boca, causando um efeito pavoroso. Virei a estatueta de cabeça para baixo para dar uma olhada na base, que tinha

uma ranhura estranha na madeira. Havia um pedaço pequeno e grosso de papel colado sobre a ranhura, como se fosse um remendo. O remendo de papel tinha uma textura curiosa, como a dos saquinhos que embalam biscoitos na padaria. Sacudi a estatueta para ver se tinha alguma coisa dentro, mas não fez barulho algum.

— Não sei o que é isso — finalmente falei. — Disseram que valia muito dinheiro.

— E alguém vai lhe dar esse dinheiro — ela perguntou — por tê-la roubado?

— Algo assim — respondi, lembrando-me do que havia prometido.

— Mas então por que você caiu em cima daquela árvore?

— Alguma coisa não estava certa — eu disse.

— O que não estava certo?

— Você deveria saber melhor do que eu — eu disse. — Você ficou me observando todo esse tempo.

A cafeteira começou seu gargarejo, então Ellington retirou-a da lareira, colocou-a borbulhando na mesa e pegou duas xícaras e dois pires em um armário perto da pia.

Ela serviu o café e as xícaras ficaram fumegando em nossa frente por um instante. O vapor se misturou no ar com a música estranha e agitada. Estava escuro lá fora, mas eu sabia que se fosse dia seria possível ver a Floresta Aglomerada pela janela. Ellington pegou um travesseiro da cama e se ajoelhou no chão antes de responder.

— Como você sabia que eu estava olhando? — perguntou, serenamente.

— Vi alguma coisa brilhando na janela do chalé — disse —, bem ali onde estão aqueles binóculos. Você observava a mim e a minha parceira descendo a boça. Por quê?

— Observo esta área há dias — ela disse, tomando um gole do café. Não mexi no meu. Não que eu achasse que ela havia colocado láudano nele.

Simplesmente não gosto de café. Não gosto nem do cheiro, sombrio e mundano como o de terra, mas Ellington sorria um pouquinho enquanto bebia.

— O que você está procurando? — perguntei, apontando para a Fera Ressonante. — Isto?

Ela botou a xícara sobre a mesa e deu um sorriso para a estatueta. A estatueta respondeu com uma careta.

— Estou procurando algo muito mais importante do que uma estatueta boba — ela disse. — Estou procurando o meu pai.

— O que aconteceu com ele?

— Alguém o levou... Um homem terrível. Meu pai e eu vivíamos juntos em Campos do Maçarico, um vilarejo que fica nessa mesma estrada, mais pra cima — disse depois de se levantar.

— Ouvi falar.

— É um lugar bem decente — disse Ellington —, embora desse para notar que estava acontecendo alguma coisa que incomodava meu pai. Um dia voltei da escola e ele não estava mais em casa. Não voltou para o jantar, não voltou na hora de dormir. Na manhã seguinte ligou um homem com uma voz assustadora. Ele se apresentou como Tiro Furado e me disse que nunca mais eu veria meu pai novamente. Isso foi seis meses atrás. Tenho procurado por ele todo esse tempo, e já estou começando a acreditar que o Tiro Furado falou a verdade — ela foi até a cama e enfiou seu braço embaixo para tirar de lá uma enorme e bagunçada pilha de cadernos, jornais, envelopes e pacotes. — É isto que eu faço — ela disse. — Segui todas as pistas que pude encontrar. Já entrevistei dezenas de pessoas. Conferi centenas de boatos. Escrevi cartas e telegramas, fiz ligações telefônicas e bati em portas. Enviei inúmeros pacotes a pessoas que ele conhecia, e a maioria abandonou Campos do Maçarico depois da inundação. Mandeí fotografias do meu pai, cópias de artigos que ele escreveu, qualquer coisa que pudesse ajudar as pessoas a me dizerem onde ele

está. Há algum tempo ouvi dizer que o Tiro Furado estava escondido aqui, em Manchado-pelo-mar.

— Ele escolheu um bom lugar. Com tantos prédios abandonados, este vilarejo está cheio de esconderijos.

— Sim, eu sei. Estou morando neste chalé desde então, torcendo para achá-lo. Se eu conseguir encontrar Tiro Furado, encontrarei meu pai.

— Mas esse cara, o Tiro Furado, não ia simplesmente devolvê-lo a você.

— Claro que não.

— Mas e o que você faria?

— Tudo e qualquer coisa — ela disse, me dando calafrios. Ela tinha pensado naquela resposta. Ela não disse aquilo por dizer, como a maioria das pessoas diz as coisas.

— Por que o Tiro Furado sequestrou seu pai? — perguntei.

— Esse é o maior mistério de todos — disse Ellington, servindo-se de mais um pouco de café. — Meu pai nunca machucou ninguém. É um homem gentil, tranquilo — duas lágrimas escorreram pelo seu rosto, e ela as enxugou com sua manga negra e macia. — E é um pai maravilhoso. Eu tenho que encontrá-lo, senhor Snicket. Você me ajuda?

Eu tinha saído de uma encrenca e caído direto em outra, e talvez tenha sido por isso que fiz mais uma promessa, tão idiota e errada como todas as outras.

— Ajudo você — eu disse. — Prometo. Mas não esta noite. Agora preciso ir. Obrigado pelo café.

— Você não bebeu nada.

— Eu disse que não bebo café — respondi. — Mas me encontre amanhã, e começaremos a trabalhar juntos nisso. Estou hospedado no Braços Perdidos com a minha colega S. Theodora Markson.

— O que o S quer dizer? — ela perguntou, mas então alguém bateu à porta.

O relógio sobre a lareira informava que eram quase duas da manhã. Ellington olhou para mim e fez a pergunta que está impressa na capa deste

livro. Era a pergunta errada, tanto quando ela a fez, como depois, quando eu mesmo a fiz para mim mesmo. A pergunta certa a se fazer nesse caso seria: “O que estava acontecendo enquanto eu atendia a porta?”. Mas, quando as dobradiças pararam de ranger, eu só conseguia pensar nos policiais Mitchum parados ali, ambos me lançando olhares severos.

— Você não é aquele rapaz, Snicket? — latiu Harvey Mitchum.

— O que você está fazendo aqui? — latiu Mimi Mitchum em seguida.

Respondi “sim” à primeira pergunta e “visitando uma amiga” à segunda.

— Que tipo de jovem visita amigos no meio da noite? — perguntou o policial masculino, desconfiado, com a expressão fechada, farejando alguma coisa no ar.

— Que tipo de trapaça vocês estão tramando? — perguntou sua esposa.

Respondi “um jovem amigável” e “não tenho ideia do que vocês estão falando”, mas pude perceber que eram respostas erradas.

— Precisamos conversar com você, Snicket — disse Harvey Mitchum. — Recebemos denúncias de um furto. Alguém roubou uma estatueta muito valiosa no formato de uma fera mitológica. Você sabe alguma coisa sobre o assunto?

— Sempre me interessei por mitologia — eu disse.

— Não foi isso que eu perguntei — ele perdeu a paciência. — Sua tutora estava pendurada na boça e se recusou a nos dizer por quê.

— Ainda é muito cedo para tirar conclusões — disse Mimi Mitchum —, mas não ficaria surpresa se ela fosse tão bandida quanto você, Snicket.

— Eu diria que ela é a mais bandida — disse o marido.

— Não, é ele.

— É ela.

— Podemos discutir isso mais tarde — disse Harvey Mitchum, parecendo aborrecido. — Agora, temos que dar uma busca na área atrás dessa valiosa estatueta.

— Vocês não precisam de um mandado pra fazer isso? — perguntei.

— Aqui não é a Floresta Aglomerada — disse a policial Mitchum feminina, apontando para trás de si. — Aqui é Manchado-pelo-mar, e nós somos a lei neste lugar. Saia da frente, Snicket.

Saí da frente, não sem antes olhar para trás e constatar, aliviado, que a Fera Ressonante não estava à vista sobre a mesa. Em seu lugar, quem estava à vista era Ellington Feint, segurando nos braços uma pilha bizarra de envelopes e pacotes.

— Boa noite, policiais — ela disse.

— Isto não é uma *boa noite* — disse duramente Harvey Mitchum —, é *mau comportamento*. Vocês deviam seguir o exemplo do meu garoto, Stewie. Ele não fica acordado até essa hora. É por isso que ele está dormindo no carro neste momento.

— Isso o mantém calmo — disse Mimi.

— E alerta — disse Harvey.

— E bonito — acrescentou a mãe.

— Isso é verdade — disse o policial masculino. — Stewie Mitchum é tão bonitinho quanto um botão.

Tentei lembrar dos botões que eu conhecia que também gostassem de torturar animais, mas não me ocorreu nenhum.

— Senhor Snicket — disse rapidamente Ellington —, pode me ajudar com estes pacotes?

— Mas é claro, senhorita Feint — disse dando um passo em sua direção.

— O senhor Snicket e eu estávamos nos preparando para ir até a caixa de correio enviar estas coisas — disse ela sorrindo para os Mitchum.

— Esperem até que terminemos nossa busca — disse Harvey Mitchum —, e nós mesmos os levaremos até lá.

— Crianças não deveriam andar por aí uma hora dessas — disse Mimi Mitchum. — A Fera Ressonante pode pegar vocês.

— Isso é só uma lenda — eu disse.

— Ignore o sino e você descobrirá — disse o Mitchum masculino, enquanto passava por mim e começava a investigar o chalé.

Ellington deixou em minhas mãos um pacote mais ou menos do tamanho de uma garrafa de leite. Estava embrulhado em jornal, e eu vi quando ela colou alguns selos e escreveu um endereço rapidamente:

S. THEODORA MARKSON

BRAÇOS PERDIDOS

MANCHADO-PELO-MAR

Enquanto os policiais fuçavam nas coisas de Ellington, eu e ela ficamos parados na porta do chalé.

— Por que você não endereçou o pacote para mim? — sussurrei.

— Achei que levantaria suspeitas se eu estivesse enviando um pacote para alguém que está bem aqui do meu lado — ela respondeu.

— O serviço dos correios daqui é confiável? — perguntei.

— Sim — ela disse. — Você deve recebê-lo amanhã de manhã. A entrega, aqui, é surpreendentemente rápida.

Enfiei a estatueta embrulhada embaixo do braço. Tinham me dito que, se durante o meu aprendizado eu encontrasse alguém que preenchesse os requisitos, eu poderia indicar essa pessoa à organização como um novo membro. Era cedo demais para tomar essa decisão, mas não parecia tão cedo para sorrir para Ellington, enquanto os Mitchum ficaram cochichando entre si até desistir.

— Nós desistimos — disse Harvey Mitchum. — Não tem nenhuma estatueta neste chalé.

— Definitivamente, isso é verdade — disse eu, dando um passo para fora. — Bem, obrigado por terem passado aqui.

— Espere aí — disse Mimi Mitchum. — Vamos levá-los até a caixa de correio e, depois, de volta às suas casas. Não sei o que vocês, criminosos, estão tramando, mas por hoje acabou. Entrem no carro e digam olá ao nosso adorável filho.

Ellington e eu seguimos os policiais Mitchum até a perua toda arrebitada e nos empilhamos no banco de trás, onde Stew nos esperava com um bocejo sonolento e um sorriso cruel.

— Lemony! — ele disse, naquele tom amigável que usava para enganar os pais. — É bom vê-lo outra vez!

Eu o cumprimentei inclinando a cabeça, e ele estendeu a mão e me deu um beliscão no braço sem que os policiais Mitchum vissem. Mas Ellington viu, inclinou-se na sua direção e agarrou o seu pulso. Stew fez uma cara feia, e eu vi as unhas dela entrando na pele dele.

— Muito prazer em conhecê-lo, Stew — ela disse. — Sinto que seremos amigos pelo resto da vida.

Stew deu um gritinho agudo, que alguns garotos achariam embaraçoso, e passamos o resto do tempo em silêncio. Quando chegamos ao vilarejo, Mimi Mitchum freou o carro cantando pneu e ficou observando enquanto Ellington e eu colocávamos os pacotes numa caixa de correio velha e descascada. As dobradiças da portinhola faziam um barulho grosseiro e desagradável, e eu relutava em deixar meu pacote ali. “Então, você está relutante”, disse a mim mesmo. Muita, muita gente reluta. É como ter pés. Não é motivo para se orgulhar. O pacote fez um ruído abafado quando caiu no fundo da caixa, então voltamos à perua, que seguiu pelo caminho curto e deserto até o Braços Perdidos. Agradei aos policiais pela carona, dei um sorriso secreto para Ellington, acenando, e não disse absolutamente nada para Stew. O lobby do Braços Perdidos estava deserto, exceto por Próspero Perdido, que murmurava alguma coisa ao telefone. Parei por um momento ao lado da estátua da mulher sem braços e roupas e então percebi como estava cansado.

— Sim — eu disse a ela. — Acho que estou em apuros — e subi as escadas para descobrir se era verdade.



8

Reprender alguém deve ser muito, mas muito divertido. Se não fosse, crianças também poderiam fazê-lo. Não porque falte às crianças o necessário para repreender. Na verdade, você só precisa de três coisas. Tempo, para pensar no que dizer. Dedicção, para colocar suas reprimendas em uma boa ordem, de modo que elas insultem ainda mais a pessoa repreendida. E audácia, palavra que se refere à coragem necessária para ficar na frente de alguém e lhe dar uma boa dura, especialmente se essa pessoa está exausta, dolorida e sem clima para ouvi-la.

S. Theodora Markson tinha todas essas coisas, e ainda por cima mais uma touca de dormir florida sobre a cabeleira indomável. Quando abri a porta da Suíte Extremo Oriente, ela me deu um esculacho que nem preciso descrever. Sem sombra de dúvida, você já teve de ouvir um sermão sobre ter mais cuidado com um objeto valioso, ou não sair perambulando sozinho por aí e deixar as pessoas morrendo de preocupação — mesmo quando, aparentemente, elas interromperam a preocupação para tomar banho e vestir o pijama. Pode ser que o seu objeto valioso não fosse a estatueta da Fera Ressonante, e a sua perambulação não fosse despencar de uma boça sobre as árvores durante um roubo mas, fora isso, a dura que Theodora me deu foi muito parecida com todas que são dadas todos os dias ao redor do mundo. Parei em sua frente e

tentei parecer atento, esperando pela pergunta que indicaria que a dura tinha chegado ao fim.

— Você não tem nada para dizer em sua defesa? — ela me perguntou.

— O que aconteceu quando você chegou à mansão dos Sallis? — perguntei.

— A senhora Sallis não estava em casa — ela disse —, e alguém disse aos policiais Mitchum que éramos ladrões. Se eu tivesse sido burra de estar com a estatueta, provavelmente teria sido pega e enviada no trem para a prisão.

— Vi a luz vermelha do carro dos Mitchum — eu disse. — Foi por isso que me joguei sobre as árvores, para que não fôssemos pegos. Depois que a polícia a interrogou, eles me encontraram, mas graças a uma ajuda que eu tive, consegui esconder a Fera Ressonante e colocá-la na caixa de correio. Devemos recebê-la amanhã pela manhã.

— Você jura? — disse Theodora piscando os olhos.

— Sim — suspirei. Cada novo juramento era como se eu tivesse que carregar uma coisa pesada, sem poder parar para descansar.

— Você ainda está em período de experiência — ela disse. — Vá para a cama. É tarde.

Fui ao banheiro para escovar os dentes. É bom escovar os dentes quando você está furioso, porque você escova com mais força e faz um serviço melhor. Não esperava que Theodora entendesse o que eu havia feito, mas esperava que ela ficasse mais feliz por eu ter nos livrado da confusão. “Mas não importa quem está certo ou errado”, disse a mim mesmo. “Você ainda está dividindo um quarto de hotel horrível com uma tutora que não é de confiança, Snicket. Tire uma pestana”, expressão que quer dizer “vá dormir”. Os lençóis pinicavam, o travesseiro parecia um saco de bolas de gude, e eu me sentia muito sozinho ao pensar que pouca gente sabia onde eu estava para poder vir em meu socorro se eu estivesse em apuros. Mas estava cansado demais para ficar triste com isso.

Na manhã seguinte, entendi por que o nosso quarto era chamado de Suíte Extremo Oriente. Ficava na parte mais ao leste do Braços Perdidos e, por isso, os primeiros raios de sol da manhã atravessaram as persianas e me cutucaram bem nos olhos.

— Vá brincar — eu disse ao sol. — Encontro você mais tarde.

Mas o sol insistiu para que eu me levantasse naquele minuto. Eu me sentei na cama e então fui até o banheiro lavar o rosto e trocar de roupa. Saí em silêncio da Suíte Extremo Oriente e desci até o lobby, onde Próspero Perdido estava parado atrás do balcão praticando seu sorriso forçado. Em vez de me dizer que um pacote havia chegado, ele me fez perguntar se um pacote havia chegado, e só então foi pegá-lo, embaixo do balcão. Quando o segurei em minhas mãos, meu humor melhorou. Fiquei sentado no lobby por alguns minutos pra ver se uma mulher com brincos horríveis pararia de falar ao telefone, mas acabei desistindo e decidi ir até a biblioteca.

Dashiell Qwerty estava caçando uma dupla de traças perto da porta.

— Bem-vindo — ele me disse, com a voz ainda mais grave do que antes. — Posso ajudá-lo?

— Bom dia — respondi. — Acho que não preciso de ajuda, obrigado. Só estou procurando alguma coisa para ler.

— Fique à vontade — ele disse. — Se você não conseguir encontrar algo que lhe interesse, vou desempacotar um novo carregamento de livros zoológicos daqui a pouco.

— Isso me lembra... — eu disse, como se precisasse ser lembrado. — Você recebeu alguma resposta da filial de Fourier sobre aquele livro que eu pedi?

— *Mas não posso encontrá-la no chafariz*, daquela autora belga? — ele disse. — Não, infelizmente nada ainda. Mas recebi um pedido meio estranho dessa mesma filial. Alguém está procurando um livro do qual nunca ouvi falar.

— Qual é o título?

Qwerty enfiou a mão no bolso da sua jaqueta barulhenta de couro e tirou uma carta.

— O autor é Não C. Preocupe — ele leu em voz alta —, e o título é *Tiro as medidas sozinha*. Deve ser um livro de matemática.

— Pode ser — falei. — Me diga, posso requisitar outro livro?

— Mas é claro — ele disse. — Da filial de Fourier novamente?

— Sim.

Enquanto Qwerty tirava um lápis de trás da orelha, fiquei pensando que talvez aquele corte de cabelo todo irregular fosse muito atraente para alguém.

— Como é o nome do autor do livro que você procura?

— Por Favor.

— Por Favor?

— Também é belga — eu disse —, e o título é *Seja muito, muito cuidadosa*.

— Por Favor, *Seja muito, muito cuidadosa* — repetiu o sub-bibliotecário. — Parece uma história horripilante.

— Espero que não — eu disse, e pedi licença pra ir atrás de um livro. Estava querendo alguma coisa que eu já tivesse lido. Fiquei sentado por uma hora no meu lugar de costume, lendo sobre alguém que era um amigo de verdade e também bom escritor, que vivia em uma fazenda sangüinária onde praticamente todos corriam algum tipo de perigo. Era um bom livro, e lamentei colocá-lo de volta à estante. Quando me dirigia à saída, vi Qwerty debruçado sobre uma caixa de papelão, fuçando numa pilha de livros.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Conferindo as capas — ele disse. — Você ficaria surpreso se soubesse como é comum que um livro esteja dentro da capa de outro.

— Mesmo?

— Ah, sim — disse o sub-bibliotecário, com sua expressão habitualmente vazia. — É muito comum você esperar uma coisa ao olhar para a capa e encontrar outra bem diferente quando abre o livro.

— Obrigado — eu disse, sentindo um frio no estômago. Saí rapidamente da biblioteca e sentei nos degraus da entrada, sob o sol da manhã. Fiquei olhando a caligrafia de Ellington Feint no pacote, que tinha um cheiro suave que eu não conseguia identificar. Era de alguma coisa daquele chalé. Olhei para a grande escultura de metal no meio do gramado, seu formato ainda era indecifrável para mim. Então rasguei o embrulho e fiquei com o objeto no colo.

Era um pacote de café de aroma forte e terroso, com um gato preto impresso nele. Fiquei olhando-o por um bom tempo, e até cheguei a abrir o pacote para ver se a Fera Ressonante não estaria dentro. Mas é claro que não estava. Um carro parou perto do gramado, levantei a cabeça e vi o rosto sorridente de Juca atrás do volante do Táxi Belerofonte.

— Bom dia, amigo — ele disse. — Tenho uns donuts do Faminto's sobrando aqui. Quer um pra comer com o café?

Ele sorria e olhava para o meu pacote de café, mas eu não estava com vontade de sorrir de volta.

— Sim — eu disse. — E que tal uma carona?

— Que tal uma dica?

— *O longo segredo* é um livro melhor do que o anterior — eu disse, abrindo a porta traseira. — Que tal?

— Isso basta — disse Juca —, apesar de eu e o Chico gostarmos mais daquele sobre o sapateador e a advogada.

— Todos são bons — chiou Chico, do assoalho do carro. — Pra onde você está indo? Para o farol de novo?

— Para aquele chalé perto dele — eu disse —, o mais rápido possível.

— Colina dos Lenços? — disse Juca, oferecendo-me um donut. — Não tem ninguém por lá, amigo.

— Vamos torcer para que você esteja errado — eu disse.

O táxi partiu apressado pela rua tranquila. Fiquei olhando pela janela, enquanto mastigava e tentava pensar. Eu gostava de donuts, especialmente os

cobertos com açúcar. Já fazia tempo que eu havia lido esse livro sobre o sapateador e a advogada. Ellington Feint mal olhara para a estatueta enquanto esteve sobre a mesa. Eu desamassei os jornais que haviam sido usados para embrulhar o pacote de café e vi que eram velhas páginas do *Farol Manchado*. Havia o anúncio de uma peça encenada pela Companhia Teatral Manchada no Teatro Manchado alguns anos atrás, estrelada por alguma atriz que sorria numa fotografia apagada. Essa atriz fazia o papel da heroína, Leslie Crosbie. Seu nome era dama Sally Murphy. Ela também não parecia feliz em me ver.

Quando o táxi passou pela mansão dos Sallis, eu estava limpando o açúcar das mãos, e isso era praticamente tudo que eu sabia sobre o que estava fazendo. Agradei aos irmãos Belerofonte e disse que esperava que o pai deles melhorasse logo. Corri entre as árvores até estar em frente à porta do chalé. Tinha certeza de que Ellington Feint não estaria lá. Nem sua mala nem sua música estavam lá. Mas Juca e Chico estavam errados. Alguém estava lá. A porta estava aberta, e Moxie Mallahan estava parada bem no meio da sala.

— Lemony Snicket — ela disse, aproximando-se da máquina de escrever, que estava sobre a mesa em que me foi oferecido café na noite anterior.

— Quais são as novas, Moxie? — perguntei.

— Você é quem tem que me dizer — disse Moxie. — Foi você quem me ligou e me pediu para encontrá-lo aqui.

— Eu não fiz nada disso.

— Snicket, pare de brincar. Eu mesma falei com você alguns minutos atrás. Você me disse que tinha a solução para o mistério da Fera Ressonante e que era pra eu vir correndo até a Colina dos Lenços com o meu pai.

— Ele também está aqui?

— Não consegui acordá-lo. O que está acontecendo?

— Não era eu no telefone — eu disse, e comecei a pensar.

A primeira coisa que imaginei foi Stew ter ligado se passando por mim, pois ele parecia ser o tipo de pessoa que faria uma coisa dessas. “Não, Snicket”, disse

a mim mesmo. “Quem quer que tenha ligado está interessado na Fera Ressonante.” Mas as únicas pessoas interessadas nela são Theodora e a sra. Sallis, ou, em outras palavras, a mulher que o ajuda a roubá-la e a mulher que quer que a roubemos. Você está sem saída. Isso não faz o menor sentido.

— Você acha que alguém nos fez vir até aqui? — perguntou Moxie, dando uma olhada no chalé.

— Alguém tentou tirar você e o seu pai de casa — eu disse. — Alguém que está interessado naquela estatueta. Eles pretendiam roubá-la enquanto a casa estivesse vazia.

— Mas minha casa não está vazia, Snicket.

— O truque não funcionou — eu disse. — Mas isso não interessa. A estatueta não está mais lá, mas quem quer que tenha ligado não sabe disso.

— Você sabe quem foi?

Sacudi a cabeça.

— Bem, alguém anda à espreita — disse Moxie. — A Colina dos Lenços deveria estar muito bem trancada, mas parece que alguém está morando aqui. Alguém andou usando a cafeteira. Alguém andou bebendo nessas xícaras. E alguém acendeu uma lareira com a madeira que estava empilhada lá fora.

— E alguém comeu mingau — murmurei, investigando a sala com os olhos.

— O quê?

— Nada. Era alguém que tinha uma vitrola antiga? Ou um binóculo? Ou uma mala cheia de roupas?

— Nunca tivemos nada disso aqui — disse Moxie. — Por que você pergunta? O que está acontecendo? Quem estava aqui?

— Não sei — eu disse, e era verdade.

Havia conversado com Ellington Feint, mas eu não sabia o que eu sabia a seu respeito. “E você prometeu, Snicket”, disse a mim mesmo. “Você prometeu ajudá-la.” Saí do chalé e encontrei a escada que ela usara para chegar à copa da árvore encostada na lateral da Colina dos Lenços. Lembrei da escada que eu

tinha escondido no banheiro da Casa de Chá e Papelaria Cicuta. “Se você não tivesse colocado aquela escada lá, agora você não estaria aqui, Snicket. Você não estaria metido nesta confusão, ou neste mistério, ou neste mistério confuso, ou nesta confusão misteriosa. Você estaria em um buraco profundo na cidade, com a trena que um amigo deu a você, fazendo algo diferente do que você havia prometido.” Fiquei bravo e chutei a escada. Então me dei conta de que ainda estava segurando o pacote de café e o joguei no chão. Ele se abriu. Peguei o papel rasgado do chão, para não deixar lixo jogado por aí, mas não pude fazer nada quanto ao café derramado sobre a grama. Talvez as minhocas o quisessem. Lembrei que Theodora talvez estivesse bebendo café naquele exato momento, esperando que eu levasse para ela, na Suíte Extremo Oriente, a estatueta como havia prometido. Não era de estranhar que ainda estivesse no meu período de experiência. Olhei para o gato impresso e rasgado nas minhas mãos, e em seguida para a enorme e pavorosa Floresta Aglomerada. Imaginei que aquela devia ter sido uma bela vista para o mar, quando o mar ficava ali. A água muito agitada, com pequenas porções de espuma branca correndo de um lado para o outro. Como lenços, eu pensei. E os jornais pendurados na boça, tremulando ao vento, também deviam ser parecidos com lenços. Lavadeira, ela me disse. Lavanderia. Ellington Feing era uma mentirosa. Fiquei olhando para as algas farfalhantes durante um bom tempo.

Às vezes você tem tempo, dedicação e audácia para dar uma boa dura em alguém, mas não tem ninguém por perto que a mereça.

— E aí? — perguntou Moxie atrás de mim, pondo a mão no meu ombro.

— E aí o quê?

— O que está acontecendo, Snicket? Quem você acha que estava morando no chalé? Como você acha que entraram lá? Quando você acha que eles chegaram?

Não respondi, mas quando me virei para encarar Moxie, ela não parecia interessada nas respostas dessas perguntas. Ela sequer olhava para mim. Seus

olhos passeavam por toda a parte, como se ela estivesse procurando as respostas no farol, ou nos fundos do chalé, ou na estrada que passava pela mansão dos Sallis, ou na beira do penhasco que foi o primeiro lugar em que estive quando cheguei a Manchado-pelo-mar. Então ela fez uma nova pergunta, e essa pergunta teve toda a minha atenção. Era uma pergunta que já me havia sido feita outras três vezes, e em todas elas a resposta foi desagradável. A resposta é sempre desagradável porque a pergunta é desagradável.

— De onde estão vindo esses gritos? — foi o que ela perguntou.



9

Existe um método simples para encontrar uma pessoa quando você ouve seus gritos. Primeiro, pegue uma folha em branco e um lápis bem apontado. Depois, trace nove colunas, cada uma delas com quatorze casas. Então, jogue o papel fora e encontre quem estiver gritando para poder ajudá-lo. Não é hora de perder tempo com papel. Até mesmo Moxie guardou a máquina de escrever dentro da maleta num piscar de olhos antes de sairmos correndo rapidamente por entre as árvores.

Não havia ninguém nas árvores ou no gramado marrom. Não havia ninguém em apuros na direção do penhasco. Era o que eu temia. Os gritos vinham da mansão dos Sallis.

Moxie e eu nos aproximamos da mansão pela lateral, pisando no alpinista jogado no gramado. Foi horrível ouvir alguém gritando e não poder ajudar. Isso ia contra todo o meu treinamento. As formas confusas da construção, com tantos estilos de mansões misturados, tornavam ainda mais difícil descobrir de onde vinham exatamente os gritos. Às vezes a voz desesperada parecia vir da torre mais alta, mas então parecia vir do jardim, com suas fontes extravagantes e sua lona cinza tremulando ao sabor da brisa. Eu só sabia ao certo que aqueles eram gritos de uma mulher, e eu torcia para serem de Ellington. Não gosto de

pensar se era porque eu queria que ela estivesse em apuros ou porque queria resgatá-la.

— Como é que nós vamos entrar? — perguntou Moxie, olhando séria para a mansão. — Você sabe arrombar fechaduras?

— Na verdade, não — eu disse. — Minha nota nessa matéria foi “incompleto”. Mas sei como quebrar janelas com pedras.

— Qualquer um sabe quebrar janelas com pedras — ela disse. — Vem, vamos dar a volta até a frente.

Os gritos não diminuíram nem por um minuto enquanto dávamos a volta na casa até chegar à entrada, onde Theodora e eu tínhamos estacionado no dia anterior.

— Olá! — eu disse, mas ouvi apenas gritos como resposta. Eles pareciam um pouco mais altos agora, e dava pra ver por quê. A enorme porta da frente estava completamente escancarada, como um braço muito dobrado para um lado muito errado. Isso me lembrou outra coisa que nunca fui capaz de aprender direito.

Mas havia algo em que sempre fui muito bom: não ficar assustado quando coisas assustadoras estão acontecendo. Isso é um tanto difícil, mas eu aprendi. É apenas uma questão de pôr o medo de lado, como a salada em que você não toca enquanto não tiver comido o frango e o arroz, e só ficar assustado depois, quando você estiver fora de perigo. Às vezes acho que vou passar o resto da vida assustado por causa de todo o medo que eu deixei de lado durante minha passagem por Manchado-pelo-mar. Guiei Moxie dentro da casa. Os gritos pareciam vir de toda parte, ecoando no corredor longo e vazio. Achei que me lembrava de ter visto um carpete na primeira vez que entrei na mansão dos Sallis, mas não tinha prestado muita atenção. Nesse momento não havia carpete algum.

— A mansão é grande demais — eu disse. — Vamos ter que nos separar.

— Você quer que eu encontre sozinha quem quer que esteja gritando? — perguntou Moxie.

— Deixe pra ficar assustada depois — disse a ela, e saí apressado pelo corredor em direção a um lance de escadas. Havia marcas circulares pelo chão de vasos de plantas que não estavam mais por lá. Tudo parecia ter desaparecido. No teto, sobre a escada, havia uma única lâmpada pendurada em um fio. Eu tinha certeza de que a família Sallis tinha dinheiro suficiente para comprar um lustre.

Os gritos pareciam mais altos do topo da escada, que levava a outro corredor sem carpete ou móveis, apenas com fileiras de portas dos dois lados. A primeira porta revelou uma sala sem nada dentro. Assim como a segunda. A terceira era uma despensa, depois um banheiro, depois três outras salas, mas não havia nenhuma pessoa ou sequer a sombra de algum móvel. A mobília da biblioteca dos Sallis, pelo que eu lembrava, parecia inadequada. A sala havia sido montada às pressas, com móveis quaisquer, para que Theodora e eu pensássemos que a casa não estava abandonada.

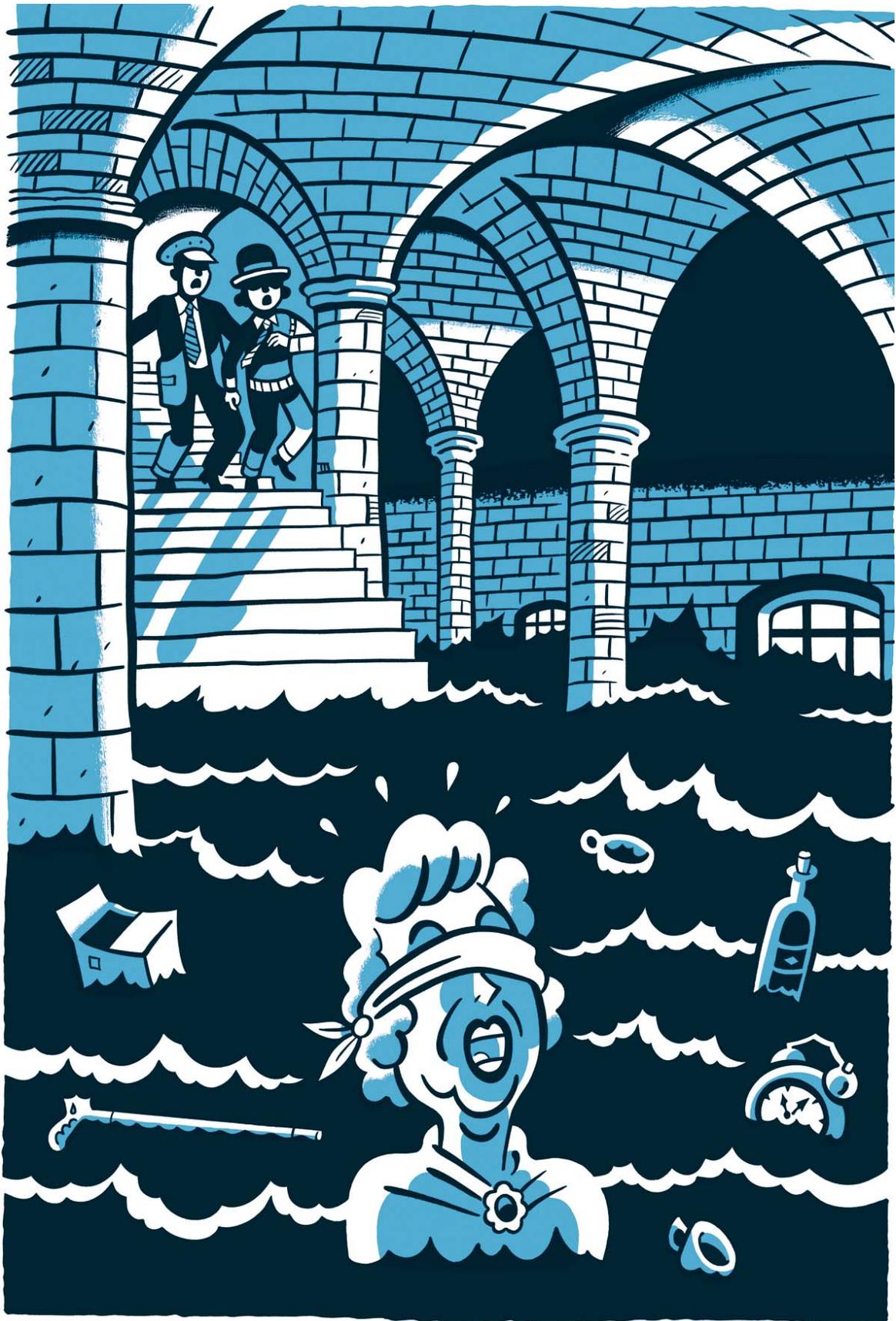
Foi difícil abrir a porta da última sala no final do corredor porque tive de parar um momento e lembrar a mim mesmo de ficar assustado mais tarde, talvez quando eu fosse um adulto. Mas foi perda de tempo. A única coisa que havia nessa sala era um colchão, com vários cobertores e travesseiros empilhados por cima. Desmanchei a pilha aos chutes. “Nada, Snicket. Mas por que você ainda está ouvindo esses gritos?” Levei um segundo para perceber que os gritos vinham de uma pequena grade no teto, provavelmente da calefação. Era por isso que pareciam vir de todos os lados, todas as salas da mansão tinham esse tipo de grade. Todas se conectavam ao aquecedor. Mas havia outro som vindo pela grade. A princípio parecia o farfalhar da Floresta Aglomerada. Os aquecedores costumam ficar nos porões.

Corri escada abaixo e, ainda correndo, atravessei uma sala vazia, com uma enorme janela de vidros brilhantes que dava para uma estranha paisagem, e

também uma cozinha sem geladeira, fogão, panelas ou frigideiras. Moxie imaginara a mesma coisa que eu e estava empurrando com força uma pequena porta branca. Corri para ajudá-la. Foi muito difícil abrir a porta, como se alguém do outro lado a estivesse empurrando de volta. Mas nós conseguimos. Não havia ninguém do outro lado, só uma grande pedra, do tamanho de um bom dicionário, que havia sido encostada na porta que levava à escadaria do porão. Olhamos para baixo e vimos uma coisa que nos assustaria mais tarde.

O porão dos Sallis era enorme, do tamanho de uma piscina imensa ou mesmo de um pequeno lago e, naquele momento, tal como uma piscina imensa ou um pequeno lago, estava cheio de água. O porão estava tomado até a metade por uma água marrom e agitada, que batia contra as paredes e subia pela escada em nossa direção. Por um instante pareceu que a cabeça da sra. Murphy Sallis estava flutuando no meio do porão, vendada e gritando. Mas então me dei conta de que ela devia estar amarrada a alguma coisa e de que a água estava subindo, faltando alguns centímetros para alcançar a sua boca. Ela estava prestes a se afogar. Moxie deixou a máquina de escrever perto da porta e começou a descer a escada.





— Não — eu disse bem alto, por causa do barulho da água, e a segurei pelo ombro.

— Precisamos ajudá-la — disse Moxie, levantando as sobrancelhas por debaixo do chapéu.

— Não desse jeito — eu disse, tentando pensar rápido. Na parede dos fundos dava pra ver a parte de cima de uma janela, já quase coberta pela água. Agachei-me para pegar uma ponta da pedra que segurava a porta. — Me ajude — eu disse. — Qualquer um sabe quebrar uma janela com uma pedra.

Erguemos a pedra e a lançamos contra a janela. É mais divertido atirar pedras quando você não precisa se preocupar com o alvo. Mas a janela era grande o bastante e a pedra era grande o bastante, então não seria muito difícil que uma atingisse a outra. A janela se estilhaçou, fazendo um som abafado, e a água começou imediatamente a escorrer para fora do porão, como se tivéssemos tirado o tampão de um ralo. A sra. Sallis continuou gritando, mesmo quando a água baixou, e nós pudemos descer para desamarrá-la. Os nós eram complicados, mas Moxie era boa naquilo — melhor do que eu, pra falar a verdade.

Deixei Moxie trabalhar com as cordas e fui em direção à fonte da água, que ainda jorrava no outro canto da sala. A água vinha de um enorme tonel, grande o suficiente para caber um adulto, mas não que alguém estivesse pensando nisso. Era feito de tijolos cinzentos e tinha uma grande alavanca enferrujada. A alavanca se mexeu com facilidade e a água parou imediatamente de correr. Imaginei que devia haver uma fonte correndo embaixo da mansão dos Sallis. Aquilo era como um poço artesiano, impulsionado por uma bomba simples e engenhosa. “Muito bem”, pensei. Não é de estranhar que os repórteres de ciências fizessem pesquisas aqui.

A sra. Sallis estava amarrada em uma das cadeiras que eu tinha visto na biblioteca com almofadas grandes e fofas que agora estavam arruinadas. A sra. Sallis, por sua vez, não estava arruinada. Assim que Moxie soltou suas mãos, ela

mesma arrancou a venda, o que pensei que a acalmaria. Mas não, ela ficou com a macaca, uma expressão de que sempre gostei, muito embora não existisse macaco capaz de gritar tão alto quanto ela.

— *Onde ele está?* — ela berrava.

— Quem? — perguntou Moxie.

— Não tem ninguém aqui — eu disse, mas era a coisa errada a dizer. Seus olhos se esbugalharam ainda mais, e ela ficou com uma expressão tão assustada que a expressão de assustada que ela tinha antes nem contava mais como expressão de assustada.

— Vão embora! — ela gritou. — *Saiam já desta casa!*

— Eu esperava um “obrigado por me salvar”, senhora Sallis — eu disse.

— Esta não é a senhora Sallis — disse Moxie me olhando com certa surpresa.

Ainda havia muita água no porão, e eu estava encharcado dos joelhos para baixo. Se alguém quisesse me torturar para que eu desse uma informação importante, bastaria molhar as minhas meias. É simplesmente terrível. A água era suja demais para que eu visse se aquela velhinha estava usando meias quando ela levantou mancando da cadeira e olhou para nós com empáfia. “Empáfia” é uma palavra que você talvez não conheça, mas certamente já viu no rosto de pessoas que se consideram muito, muito melhores do que você.

— Eu sou a senhora Murphy Sallis — ela disse — e exijo que vocês saiam da minha casa.

— Você não é a senhora Murphy Sallis — Moxie insistiu, e depois se virou para mim. — Na verdade, não existe nenhuma senhora Murphy Sallis. Conheço a senhora Sallis desde criança, e sei que seu primeiro nome é Dot.

— Essa é a dama Sally Murphy — eu disse —, a atriz mais famosa de Manchado-pelo-mar. É uma lenda local.

A expressão da velhinha mudou, como se também houvesse água correndo pelo seu rosto. Ela sentou-se novamente na cadeira, que fez um som de

esguicho, e balançou a cabeça, nos lançando um olhar sombrio.

— É sempre bom conhecer um fã do teatro — ela disse.

— Achei mesmo que ela parecia familiar — disse Moxie. — *O Farol Manchado* estampou sua foto na primeira página uma dezena de vezes. Mas como você a conhecia, Snicket? O que está acontecendo? Por que ela disse que era a senhora Sallis? Quando foi que você descobriu que ela era uma impostora?

— Vamos deixá-la responder — eu disse.

— *Não tenho que dizer nada a vocês!* — berrou a velhinha. Provavelmente era o tipo de performance que as pessoas adoravam assistir no Teatro Manchado. — *Me deixem em paz! Respeitem os mais velhos!*

Respeitar os mais velhos já era bem difícil, mas quando eles estão ensopados e acabaram de provar que são desonestos, fica praticamente impossível. Curvei-me para olhar em seus olhos.

— Onde está Ellington? — perguntei. — Onde está a Fera Ressonante?

— *Saiam imediatamente!* — ela berrou, agora sem nenhuma empáfia. Ela parecia assustada. Não sabia guardar o medo para depois, ou talvez soubesse, e coisas muito mais assustadoras tinham acontecido antes de eu chegar ali. Talvez elas tenham acontecido antes mesmo de eu chegar ao vilarejo.

— Por que você me disse que a estatueta era sua? — perguntei a ela. — Quem a colocou neste porão?

— Ele me colocou — ela respondeu. — Agora saiam! Preciso pensar na minha família!

— Acho que posso ajudá-la — eu disse, pondo a mão em seu ombro molhado —, mas você precisa me dizer o que está acontecendo.

— Você não pode me ajudar — rosnou a velhinha, tirando minha mão de cima dela. — Ele é o único que pode me ajudar. Você é apenas uma criança.

Eu estava louco para tirar minhas meias molhadas, e não só porque estavam desconfortáveis.

— Pertenço a uma organização — eu disse —, que, tenho certeza, pode lhe ser útil.

Os olhos de Sally Murphy se arregalaram, e eu pude notar que ela estava ainda mais assustada do que já esteve.

— *Saiam!* — ela berrou, e, como muitas atrizes, ela repetiu essa fala muitas outras vezes. — *Saiam! Saiam! Saiam!*

— Esqueci de dizer — falei — que curei a minha surdez com um tratamento de gengibirra, de modo que você não precisa gritar.

— *Saiam!* — ela seguiu gritando, até que finalmente saí. Dei as costas pra velhinha e subi as escadas quase tropeçando em Moxie, que estava sentada num degrau datilografando furiosamente.

— E aí? — ela perguntou.

— E aí o quê?

— De que organização você estava falando exatamente? — ela perguntou, me olhando com um misto de atenção e entusiasmo.

— Não posso dizer a você — eu disse, passando por ela.

Ela guardou a máquina e correu atrás de mim escada acima e também pela cozinha abandonada.

— Por que não? — ela perguntou.

Segui pela mansão, minhas pegadas ecoando no vazio. A mansão dos Sallis estava abandonada há tanto tempo que ninguém percebeu quando alguém a ocupou sorrateiramente. Colocaram móveis velhos e alguns livros bobos numa sala pra parecer uma biblioteca e escolheram Sally Murphy para fazer o papel da sra. Sallis. Então contrataram Theodora e eu, que não saberíamos que a casa estava vazia e nem reconheceríamos a lenda local de Manchado-pelo-mar. O plano era nos fazer roubar a Fera Ressonante para sermos pegos no ato pelos policiais Mitchum. Com nós dois presos e Sally Murphy afogada no porão, o vilão teria tudo que ele queria, inclusive a estatueta. Mas eu havia estragado o plano ao despencar da boça. E Ellington Feint acabou roubando a estatueta por

suas próprias razões misteriosas e agora também estava no meio desse jogo sujo. Era apenas um pequeno objeto de madeira — *aquela velharia*, como Moxie o chamara —, mas levava o perigo onde quer que estivesse, assim como um polvo, geralmente inofensivo, pode manchar todo mundo com tinta em questão de segundos.

— Aonde você está indo? Por que você não fala comigo? O que está acontecendo? — Moxie ainda fazia perguntas, e eu, a essa altura, já estava na porta da frente.

— Não sei o que está acontecendo, mas é perigoso — disse ao parar na entrada dos carros, do lado de fora da mansão. — Acabamos de resgatar uma mulher de um afogamento.

— Ela não parecia querer ser resgatada — respondeu Moxie. — Ela disse que apenas *ele* poderia ajudá-la, embora *ele* a tenha colocado no porão. Quem é *ele*?

— Alguém que parece comigo — eu disse.

— O quê?

— Acho — eu disse, pensando em voz alta — que seu nome é Tiro Furado.

— O quê? — Moxie disse mais uma vez. — Quem? Por quê? Como? Me conte tudo, Snicket.

Pensei em Theodora, que provavelmente estaria brava comigo de novo. Já era noite e a estatueta ainda não havia chegado, como eu prometera. Eu precisava parar de fazer promessas.

— Não sei tudo — eu disse a Moxie. — Este vilarejo é um completo mistério. É uma coisa que a gente não está conseguindo enxergar, lembra?

— Sou jornalista — disse Moxie. — Posso ajudá-lo a resolver esse mistério.

— Então volte ao chalé — eu disse — e procure pistas. Havia alguém morando lá, uma garota um pouco mais velha do que nós. Tenho que encontrá-la.

— Uma garota? — ela repetiu, franzindo a testa. — O que ela tem a ver com isso?

— Não sei — disse, e comecei a caminhar na direção da saída.

— Volte pra casa comigo — disse Moxie. — Você poderá se secar e a gente pode comparar nossas anotações.

— Preciso voltar para o vilarejo — eu disse.

— Lemony Snicket, você pode me mandar até a Colina dos Lenços, mas eu sei mais sobre esta cidade do que você. Você não pode resolver esse mistério sozinho. — disse Moxie, franzindo a testa mais uma vez e com as mãos na cintura.

— Sei que não — admiti, mas comecei a andar sozinho pela estrada.



10

Quando cheguei às ruas de Manchado-pelo-mar o vilarejo ainda estava silencioso e com ar de abandonado, minhas meias molhadas ainda faziam barulho, e eu finalmente tinha entendido o que devia procurar. No começo, parecia não haver muito o que encontrar. Mas eu precisava descobrir quem tinha invadido a mansão dos Sallis. Precisava descobrir quem tentou afogar a dama Sally Murphy. Precisava encontrar Ellington Feint, seu pai e quem quer que o tenha capturado. E precisava descobrir por que tudo isso tinha acontecido. Mas quando me encontrava no meio de um quarteirão vazio e cinzento me dei conta de que todas essas coisas estavam ligadas. Todos estavam atrás da Fera Ressonante e, se aquela estatueta negra e assustadora estivesse em minhas mãos, todos estariam atrás de mim. Parecia mais fácil encontrar um objeto misterioso nas ruas desertas de Manchado-pelo-mar do que nas ruas de uma cidade movimentada, que estariam cheias deles. Comecei a me lembrar de todos os objetos misteriosos que havia na cidade e de como seria difícil para alguém que eu conhecia colocar as mãos em um deles em particular, ainda mais sem a minha ajuda.

Eu queria vê-la. Comunicar-me com ela por meio de títulos de livros inventados não era o suficiente. Quase podia ouvi-la dizendo: “Bem, L, qual foi o último lugar onde você viu essa estatueta?”.

“Em cima da mesa”, me imaginei respondendo, “na Colina dos Lenços, antes de os policiais Mitchum baterem na porta.”

“E o que estava acontecendo quando você foi abrir a porta?” Ela tinha o talento de fazer sempre a pergunta certa.

“Ellington estava enrolando a estatueta em jornal. Depois, ela fez o mesmo com um pacote de café. Ela me deu o pacote com o café, endereçado a Theodora, e juntou o outro com as coisas que ela estava enviando.”

“E ela o pôs na caixa de correio?”

“Sim.”

“Você tem certeza?”

“Sim, eu vi.”

“E você viu o endereço que ela escreveu no jornal?”

“Não”, eu diria, “mas ela deve ter enviado para si mesma.”

“Ela pode ter enviado para um cúmplice.”

“Ela estava morando sozinha naquele chalé”, eu responderia. “Além disso, se Ellington tivesse um cúmplice, ela nunca teria me pedido para ajudá-la.”

“Bem, ela não o enviou à Colina dos Lenços, senão o pacote teria estado lá esta manhã. Você ou Moxie teriam encontrado. Pense, L.”

“Você sabe que eu odeio quando você me chama assim.”

“Pra onde ela o enviou?”

Dei um gole demorado na minha gengibirra e fiquei pensando. Já que estava tendo uma conversa imaginária, não vi problemas em tomar uma gengibirra também imaginária para me ajudar a pensar. Por fim, eu diria: “Para o local que é uma das poucas razões que a fazem se aventurar no vilarejo”.

“E que local é esse?”

“Café Gato Negro. Na esquina da Caravan com a Parfait.”

“Bom trabalho, L. Você está se saindo muito bem sozinho.”

“E quanto a você?”

Ela não respondeu, é claro, e nem voltou a falar comigo o resto do dia. Eu ainda não conhecia muito bem as ruas de Manchado-pelo-mar, por isso meus passos eram incertos. Em condições normais, poderia pedir informações a um transeunte, mas sem vitalma na rua, não havia a quem perguntar. Em condições normais, também haveria um mapa no hotel, mas eu não queria ir até o Braços Perdidos. Theodora provavelmente estaria lá, devotando seu tempo, dedicação e audácia para uma dura muito mais intensa do que a da noite anterior. Então fiz o meu próprio caminho. Segui na direção do prédio em forma de caneta e acabei andando pela Caravan, uma avenida larga, vazia como todas as outras, que passava por toda a cidade como se também não soubesse aonde estava indo. Por fim, cheguei à Parfait, uma ruazinha estreita com um vento gelado, e lá estava o Café Gato Negro, um estabelecimento solitário, localizado num quarteirão em que todos os outros prédios estavam cobertos por tapumes. O único sinal de vida era uma enorme placa de madeira que sequer tinha o nome do lugar, apenas a imagem de um grande gato negro igual à que vi no pacote de café.

Quando empurrei a porta e entrei, a primeira coisa que pensei foi que finalmente tinha encontrado algum lugar com vida em Manchado-pelo-mar. A segunda coisa foi que não havia ninguém ali. O Café Gato Negro era uma sala comprida e estreita com um enorme balcão no meio, mas sem uma pessoa sequer sentada nos banquinhos. Atrás do balcão havia uma grande máquina reluzente que eu nunca tinha visto, cheia de tubos, alavancas, torneiras e painéis, tudo funcionando e fazendo muito barulho, mesmo sem ninguém por perto para operá-la. No canto, um piano tocando música, mas quando me aproximei vi que era uma pianola, instrumento capaz de funcionar sozinho. Parecia a mesma música que Ellington estava tocando no chalé, mas talvez eu só tivesse essa impressão porque estava pensando nela. Tinha me esquecido de perguntar o nome da música. Bem, não havia ninguém ali para quem eu pudesse perguntar, nem isso nem coisa alguma. Não havia ninguém para

perguntar se havia um pacote para Ellington Feint. Não havia ninguém para perguntar se Ellington Feint já tinha estado ali para pegar o pacote. E não havia ninguém para quem eu pudesse pedir um cardápio.

— Olá! — disse, que é o que todo mundo diz quando entra numa sala e se surpreende ao encontrá-la vazia. Eu me aproximei do balcão e vi três grandes botões de bronze, enfileirados, localizados numa parte do balcão em que não havia banquinhos. Cada botão era identificado por uma letra, também de bronze: *C*, *P* e *S*.

Quando apertei o *C*, a máquina atrás do balcão ganhou vida. Começou a jorrar vapor de uma série de buracos na parte superior, e um objeto redondo, parecido com uma lâmpada de metal, começou a tremer ruidosamente. Uma pequena porta se abriu, e de lá saiu uma longa mola com um funil na ponta. Em seguida, a lâmpada de metal começou a derramar alguma coisa que atravessou o funil e caiu dentro de algo que parecia um rádio. Por fim, uma garra metálica surgiu do nada, segurando um pequeno pires branco que equilibrava uma pequena xícara branca, que se encheu até a boca com algo que tinha um cheiro sombrio e familiar. A garra depositou o pires e a xícara bem na frente do botão *C*, onde ficou fumegando.

— Café? — eu disse em voz alta, e, já que havia oferecido a mim mesmo, resolvi ser educado também respondendo a mim mesmo: — Não, obrigado.

Quando pressionei o *P*, partes diferentes da máquina começaram a tremer, e outro tipo de vapor jorrou de uma fileira diferente de buracos. Dois dispositivos, que pareciam mãos metálicas, começaram a lutar com uma massa branca e pegajosa, golpeada em seguida por um par de martelos de madeira. Finalmente a coisa toda foi enfiada dentro de uma porta e um relógio começou a marcar o tempo. Depois de alguns instantes, um alarme soou, a porta se abriu e uma coisa escorregou por uma esteira até parar na frente do botão *P*. Um cheiro bem melhor tomou conta do ambiente.

— O *P* é de pão — eu disse, e estava delicioso.

Quando apertei o botão *S*, a máquina não se moveu e, por um segundo, pensei que alguma coisa tinha dado errado. Mas então, bem acima de mim, ouvi um barulho forte, como se o prédio inteiro estivesse sendo erguido por um guindaste. Fiquei em pé, e uma enorme parte do forro foi baixando até formar um ângulo agudo e revelar uma escadaria que levava para cima e para bem longe de onde eu estava.

— Sótão — eu disse. Um bom lugar para se guardar um pacote. A música que vinha da pianola sugeria que eu não devia me preocupar, mas subi as escadas com um frio na barriga, além de um monte de pão. Estava cansado de surpresas escondidas em salas estranhas. Mas o sótão do Café Gato Negro era mais uma dessas salas enormes sem ninguém dentro. Encostados nas paredes havia armários e prateleiras cheias de pacotes de café. E havia uma mesa comprida, com envelopes e pacotes organizados em pilhas, como se algumas pessoas recebessem a correspondência no Café Gato Negro e não em casa. Fiquei me perguntando por quê. Não eram tantos pacotes assim. Havia uma pequena caixa, endereçada a um dr. Flammarion, em que estava escrito SUPRIMENTOS MÉDICOS. Havia um longo tubo em que estava escrito EQUIPAMENTO ELÉTRICO endereçado a apenas um par de iniciais que não me diziam nada. E também havia um pacote do tamanho de uma garrafa de leite, enrolado em jornal, com uma caligrafia que eu reconheci imediatamente.

Desembrulhei o pacote cuidadosamente. Era a Fera Ressonante. Ela não parecia feliz por ter sido encontrada, mas eu estava feliz por vê-la. “Tudo que há no mundo”, pensei, “cada pequena coisinha, Snicket, tem o seu lugar, e o dessa estatueta, agora, é nas suas mãos.”

O sol estava se recolhendo quando pisei novamente na rua, e a estatueta parecia ressonar debaixo do meu braço. É claro que ela não estava de fato fazendo isso, mas eu estava nervoso por carregar uma coisa que todo mundo queria, mesmo a tendo embrulhado de novo cuidadosamente. Pensei que a Suíte Extremo Oriente tinha poucos esconderijos, então me desviei do meu

caminho, passei rápido pelo Braços Perdidos e me dirigi a um lugar que já guardava tantos segredos que um a mais não faria diferença.

— Bem-vindo — disse Dashiell Qwerty quando entrei na biblioteca. — Vejo que você está carregando esse peso desde hoje pela manhã.

— É o que parece — eu disse.

— Veio conferir seus pedidos para a filial de Fourier? — ele perguntou, com o rosto inexpressivo de costume. — Até agora não recebi resposta.

— Vim só procurar alguma coisa pra ler — eu disse.

Qwerty então sorriu, e fez um gesto com a mão e o braço coberto pela jaqueta de couro.

— Sinta-se em casa — ele disse, e foi o que fiz.

Eu estava em Manchado-pelo-mar havia poucos dias e já tinha passado mais tempo ali do que no quartinho vagabundo que dividia com Theodora. Apesar do corte de cabelo esquisito e do rosto inexpressivo, eu me sentia mais confortável com meu sub-bibliotecário do que com a minha tutora. E todas aquelas estantes, mesmo tão despovoadas quanto as ruas por onde eu andava, faziam-me sentir melhor do que qualquer outra coisa em Manchado-pelo-mar. Ali eu estava em casa, e por isso achei que era aceitável esconder uma coisa nas prateleiras por um tempinho. Procurei um livro grande, que parecesse chato, e acabei me contentando com algo chamado *Uma análise de “Marrom, preto e bege”*, torcendo para que ninguém se interessasse pelo estudo de cores ordinárias por pelo menos um dia. Desembrulhei a estatueta, tirei o livro da estante e enfiei a Fera Ressonante no espaço vazio, o mais fundo que pude, antes de recolocar o livro no lugar.

Pensei que agora eu precisava embrulhar alguma coisa com aquele jornal. Qwerty havia visto o pacote, e ele perceberia que eu estava sem ele quando saísse. Um livro grande, ou, quem sabe, três médios seriam bons substitutos, e eu sabia exatamente quais livros iria pegar. Eu me sentia culpado por roubar livros da biblioteca, mas prometi a mim mesmo que os devolveria o mais

rápido possível. Achei os três livros e sentei no lugar de sempre. Não tinha pressa de retornar ao hotel, podia passar algum tempo lendo. Mesmo com tudo que havia acontecido, uma outra coisa estava na minha cabeça desde a manhã.

Fiquei lendo até Qwerty me avisar que estava na hora de fechar. Eu o agradei e me dirigi à estante, fingindo que ia recolocar os livros no lugar. Em vez disso, eu os embalei com o jornal e me despedi com um aceno ao sair. Era bem tarde. Eu não estava certo de que *O longo segredo* fosse o melhor livro. Os três eram bons. Atravessei o gramado maltratado na esperança de encontrar Ellington Feint. Talvez ela também os lesse, e nós poderíamos ter uma discussão amigável sobre qual deles era o melhor. Nada solidifica mais uma amizade do que uma boa discussão amigável. “Mas você não é amigo de Ellington Feint”, disse a mim mesmo.

Meus pensamentos seguiram essa linha por todo o caminho até o Braços Perdidos, onde um táxi meio amassado e familiar estava estacionado. Pela janela pude ver Juca adormecido e encostado no volante. Eu o invejei quando pisei no lobby. Theodora estava parada em um ângulo que dava a impressão de que a cabeça da estátua saía de sua cabeleira, mas ela não estava de bom humor para ouvir essa observação.

— Por onde é que você andou? — ela disse, numa voz tenebrosa. — Eu estava morrendo de preocupação, Snicket.

— Sinto muito — respondi.

— Acabo de receber uma ligação perturbadora — ela disse, e começou a caminhar de um lado para o outro, na frente da mulher de gesso. — A polícia já considerava você suspeito de furto e de vandalismo contra a lâmpada de um poste. E agora você estava brincando com uma garotinha perto de um poço. Você devia ser meu aprendiz, Snicket, não minha dor de cabeça!

— Quem ligou pra você? — perguntei. Estava cansado de todas aquelas ligações misteriosas, especialmente porque eu mesmo nunca conseguia usar o telefone.

— O senhor Mallahan — disse Theodora. — Ele estava muito zangado e disse que você não pode mais chegar perto da filha dele.

— Acho que não era o senhor Mallahan.

— Não se faça de bobo, Snicket. Ele disse que era o senhor Mallahan, e a voz parecia ser mesmo a dele.

— Há muito mais coisas nesse mistério do que a gente pensa que sabe — eu disse. — E por isso não é seguro manter a Fera Ressonante aqui.

— Você está falando disso, não é? — disse Theodora, apontando o pacote que eu trazia embaixo do braço. — Quer dizer que a única coisa que deveria estar com você não está? Já lhe falei que estamos sendo observados. Se você fracassar nessa tarefa, a minha reputação ficará manchada.

— Você já está no último lugar do ranking — eu disse, me arrependendo imediatamente. Não tinha sido criado por pessoas que costumavam levantar a mão pra mim, ainda não sabia que, com algumas pessoas, se você disser a coisa errada na hora errada, você poderia apanhar.

Os olhos de Theodora se arregalaram, em choque com o que eu havia dito.

— Isso não foi nada inteligente — ela berrou. — Nem adequado! — E, rosnando da mesma forma que uma fera lendária faria, ela levantou a mão coberta por uma luva. Ela provavelmente queria me bater, mas não sei se de fato o faria. O que sei é que fomos interrompidos pela voz de Próspero Perdido, que estava na cabine no canto do lobby, e chamou pelo meu nome.

— Lemony Snicket — ele disse —, ligação para você.

Theodora deixou escapar um gritinho de irritação muito agudo, me deu as costas e subiu as escadas. Fiquei olhando ela se afastar e depois fiz um gesto com a cabeça para Próspero, que tinha voltado a seu posto na recepção e deixado o telefone pendurado. Fui até a cabine amassando o jornal enfiado debaixo do meu braço. Tentei adivinhar quem poderia estar me ligando, e fiz isso em voz alta. Fiz a mim mesmo a pergunta que está impressa na capa deste livro, que, mais uma vez, era a pergunta errada. A certa seria: “Quando foi que

ouvi a voz dessa pessoa antes?”. Mas essa pergunta não me ocorreu na hora, nem mesmo quando peguei o telefone e comecei a ouvir as coisas terríveis que foram ditas.



||

— **Alô?**

— É a Ellington — disse a voz do outro lado da linha. Parecia ofegante e preocupada, ou talvez fosse apenas o telefone. — Estou encrencada.

— Onde você está? — perguntei.

— Ele me capturou — disse a voz. — Preciso da sua ajuda.

— Tiro Furado?

— Tiro Furado. — Não sou muito peludo, mas todos os pelos do meu corpo se arrepiaram ao ouvir esse nome. Aparentemente, a menção do nome causou efeito similar em Próspero Perdido, que deixou a recepção e passou a tirar o pé das almofadas do sofá ao meu lado. Queria que meu professor de Espionagem Básica estivesse aqui para reprová-lo.

— Ele me encontrou no chalé, me arrastou até aqui e me trancou neste quarto. Estou apavorada.

— Graças a Deus você encontrou um telefone — eu disse.

— Você está com a estatueta?

— A Fera Ressonante — eu disse, só pra ver Próspero Perdido sacudir uma almofada ainda mais perto de onde eu estava. “Sacode, sacode, sacode, senhor Perdido”, pensei.

— Você está com ela, Lemony?

Gostava mais quando Ellington me chamava de sr. Snicket. E, claro, gostava ainda mais quando falava com a verdadeira Ellington.

— Acho que não seria muito inteligente responder essa pergunta pelo telefone.

— É claro — respondeu a voz. — Bem, se estiver com ela, leve-a até o número mil e trezentos da avenida Respingada.

— Se estivesse com ela — eu disse —, eu deveria mesmo levá-la a algum endereço, no meio da noite, em vez de mantê-la aqui, onde pode ficar segura?

— Se ele conseguir a estatueta, vai me soltar. Por favor, Lemony, não demore.

— Com certeza foi muito legal da parte dele ter deixado você fazer a mala antes de arrastá-la até aí — eu disse. — Até a sua vitrola havia sumido. Como era mesmo o nome daquela música?

— Não demore — disse a voz outra vez, e o telefone ficou mudo. Tenho que admitir que realmente parecia a voz de Ellington Feint, assim como deve ter parecido a voz do sr. Mallahan quando Moxie atendeu o telefone. Olhei para o pacote que eu tinha nas mãos.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer por você? — disse Próspero Perdido, juntando as mãos empoeiradas. De repente, me ocorreu outra palavra para “obsequioso” que era ainda mais insultante.

— Sim — eu disse, e entreguei a ele os livros enrolados no jornal. — Pode guardar este pacote para mim?

— Oh, sim — ele disse, baixando a cabeça servil.

— Obrigado — eu disse. — Acho que alguém deve vir buscá-lo muito em breve.

— Uma hora dessas? — ele perguntou.

— Você ficaria surpreso com as coisas que acontecem uma hora dessas — respondi, para em seguida sair do hotel e bater na porta do táxi Belerofonte. Juca abriu os olhos e baixou a janela.

— Deus, Snicket, você nunca dorme? — ele perguntou.

— E o seu pai, nunca dirige essa sucata? — respondi.

— Ele está doente, como eu disse a você — falou Juca. — Precisa de uma carona?

— Precisa de uma dica?

— Claro.

— Acho que você pode ter razão sobre o livro do sapateador.

— Isso não é uma dica.

— Desculpe — eu disse. — Está tarde. Posso ficar devendo?

Juca olhou para baixo e sacudiu seu irmão:

— Acorda, Chico. Temos uma corrida.

— Aonde vamos? — perguntou Chico, perto do pedal do freio.

— Avenida Respingada, mil e trezentos — eu disse.

— Não tem nada lá, Snicket — disse Juca. — De todos os lugares desertos de Manchado-pelo-mar, esse é provavelmente o mais deserto de todos.

— Não sobrou nenhum prédio na avenida Respingada — concordou Chico, enquanto eu me acomodava no banco traseiro.

— Sabe quando alguém diz que há um monstro embaixo da sua cama? — perguntei a eles. — E, é claro, você sabe que isso não existe, mas mesmo assim você precisa dar uma olhadinha embaixo da cama? Bem, é isso que nós vamos fazer.

— Pra mim, parece uma boa aventura — disse Juca, dando a partida no motor.

— Falando em aventura, se vocês ainda não leram *O vento nos salgueiros*, deveriam — disse a eles.

— Agora sim. *Isso é que é dica* — disse Juca. — Vamos nessa.

Fomos naquela. Com o motor roncando e os freios guinchando, os irmãos Belerofonte rapidamente deixaram para trás as partes menos abandonadas de Manchado-pelo-mar e logo estávamos em ruas que não tinham nenhum

estabelecimento aberto. Em seguida, eram ruas que não tinham luz. Até mesmo os semáforos automatizados haviam desaparecido das esquinas. Finalmente chegamos à avenida Respingada e, como Chico havia dito, não havia sequer um prédio até onde a vista alcançava. O táxi parou na primeira quadra da avenida larga. Nos dois lados da rua e pelas treze quadras seguintes, havia apenas terrenos baldios e uma ou outra pilha de escombros que às vezes chamavam a atenção. Ellington Feint não estava sendo mantida em cativeiro no número mil e trezentos da avenida Respingada, mas, mesmo assim, pedi a Juca e Chico que fôssemos até o final da rua. Paramos na frente de um terreno baldio. Lembrei de algumas passagens secretas que havia embaixo de determinados prédios na cidade, mas notei imediatamente que não havia portas ou qualquer outra coisa que pudesse levar a um segredo ali. Não havia absolutamente nada.

— O que foi que eu disse a você? — chiou Chico.

— Vocês estavam certos — eu disse. — Lamento tê-los feito perderem seu tempo. Vamos voltar.

— Você não nos fez perder nosso tempo, Snicket — disse Juca, com um sorriso gasto no rosto. — Você e a sua tutora são a coisa mais interessante que aconteceu nesta cidade nos últimos tempos.

Sorri de volta e, a julgar pelo som das freadas, entendi que Chico estava sorrindo também.

— Boa noite — eu disse, quando chegamos de volta ao Braços Perdidos. Próspero Perdido estava parado na entrada do hotel, observando enquanto estacionávamos.

— Boa noite — ele disse, com sua voz fininha. — Bem-vindo de volta.

— Obrigado — respondi. — Alguém veio buscar o pacote?

— Um cavalheiro veio assim que você saiu — ele disse. — Ele pegou o pacote, mas não pareceu muito contente, então o mandei para a Suíte Extremo Oriente.

— Você fez *o quê?* — perguntei.

— Eu o mandei até o seu quarto, para que ele pudesse conversar com a senhora Markson — disse Próspero Perdido, com o mais tímido dos sorrisos.



Atravessei o lobby correndo. O dono do Braços Perdidos me seguiu, dessa vez sem nem fingir que estava limpando qualquer coisa. Quando chegamos à escada, pude ouvir alguém gritando.

— Será que devo chamar a polícia? — Próspero perguntou.

— Não — eu disse. — Arranje uma folha de papel e um lápis bem apontado, e desenhe nove colunas, cada uma delas com quatorze casas — e o deixei para trás, perplexo, enquanto eu corria escada acima. A porta da Suíte Extremo Oriente estava totalmente escancarada, com uma mancha verde e pegajosa na maçaneta. “Fique assustado depois”, eu repetia a mim mesmo.

S. Theodora Markson poderia ter sido cantora de ópera. Seus gritos eram muito altos, mesmo abafados pelo lenço que amarraram em sua boca. O lenço era feito do mesmo tecido que amarrava os braços e as pernas, enquanto ela se retorcia na cama, como se fosse uma borboleta tentando sair de um casulo mais resistente do que o esperado. O quarto estava todo zoneado, palavra usada para algo que é divertido fazer no quarto de outra pessoa, mas não tem a menor graça quando alguém faz no seu. Cada peça de roupa de Theodora tinha sido arremessada pra fora das gavetas dos armários, e minha mala foi tirada debaixo da minha cama e esvaziada no chão. É embaraçoso ver as roupas de alguém atiradas por todo lado, embora seja difícil dizer por quê. A mesa tinha sido virada de cabeça para baixo e as persianas, arrancadas da janela. Chequei o banheiro, mas não havia ninguém lá. Tiro Furado havia saído pela janela. A única coisa que não havia sido destruída no quarto era o quadro da garotinha segurando no colo um cão com a pata enfaixada. Olhei pra ela, e parecia que ela estava querendo me lembrar de desamarrar Theodora. Tentei começar pelo lenço, mas o nó era muito complicado. Theodora piscou os olhos e balançou a cabeça na direção do banheiro, indicando que eu poderia encontrar uma faca por lá. Procurei, mas não achei faca nenhuma. Theodora indicou que eu devia olhar mais uma vez. Não havia nenhuma faca quando olhei pela segunda vez. Por fim, com movimentos de cabeça muito mais complexos e piscadas muito

mais rápidas, ela esclareceu que não queria dizer “faca”, mas sim “cortador de unhas”. Eu o achei e, com muito esforço, consegui rasgar o lenço que tapava sua boca para que ela tivesse mais liberdade para gritar comigo.

— Isto é tudo culpa *sua*, Snicket!

Quando alguém está amarrado, em geral a culpa é de quem deu os nós. Além disso, quando uma pessoa está amarrada, ela provavelmente estará bem irritada e dirá coisas que talvez não quisesse ter dito.

— Como ele era? — perguntei, começando a rasgar o pano que prendia seus braços.

Percebi que era uma tira de lençol, mas as bordas estavam muito irregulares para terem sido cortadas, e havia umidade em vários pontos do tecido. Ele devia ter usado os dentes. Não gostei de imaginar alguém rasgando um lençol em tiras com os dentes. Pareceu uma coisa selvagem ou violenta demais para se fazer.

— Ele estava usando uma máscara — disse Theodora. — E disse que ia me matar. — Seus olhos seguiam piscando. Ela estava chorando. Chorar é como se fosse o oposto de dar uma dura, pois adultos dificilmente têm permissão para fazê-lo. — Ele vai nos matar, Snicket, se não conseguir aquela estatueta. É um homem terrível. É desprezível. É asqueroso, palavra que, neste contexto, significa que ele é terrível e desprezível. Precisamos entregar a Fera Ressonante a ele.

— Não foi o que combinamos — lembrei a ela, enquanto tirava o pedaço de lençol de seus pulsos. — Prometemos devolver a Fera Ressonante ao seu legítimo dono.

— Então por que simplesmente não damos a estatueta à senhora Sallis? — disse Theodora respirando fundo e tirando o cortador das minhas mãos para soltar seus pés.

— Aquela não era a senhora Sallis — eu disse. — Era uma atriz. Toda essa missão foi um embuste, e Tiro Furado está por trás de tudo. Ele imita vozes no

telefone. Ameaça pessoas. Ele está fazendo tudo que pode para colocar as mãos nessa estatueta. Não podemos entregá-la a ele.

— Você é apenas um aprendiz em experiência — disse Theodora, severa. — E você vai fazer tudo que a sua tutora disser. Agora, saia daqui. Mal consigo olhar pra você.

— Mas Theodora...

— *Saia!* — ela gritou e enfiou a cabeça na cama revirada. Seus ombros começaram a tremer por baixo da cabeleira. Limpei a maçaneta com meu lenço, fechei a porta suavemente e, muito cansado, deixei a Suíte Extremo Oriente. Era a segunda pessoa que eu salvava no mesmo dia das garras do Tiro Furado, e nenhuma tinha me agradecido. Embora não bebesse café, eu compreendia o que Ellington tinha falado sobre a necessidade de coisas que nos restaurem. Saí do Braços Perdidos passando por Próspero Perdido, que estava debruçado sobre um pedaço de papel, contando alguma coisa nos dedos. Joguei meu lenço arruinado no lixo. Estava com um cheiro salgado e horrível. Do lado de fora, vi que Juca e Chico dormiam no táxi, e não tive coragem de acordá-los. Saí caminhando. A esquina da Caravan com a Parfait ficava mais perto do que eu imaginava. Como da outra vez, parecia não haver ninguém ali, embora a pianola continuasse tocando a mesma música interessante e complexa, e a máquina reluzente estivesse pronta para fazer *C* ou *P*. Mas eu estava querendo mesmo era o *S*, e a escadaria de metal que me levaria a uma das poucas razões que fazem uma amiga se aventurar até o vilarejo.

Se estivesse prestando atenção, eu teria notado que a maioria dos pacotes tinha sumido da sala que ficava no alto da escada. Eu devia ter prestado atenção. Mas, não, apenas olhei para a pessoa de costas pra mim. Perto dela havia uma mala grande e listrada e uma caixa de formato estranho, ideal para guardar uma vitrola antiga. Uma bolsa verde, com formato de um tubo comprido com zíper, estava pendurada em seu ombro enquanto ela ficava ali parada, olhando as prateleiras cheias de pacotes de café. Então ela se virou, e eu

prestei atenção no cabelo muito negro, nas sobrancelhas encurvadas como pontos de interrogação e nos olhos verdes debaixo disso tudo.

— Lemony Snicket — ela disse.

— Ellington Feint — respondi, e foi só então que vi também o seu sorriso, daqueles que podem significar alguma coisa.



12

— **Vamos tomar um café? — Ellington perguntou.**

— Esta é a pergunta errada — eu disse.

— Ah, é — ela disse. — Você não bebe café. Bem, não há gengibirra aqui, nem chá ou leite. Não sei nem se tem água no Café Gato Negro.

— Não foi isso que eu quis dizer — eu disse.

— Sei o que você quis dizer — disse Ellington, passando por mim. Os sapatos faziam *clang, clang, clang* enquanto ela descia pela escada de metal. — Você quis dizer: “Como você pôde roubar a estatueta de mim, Ellington?”. Bem, talvez você se sinta melhor se souber que alguém a roubou de mim também. Era pra estar bem aqui, neste sótão, mas agora ela se foi, e estarei perdida se não conseguir recuperá-la.

— Eu estou com ela — eu disse.

A garota parou. Ellington apontou uma de suas longas e negras unhas para mim. — Você está com a Fera Ressonante?

— Sim — eu disse.

— Senhor Snicket, por favor, dê a estatueta para mim — ela disse, fazendo *clang, clang* escada acima para me olhar bem nos olhos. — Ela é muito valiosa. Preciso dela. E preciso para amanhã de manhã.

— Ela não é valiosa, senhorita Feint — eu disse. — Ela é só uma velharia.

— É valiosa pra mim — disse Ellington, e pude ver que ela falava a verdade. *Tudo e qualquer coisa*, ela havia dito.

— Por quê? — perguntei. — Pra que ela serve? O que ela faz?

— Não sei.

— Então como é que ela pode ser valiosa pra você?

Ellington examinou o salão, como se alguém pudesse estar escondido entre os envelopes e os grãos de café.

— Porque ela é valiosa para o Tiro Furado — ela disse, enfim. — Se eu a entregar a ele, meu pai será solto.

— Foi o que imaginei — eu disse.

— Foi o que imaginei que você tinha imaginado — ela disse.

— Gostaria de ajudá-la a salvar seu pai — eu disse —, mas prometi devolver a Fera Ressonante ao seu legítimo dono.

— Você também prometeu me ajudar — ela me lembrou. — Se você não me der a estatueta, é possível que eu nunca mais veja meu pai.

— Você não pode confiar nesse Tiro Furado — eu disse. — A última pessoa que o ajudou em suas tramoias quase morreu afogada.

— A senhora Sallis?

— Não era a senhora Sallis — eu disse —, mas isso não importa. Tiro Furado é um vilão, senhorita Feint. Ele é um homem terrível. Você não pode se associar a ele.

— Não me importo com o Tiro Furado — disse Ellington. — Eu me importo com o meu pai. Ela deu um suspiro e largou o tubo comprido com zíper. — Tiro Furado sequestrou diversas pessoas para obrigá-las a cooperar com suas armações. Meu pai foi uma delas. Estou seguindo seus passos há algum tempo, mas sempre acabava ficando muito para trás. Então, há alguns dias, meu pai me ligou e disse para eu vir até Manchado-pelo-mar. Ele falou que Tiro Furado o mantinha preso aqui, mas que o libertaria se, em troca, eu entregasse a Fera Ressonante a ele.

— Engraçado — eu disse —, porque você me ligou não faz muito tempo, pedindo para que eu fosse até o número mil e trezentos da avenida Respingada. Era você quem estava sendo mantida presa lá, e o Tiro Furado a libertaria em troca da mesmíssima coisa.

— Não fiz nada disso — disse Ellington confusa, piscando os olhos.

— Sei que não fez — eu disse. — O Tiro Furado tem a habilidade de imitar a voz das pessoas. É assim que ele consegue executar todos os seus planos sem nunca aparecer. Ele usou uma máscara quando atacou Theodora. É provável que muito pouca gente saiba como ele é.

— Mas então como vamos encontrá-lo?

— Bem, ele deve estar por perto — eu disse, e Ellington olhou nervosamente escada abaixo. — Ele precisaria estar em um lugar onde pudesse ficar de olho tanto na senhora Sallis quanto em você.

— Tenho que dar a estatueta a ele — disse Ellington, com os olhos verdes furiosos e preocupados. — Tiro Furado me disse que precisa da estatueta até amanhã de manhã. Todos os passos do meu plano funcionaram perfeitamente. Assim que eu descobri que a estatueta pertencia aos Mallahan, mudei para a Colina dos Lenços e fiquei alguns dias esperando uma oportunidade para invadir a casa e roubá-la. Então, uma noite, vi você e a sua colega de cabelos selvagens irem até o farol e descerem pela boça. Dei tanta sorte que você conseguiu cair justo na minha árvore. Quando você me mostrou a Fera Ressonante, eu sabia que a hora tinha chegado.

— E você teria conseguido escapar com ela — eu disse —, mas você me falou sobre o Café Gato Negro. Por quê?

Ellington deu de ombros, e suas bochechas ficaram meio vermelhas.

— Porque gosto de você, senhor Snicket — ela disse. — Pensei que você acharia esse lugar interessante, mesmo não bebendo café.

— Achei mesmo interessante — respondi. — Acho toda essa história interessante. Prometi ajudá-la, senhorita Feint, e vou ajudá-la. Seu pai caiu nas

garras do mal, mas não precisamos ser malvados necessariamente. Podemos salvá-lo sem sermos subservientes a um vilão como o Tiro Furado.

— O que “subserviente” quer dizer?

— Comportar-se de maneira obsequiosa.

— Eu poderia ficar nesse jogo a noite toda, senhor Snicket. O que “obsequiosa” quer dizer?

— Vamos ficar nesse jogo a noite toda — eu disse. — Só posso pegar a Fera Ressonante amanhã de manhã. Vamos devolvê-la aos Mallahan, depois vamos encontrar seu pai e então derrotar o Tiro Furado.

Eu esperava parecer mais confiante do que me sentia, mas quando Ellington franziu a testa, eu soube que tinha dado a impressão de que não tinha certeza de que alguém como Tiro Furado poderia ser derrotado.

— Como é que duas crianças vão derrotá-lo sozinhas? — ela perguntou.

— Não estamos sozinhos — eu disse. — Eu tenho aliados.

— Aquela mulher cabeluda?

— Outras pessoas.

— Eles estão por perto?

Não disse nada por um instante, fiquei ouvindo a pianola tocar lá embaixo. Nenhum outro barulho chegava até mim. Estava ficando tarde. Era bem possível que a pessoa em quem eu estava pensando estivesse dentro de um buraco profundo.

— Não tão perto quanto eu gostaria — eu disse.

— Você é um mistério, senhor Snicket — Ellington disse. — Contei a você todos os motivos que me trouxeram até este vilarejo, mas você não falou sequer uma palavra sobre os motivos que o trouxeram até aqui.

— Tive uma educação incomum, como já disse. Minhas aulas acabaram, mas agora sou o aprendiz de S. Theodora Markson. Dos cinquenta e dois tutores possíveis, ela ocupava a última posição.

— Você merecia coisa melhor — Ellington disse.

— Eu a escolhi de propósito — eu disse. — Imaginei que assim teria mais tempo para fazer o que eu realmente preciso fazer.

— E o que é? Você também está procurando seu pai?

— Meu pai está vivo, e está bem — eu disse, arrepiado pela lembrança do homem na Casa de Chá e Papelaria Cicuta. — O que preciso fazer é cavar um túnel até o porão de um museu.

— Pra quê?

— Tem uma coisa lá — eu disse. — Está em exposição, mas precisa ir para as mãos certas.

— Mas por que você tem de fazer isso? — perguntou Ellington. — Parece um trabalho de adulto. Por que seus pais não o estão ajudando?

Pensei nos meus pais, e nas pessoas que fingiram ser meus pais, e então naquela nuvem estranha que se levantou no beco quando Theodora jogou fora o láudano que havia no meu chá. Senti uma coisa estranha no peito, como se a preocupação fosse um emaranhado de ervas daninhas, e quando Ellington colocou a mão sobre o meu ombro, imaginei que seus dedos compridos poderiam me ajudar a desemaranhá-las.

— Meus pais não podem me ajudar — eu disse —, eles simplesmente não podem.

— Assim como meu pai — disse Ellington, timidamente, e eu me permiti, por alguns segundos, sentir muito a falta dos meus pais. Pensei primeiro no rosto do meu pai, e então no da minha mãe, e ambos estavam sorrindo. “Só alguns segundos, Snicket”, disse a mim mesmo, piscando muito rápido, porque em alguns segundos Ellington me faria outra pergunta.

— Mas quem são essas outras pessoas? — ela perguntou. — Vocês são algum tipo de clube?

— É segredo — eu disse. — Na verdade, toda essa história é segredo.

— Se é segredo, por que você está me contando?

— Porque eu gosto de você, senhorita Feint — admiti. — Imaginei que você a acharia interessante.

Ellington Feint concordou lentamente com a cabeça, e descemos juntos a escada fazendo *clang, clang*. Ellington apertou o botão *S* para fechar o sótão e colocou sua bolsa verde sobre o balcão enquanto a máquina lhe preparava um café. Desviei meu olhar de Ellington Feint para o vapor que saía da parte de cima do elaborado aparelho. Era legal ficar olhando. A pianola seguia tocando e, em determinado momento, encostei minha cabeça no balcão. A última coisa que vi antes de cair no sono foi o sorriso de Ellington, que foi também a primeira coisa que vi quando acordei.

— Bom dia, senhor Snicket — ela disse.

Ela tinha tirado uma laranja da bolsa e a descascava com as unhas, formando uma longa e contínua tira de casca. Bocejei e fiquei em pé. Ellington havia colocado seu casaco sobre os meus ombros, como um cobertor. Eu o devolvi, embora me sentisse aquecido com ele. Diversas partes do meu corpo me diziam que agradeceriam se, no futuro, eu dormisse deitado em uma cama, e não sentado no balcão do Café Gato Negro. Em silêncio, garanti a elas que esta era uma situação incomum, e fiz a máquina me preparar uns pães para o café da manhã. Ellington me passou a laranja, pegou alguns pedaços de pão e começou a mastigar.

— Fiquei pensando enquanto você dormia — ela disse.

— Em que você pensou, senhorita Feint?

— Fiquei pensando que você estava certo. Não posso confiar no Tiro Furado. Não devo dar a Fera Ressonante a ele.

— Então você vai me ajudar a devolvê-la aos Mallahan? — perguntei. — Promete?

— Se você prometer que me ajuda a encontrar meu pai — ela disse. — Aperta aqui.

Apertamos as mãos com força. Terminamos de comer e deixamos o Café Gato Negro. Ellington acomodou a bolsa sobre o casaco e sorriu para a pianola na saída. O sol começava a nascer, e Manchado-pelo-mar não pareceu tão estranha e deserta como costumava ser. Era uma cidade pacata. Normalmente, àquela hora, eu estaria lendo em segredo por alguns minutos, antes de a manhã começar, e pensei se o Tiro Furado estaria com aqueles três livros da biblioteca que embrulhei no jornal. Não conversamos enquanto caminhamos pelas ruas, deixando apenas o barulho discreto da manhã falar por nós. Uns poucos passarinhos, uns poucos insetos. Nossos próprios passos. Não demorou muito, já estávamos passando pela estátua estranha e indecifrável e subindo as escadas para a biblioteca. Quando entramos, Dashiell estava espantando traças.

— Estava justamente pensando em quem viria até aqui a uma hora dessas — ele disse, olhando primeiro para Ellington, e depois para mim. Seu rosto estava sem expressão, como de costume, mas havia curiosidade em seus olhos.

— Só queremos procurar uma coisa — eu disse a ele.

— Sintam-se em casa — ele disse, mas eu já estava conduzindo Ellington até o lugar em que havia visto a estatueta pela última vez. Meu coração começou a bater mais rápido quando contornamos uma fileira de estantes, palpitação quase tão sonora quanto a máquina do Café Gato Negro. A Fera Ressonante já havia escapado das minhas mãos uma vez. Procurei rapidamente por *Uma análise de “Marrom, preto e bege”* e puxei o livro da estante. “Talvez, Snicket”, disse a mim mesmo. “Talvez a estatueta não esteja aqui.”

Mas ela estava lá.

— Por que você a escondeu aqui? — Ellington perguntou, num sussurro.

— Bibliotecas costumam ser lugares seguros — respondi —, e este livro pareceu tão chato que achei que ninguém nunca iria querer lê-lo.

— Aí que você se engana, senhor Snicket — ela retrucou. — Este seria o primeiro livro que eu teria escolhido.

A maneira como ela olhava para o livro me fez lembrar o que Qwerty havia me dito. Em toda biblioteca existe um livro capaz de responder uma pergunta que queima como fogo em sua mente. Então percebi que aquele não era um livro sobre cores. Ele não estava na seção correta. Estava na seção de música. Eu estava errado, no entanto. Estava errado sobre o livro que responderia as perguntas de Ellington.

Assim como havia feito na Colina de Lenços, Ellington nem olhou direito para a Fera Ressonante. Em vez disso, olhou para sua bolsa comprida e verde, abriu o zíper e a segurou aberta para mim.

— Não podemos sair por aí mostrando a Fera Ressonante pra todo mundo — ela disse. — Vamos escondê-la aqui.

Olhei pra ela, e ela olhou de volta.

— OK — respondi —, mas eu fico com a bolsa.

Esprei que ela dissesse algo como “você não confia em mim, Snicket?”, mas, em vez disso, ela enfiou a mão na bolsa e tirou um pequeno rolo de papel, que guardou no bolso do casaco. Então me passou a bolsa sem falar nada, e eu coloquei a Fera Ressonante dentro dela. Eu também não disse nada, nenhum dos dois disse coisa alguma enquanto saíamos da biblioteca, descíamos a escada e atravessávamos o gramado maltratado. A estatueta era ainda mais leve do que parecia, mas era mais pesada do que qualquer coisa que eu quisesse carregar.

— Se a devolvermos para os Mallahan — perguntou Ellington —, Tiro Furado não irá atrás deles?

— Não se ele não souber que ela está com eles — respondi.

O olhar de Ellington vagou pelo gramado, mesmo que não houvesse muito para se olhar por ali.

— Lembrei de um livro que meu pai costumava ler para mim — ela disse. — Um monte de elfos e outras criaturas entram numa tremenda guerra por causa de uma joia que todo mundo quer, mas ninguém pode usar.

— Nunca gostei muito desse tipo de livro — respondi. — Sempre tem um mago muito poderoso que acaba não ajudando muito.

— Ah, discordo — disse Ellintgon, e talvez pudéssemos ter tido uma boa discussão amigável que teria solidificado nossa amizade. Se tivéssemos falado sobre livros só mais um pouquinho, talvez o meu relato fosse bem diferente. Mas fomos interrompidos pela chegada de uma perua toda arreventada, com uma lanterna presa no teto, tocando uma sirene muito esquisita. Quando o carro parou, deu pra ver que não era uma sirene de verdade que fazia aquele barulho, mas alguém imitando sirene: Stew Mitchum, debruçado pra fora da janela, no banco traseiro, logo atrás de seus pais. Ao seu lado estava S. Theodora Markson, que foi a primeira a sair do carro.

— Snicket! — ela disse. — Estava preocupada com você.

— Theodora nos disse que você não voltou para o quarto a noite passada — disse Harvey Mitchum.

— Nosso querido filho jamais faria uma coisa dessas — disse sua esposa.

— Estamos perdendo a paciência com esse tipo de comportamento — disse o Mitchum masculino. — Não somos bobos, Lemony, e não estamos de brincadeira.

— Ainda é muito cedo para tirar conclusões — disse sua esposa —, mas eu não ficaria surpresa se você fosse o responsável por toda a confusão que anda acontecendo neste vilarejo ultimamente.

— O furto, por exemplo.

— E o vandalismo.

— E o roubo de algumas coisas.

— Já falei do roubo, Harvey.

— Não, Mimi. Você falou do furto.

— É a mesma coisa.

— É um pouco diferente.

— Um pouco diferente quer dizer quase a mesma coisa.

— Mas não exatamente.

— Mas quase. Quase é quase exatamente.

— Não, não é.

— Sim, é sim.

— Não, não é, e você está com mau hálito.

— Essa não é a questão.

— E qual é a questão?

— Vou te dizer qual é a questão.

— Por que você sempre insiste que você é quem sabe qual é a questão e não eu?

— Essa não é a questão.

— Lá vem você de novo.

Corri para o carro com a questão, mostrando a bolsa para acabar com a discussão.

— Estou com o objeto roubado bem aqui — eu disse. — Tivemos algumas complicações, mas Ellington e eu conseguimos reavê-lo.

— É verdade, Snicket? — disse Theodora, me olhando aliviada. — Você está mesmo com a...

— Sim — respondi rapidamente.

Não seria muito inteligente, pensei, dizer o nome do objeto em voz alta, mesmo na presença de agentes da lei. Se o Tiro Furado soubesse para onde a estávamos levando, certamente tentaria roubá-la outra vez. Eu não sabia direito em quem podia ou não confiar. Stew Mitchum me deu um sorriso debochado, escondido atrás dos pais. Também achei que não seria muito inteligente abrir a bolsa para mostrar à Theodora a estatueta negra e estranha que tinha causado toda essa confusão. Mas eu estava errado mais uma vez. Ou talvez isso não importasse.

— Bem, devemos devolvê-la à família Sallis o quanto antes — disse Theodora, acenando firmemente a cabeça coberta pelo capacete.

— A família Sallis? — perguntou Harvey Mitchum, franzindo a testa. — Eles deixaram a cidade já faz algum tempo. Não tem ninguém naquela mansão.

— Exceto, talvez, os ratos — acrescentou sua esposa.

— Mimi, ratos não são pessoas.

— Sei disso, Harvey. Você acha que não sei disso?

— Seus legítimos donos são a família Mallahan — eu disse a Theodora. — A estatueta está na família há gerações. Você mesma pode checar na biblioteca.

Era difícil dizer o que mais desagradava Theodora, ela estar errada ou ter de ir até a biblioteca para descobrir.

— Pode ser que você esteja certo — ela disse, frase que, neste contexto, queria dizer “estou errada, mas não tenho coragem de admitir”.

— Podemos levá-los até os Mallahan — ofereceu Mimi Mitchum. O marido disse a Stew para passar para o banco da frente, e Theodora, Ellington e eu nos esprememos no banco de trás, com a bolsa esmagada entre nós. Não conversamos muito no caminho até o farol, mas os policiais Mitchum ficaram mais do que felizes preenchendo o silêncio falando maravilhas sobre o querido filhinho. Eu preferia ter lido mais sobre o prateiro com a mão queimada, ou sobre a família que fazia manteiga na floresta, ou até mesmo sobre o mago que acabava ajudando muito menos do que se esperava. Por fim, a perua parou na frente do farol; Theodora abriu a porta e saiu.

— O seu período de experiência acabou — ela me disse —, pode entregá-la você mesmo.

Ela estendeu a mão. Por um instante, achei que fosse me bater, como quase havia feito na noite anterior, no Braços Perdidos. Mas eu estava errado mais uma vez. Coberta por uma luva, a mão ficou flutuando aberta na minha frente por um segundo, então olhei Theodora bem nos olhos e apertei sua mão o mais firme que pude. Theodora deu uma leve estremecida e eu me virei para que ela não pudesse ver que eu estava sorrindo.

— É bom ver isso terminar bem — disse o policial Mitchum, acenando sua mão gordinha em uma saudação satisfeita.

— Era o que eu ia dizer — disse, muito séria, a esposa.

— Boa sorte, senhor Snicket — disse Ellington, abrindo um sorriso caloroso.

— Obrigado, Ellington — respondi. — Não vou me esquecer da promessa.

— “Não vou me esquecer da promessa” — disse Stew me imitando, e em seguida começou a entoar uma cantiga inconveniente sobre eu e Ellington sermos namorados. Caminhei até o farol e bati na porta, e a porta se abriu antes mesmo que Stew pudesse cantarolar o que eu e Ellington estaríamos fazendo num lugar tão improvável.

— Quais são as novas, Moxie? — eu disse, quando ela abriu a porta.

— Lemony Snicket — ela disse, sorrindo, e dando espaço para que eu pudesse entrar. — O que você está fazendo aqui? Quem são esses aí com você? Quando você vai me dizer o que está acontecendo? O que você tem nessa bolsa?

— É uma coisa que pertence à sua família — eu disse —, e que estou devolvendo a você.

Ela me fez entrar e fechou a porta atrás de nós. A máquina de escrever estava mais ou menos no meio da escada, o que indicava que Moxie estava datilografando suas notas sentada no lugar de costume.

— E aí? — perguntou Moxie.

— Esta quinquilharia é parte de uma longa história que eu finalmente estou pronto para contar a você — eu disse. — Prometi que responderia suas perguntas quando tudo isso tivesse acabado, então pode perguntar o que você quiser.

— Que bom — ela disse, acenando contente com a cabeça. Seu chapéu acenou junto, enquanto ela subia as escadas pensando na primeira pergunta. — Por que você roubou essa estatueta, e por que você a está trazendo de volta?

— Prometi entregá-la ao seu legítimo dono — eu disse —, que é a sua família.

— Mas eu disse isso a você na primeira vez em que nos vimos — disse Moxie, me levando até a redação. — Minha família colecionou essas coisas por muitos anos, enquanto o jornal estava funcionando, mas ninguém jamais se importou muito com elas, exceto pela pessoa que mandou aquele telegrama.

Tirei o lençol da mesa e coloquei a bolsa ali, junto com toda a parafernália relacionada à fera lendária.

— A pessoa que mandou aquele telegrama — eu disse — foi a mesma que ligou para minha tutora fingindo ser seu pai.

— E ligou pra mim — disse Moxie, pensativa — fingindo ser você.

— E ligou para mim fingindo ser Ellington Feint — eu disse, abrindo a bolsa.

— Ele deve ser muito bom imitando a voz das pessoas — disse Moxie.

Olhei pela janela por um segundo, além do penhasco coberto de grama, na direção da estranha e inóspita Floresta Aglomerada. Aquela floresta era um lugar sem leis, eu sabia, mas o Tiro Furado precisaria estar em algum lugar mais próximo, onde pudesse ficar de olho nas pessoas que o estavam ajudando.

— Não apenas vozes — eu disse. — Também o ouvi imitando o canto de pássaros.

Moxie teve um sobressalto, e eu também, mas cada um de nós por razões diferentes, porque olhávamos para coisas diferentes. Moxie estava olhando dentro da bolsa, que eu havia aberto inteiramente, e em vez de ver os olhos estranhos e vazios da Fera Ressonante, via um pacote de café com um gato preto impresso. Mas eu ainda estava olhando pela janela. Os policiais Mitchum estavam ali, jogando conversa fora com Theodora, Stewie olhava para uma das árvores com um sorriso perverso no rosto e o estilingue nas mãos. Um pouco adiante, dava pra ver a silhueta de uma garota alta, com um casaco comprido,

saindo em disparada por entre as árvores. Era Ellington Feint, e ela tinha alguma coisa escura nas mãos.



13

— **Então foi o mordomo?** — **perguntou Hector. Era o** décimo segundo aniversário dele.

Se alguém está lendo este relato, e eu não tenho motivos para acreditar nisso, queria dizer que espero que não passe o seu décimo segundo aniversário comendo amendoins empoeirados no lobby do Braços Perdidos, com Próspero Perdido o observando do outro lado da sala. A maioria das pessoas merece uma festa.

— Tiro Furado não era bem um mordomo — contei ao meu aliado —, e ele não chegou a cometer um crime. Quando o telegrama para os Mallahan não obteve resposta, ele contratou a dama Sally Murphy para fingir que era a senhora Murphy Sallis. Ele se passou por mordomo para ficar de olho enquanto ela nos contratava para roubar a Fera Ressonante.

— O Tiro Furado convenceu aquela garota a tentar roubá-la também? — disse Hector franzindo a testa, com ar pensativo.

— Sim. Ele disse a Ellington Feint que ela nunca mais veria o pai se não o ajudasse. Ela invadiu o Colina dos Lenços e tentou pensar num jeito de roubar a estatueta, mas acabou tendo uma ajudinha da sorte quando caí do céu em sua vida, e ainda por cima com a estatueta! Quando a polícia bateu na porta, ela me enganou embrulhando a estatueta e um pacote de café, me fazendo pensar

que eu estava enviando a Fera Ressonante para Theodora no Braços Perdidos. Ellington estava com a estatueta verdadeira e a enviou para si mesma, no Café Gato Negro, mas eu descobri a farsa e cheguei lá antes dela. Provavelmente quando eu estava sentado ao seu lado na perua dos Mitchum, ela trocou os pacotes mais uma vez e fugiu com a estatueta. E agora não conseguimos encontrá-la.

— Você acha que ela levou a estatueta para Tiro Furado?

— Não sei — eu disse. — Espero que não.

— Me parece muito trabalho por causa de uma simples estatueta — ele disse —, ainda mais uma em que ninguém estava interessado. Pra que ele a queria, afinal de contas?

Dei uma boa examinada no lobby do Braços Perdidos. Três dias haviam se passado, e não haviam sido fáceis. Fiquei o tempo todo me fazendo as mesmas perguntas, enquanto lia na biblioteca ou sentado no balcão do Café Gato Negro, ouvindo a pianola e torcendo para que Ellington Feint entrasse pela porta. Um mistério se resolve com uma história, e a história começa com uma pista. Eu tinha pensado que a pista fosse a Fera Ressonante, mas depois comecei a achar que talvez fosse outra coisa. Talvez fosse a garotinha procurando o pai com apenas uma mala cheia de roupas e uma vitrola antiga, com algumas canções que não saíam da minha cabeça. Eu não tinha ninguém para compartilhar essas canções ou esses pensamentos, pelo menos até o Hector aparecer no vilarejo aquela tarde.

— Não sei — disse a ele. — Existe um mistério envolvendo a Fera Ressonante e o Tiro Furado que ainda não desvendi.

— E quanto disso vai para o seu relatório oficial? — perguntou.

— Praticamente nada — respondi. — Para a minha tutora, o caso está encerrado. Escrevi apenas que o cliente nos contratou para encontrar, discretamente, um objeto roubado, e que tanto o objeto quanto o cliente acabaram desaparecendo.

— Isso não vai ficar bem no seu histórico, Snicket.

— Não ligo — eu disse. — Tenho um trabalho a fazer.

Hector suspirou, e eu me recostei no sofá imundo.

— Você está deixando todo mundo preocupado, Snicket. Monty está preocupado. Haruki está preocupado. Esse seu plano de escolher o pior tutor para poder secretamente...

— Acho que isso não é da sua conta — eu disse, severo.

— Você sabia que dois outros tutores estavam pensando em sedá-lo para que você perdesse seu compromisso?

— Eles tentaram — eu disse. O episódio na Casa de Chá e Papelaria Cicuta parecia ter acontecido muitos anos atrás.

— Aposto que você gostaria que eles tivessem conseguido. Assim você seria aprendiz de outra pessoa em vez dela. A Theodora é tão ruim quanto dizem?

— Ela está lá em cima, tirando uma soneca — eu disse, e Hector deu uma olhada no relógio e balançou a cabeça. Ele ficou quieto por um instante e, então, virando-se rapidamente para ver o que fazia Próspero Perdido, tirou a jaqueta e a entregou para mim.

— Tem um mapa do sistema de esgotos da cidade costurado dentro do forro — ele disse. — Não perca. Foi muito difícil consegui-lo.

— Obrigado, Hector. De verdade.

— Só não entendo como é que isso pode ser útil pra você aqui — disse Hector. — Levei o dia todo pra vir da cidade até aqui. Este lugar é esquisito, Snicket. Aqueles poços de tinta, aquela floresta farfalhante de algas, as máscaras que você precisa usar se aquele sino toca... tem alguma coisa muito errada com Manchado-pelo-mar. Aposto que não tem nenhum restaurante mexicano decente.

— Tem uma boa biblioteca — eu disse —, uma boa jornalista e diversas pessoas interessantes. Isso já é mais do que a maioria dos lugares tem.

— Não vá ficar interessado naquela Ellington — Hector disse. — Ela é mentirosa e ladra.

— Ela só está tentando salvar o pai — eu disse —, e eu prometi ajudá-la.

— Você está mesmo num grande dilema, Snicket. Boa sorte. — disse Hector suspirando e levantando-se para ir embora.

— Você tem como voltar? — perguntei. — Conheço um bom serviço de táxi.

— Obrigado, mas tenho meu próprio meio de transporte.

— Outro projeto de balonismo? — perguntei a ele.

Hector concordou com a cabeça.

— Meu tutor me deu a missão de tirar algumas fotos aéreas de uma parte remota do oceano. Algo suspeito foi avistado.

— Então você não vai voltar para a cidade?

— Não nos próximos meses — disse Hector. — Por quê?

— Por nada — eu disse, dando de ombros. Eu sentia o pacote dentro da minha própria jaqueta. Tinha passado a maior parte da manhã costurando-o ao forro. Costurar é uma tarefa chata e espinhosa. Ellington Feint, com seus dedos longos e meticulosos, teria feito um trabalho melhor. Mas ainda levaria um tempo até que eu a visse novamente, e agora não fazia sentido dar a minha jaqueta a Hector, já que ele não voltaria à cidade a tempo.

— Até logo, Snicket — disse Hector. — Cuide-se. E, por favor, diga ao seu substituto na cidade que eles terão de pegar o caminho mais longo, que contorna o museu. Se eles entrarem no cano errado, vão acabar morrendo afogados.

— Não existe um substituto — eu disse.

— Então você vai esgueirar-se para fora desse vilarejo e juntar-se a ela?

— Estou preso aqui em Manchado-pelo-mar por enquanto — disse, sacudindo a cabeça.

— Você não pode deixá-la fazer isso sozinha — disse Hector mais alto do que pretendia, com os olhos esbugalhados. Próspero Perdido ficou nos olhando com curiosidade e saiu de trás do seu balcão.

— Que escolha eu tenho? — sussurrei para Hector.

— Ela não é apenas sua aliada, Snicket — ele sussurrou de volta, recolocando seu chapéu. — Ela é sua irmã.

— Sei disso — eu falei duramente, mas ele fechou a cara, balançou a cabeça e saiu pela porta.

Eu quis sair correndo atrás dele gritando “Sei que ela é minha irmã. Você acha que não sei disso? Você acha que não sei que estou botando minha irmã em perigo?”. Em vez disso, respondi apenas “feliz aniversário”, mas Hector não parou. É possível que ele tenha andado ainda mais rápido. A essa altura, Próspero Perdido estava parado bem ao meu lado, e nós dois ficamos vendo Hector desaparecer pela rua escura.

— Brigou com seu amigo? — perguntou Próspero Perdido, como se fosse da conta dele.

— Não foi uma briga. Eu só disse a coisa errada.

— Cedo ou tarde, todo mundo faz alguma coisa errada na vida — disse Perdido dando um dos seus sorrisos tímidos.

É verdade. Cedo ou tarde, todo mundo faz alguma coisa errada. É verdade, mas não gostei de ter ouvido aquilo. Acenei para ele com a cabeça e me virei. A estátua da mulher pareceu estar me dando de ombros. Pena que ela não tinha braços. Dei de ombros para ela também e fiquei pensando na outra estátua, a Fera Ressonante, e no vilão que a queria para si. E pensei no vilarejo que estava desaparecendo e no mar que já havia sumido. E pensei nos olhos verdes de Ellington Feint e nas sobrancelhas em forma de pontos de interrogação sobre eles. Não foi só uma vez ou outra. Estive errado várias e várias e várias vezes, errado todas as vezes sobre todas as pistas desse mistério sombrio e obscuro, que paira sobre a minha cabeça e a de todos os outros. Foi como se um sino

soasse dentro da minha cabeça: errado, errado, errado. Eu estava errado, pensei, mas, se ficasse o tempo suficiente naquele vilarejo, talvez pudesse dar um jeito para fazer tudo se acertar.





Seth já retratou muitas circunstâncias duvidosas e personagens obscuros ao longo de sua vida. É escritor, ilustrador e cartunista premiado, autor de, entre outros, Palookaville, Clyde Fans e The Great Northern Brotherhood of Canadian Cartoonists.

Copyright do texto © 2012 by Lemony Snicket
Copyright das ilustrações © 2012 by Seth
Copyright da ilustração da capa © 2012 by Seth
Copyright da capa © 2012 by Hachette Book Group, Inc.

Ilustrações publicadas mediante acordo com Little, Brown and Company,
Nova York, Nova York, Estados Unidos. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz s.a.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Who could that be at this hour?

Capa

Gail Doobinin

Preparação

Adilson Miguel

Revisão

Adriana Cristina Bairrada

Viviane T. Mendes

ISBN 978-85-8086-473-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@sequinte.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

Sobre o autor

Créditos